



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

JOSÉ DOUGLAS DA SILVA LIMA

**A PLURIVOCIDADE NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DOS GÊNEROS NOTÍCIA E REPORTAGEM**

**ARAPIRACA, AL
2023**

JOSÉ DOUGLAS DA SILVA LIMA

A PLURIVOCIDADE NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DOS GÊNEROS NOTÍCIA E REPORTAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Letras Português do Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Barbosa Silva

ARAPIRACA, AL
2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

L732p

Lima, José Douglas da Silva.

A plurivocidade na linguagem jornalística: uma análise discursiva dos gêneros notícia e reportagem / José Douglas da Silva Lima. – 2023.

1 PDF: (1 arquivo : 679 kB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 106 folhas.

Orientação: Prof. Dr. Wellington Barbosa Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação, Licenciatura em Letras-Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2023.

1. Gênero discursivo. 2. Plurivocidade. 3. Discurso jornalístico. I. Título.

CDD: 401

JOSÉ DOUGLAS DA SILVA LIMA

A PLURIVOCIDADE NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DOS GÊNEROS NOTÍCIA E REPORTAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Letras Português do Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras Português.

Aprovado em: 14/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Barbosa Silva (Orientador)
Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Prof. Me. Erinaldo da Silva Santos
Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Prof. Me. Vitor Emmanuell Pinheiro da Silva
COC – Arapiraca

Aos meus amados pais, quero expressar todo meu carinho e profunda gratidão pela dedicação incansável e pelos inspiradores exemplos de superação e integridade que sempre demonstraram. Cada gesto, cada conselho e cada momento compartilhado moldaram não apenas a pessoa que sou hoje, mas também o esforço que coloquei neste caminho. Seu amor e orientação foram a bússola que guiou meus passos, e por isso, **dedico** a vocês o sucesso que alcanço hoje. Obrigado por serem os pilares inabaláveis da minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força e coragem que me concedeu, capacitando-me a enfrentar este desafio com determinação. Em meio aos altos e baixos da jornada, sua benevolência foi minha âncora que manteve viva a chama da perseverança. Pois, é em ti, que busco conforto.

Ao professor Wellington Barbosa, meu orientador, que atuando como mediador, acompanhou-me e incentivou-me durante a jornada de construção deste trabalho com dedicação e amizade.

Aos amigos com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que, certamente, tiveram impacto na minha formação acadêmica.

RESUMO

Um dos principais objetos de estudo da pesquisa contemporânea sobre gêneros discursivos é o pensamento de Mikhail Bakhtin, que tem exercido consideráveis influências em diversas áreas das ciências humanas e sociais, desempenhando um papel crucial na reconfiguração de como compreendemos a natureza da linguagem humana. Nesse cenário, emerge a noção de plurivocidade como um conceito-chave da teoria enunciativo-discursiva bakhtiniana, destacando a complexa interação de vozes heterogêneas que permeiam os diferentes gêneros discursivos. Assim, o foco central deste trabalho reside em analisar a plurivocidade dentro da perspectiva de Bakhtin nos textos da esfera jornalística, destacando para isso as notícias e reportagens e, através dessa análise, ao abordar a complexidade do discurso jornalístico, observar como múltiplas vozes coexistem dentro de um mesmo texto, influenciando a construção de significados e a interpretação do leitor. Este enfoque não apenas se conecta com as análises sobre os gêneros discursivos, mas também ressalta a aplicação prática das teorias bakhtinianas na esfera jornalística. Para isso, adotamos a metodologia da pesquisa qualitativa, incorporando os pressupostos metodológicos da análise documental, na busca de abrir mais espaço entre o pesquisador e seu objeto de estudo para o desenvolvimento de novas ideias em uma abordagem mais dinâmica e participativa. O referencial teórico buscou articular as discussões sobre gênero discursivo e plurivocidade (Bakhtin, 2002, 2009, 2010, 2011), nos princípios discursivos da mídia (Charaudeau, 2013), nos princípios dialógicos e polifônicos (Brait, 2015), dentre outros. Por fim, chegamos ao entendimento de que o reconhecimento da plurivocidade não apenas amplia a compreensão do cenário informativo, mas demanda uma nova atitude em relação à diversidade de vozes presentes, considerando que a verdadeira compreensão emerge da interação dinâmica entre as distintas visões de mundo dos sujeitos e suas intencionalidades.

Palavras-chave: gênero discursivo; plurivocidade; discurso jornalístico.

ABSTRACT

One of the main objects of study in contemporary research on discursive genres is the thought of Mikhail Bakhtin, who has exerted considerable influences on various areas of human and social sciences, playing a crucial role in reconfiguring how we understand the nature of human language. In this scenario, the notion of plurivocity emerges as a key concept in Bakhtin's enunciative-discursive theory, highlighting the complex interaction of heterogeneous voices that permeate different discursive genres. Thus, the central focus of this work lies in analyzing plurivocity within Bakhtin's perspective in texts from the journalistic sphere, highlighting news and reports and, through this analysis, when approaching the complexity of journalistic discourse, observing how multiple voices coexist within of the same text, influencing the construction of meanings and the reader's interpretation. This focus not only connects with analyzes of discursive genres, but also highlights the practical application of Bakhtinian theories in the journalistic sphere. To this end, we adopted the methodology of qualitative research, incorporating the methodological assumptions of document analysis, in the search to open more space between the researcher and his object of study for the development of new ideas in a more dynamic and participatory approach. The theoretical framework sought to articulate discussions about discursive genre and plurivocity (Bakhtin, 2002, 2009, 2010, 2011), the discursive principles of the media (Charaudeau, 2013), dialogical and polyphonic principles (Brait, 2015), among others. Finally, we come to the understanding that the recognition of plurivocity not only broadens the understanding of the information scenario, but demands a new attitude in relation to the diversity of voices present, considering that true understanding emerges from the dynamic interaction between the different worldviews of those present. subjects and their intentions.

Keywords: discursive genre; plurivocity; journalistic discourse.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OS ESTUDOS DIALÓGICOS DA LINGUAGEM.....	14
2.1	Sujeito e linguagem em Bakhtin.....	14
2.2	Interação discursiva e dialogia.....	21
2.3	Plurivocidade e polifonia.....	26
3	GÊNEROS DISCURSIVOS E PLURIVOCIDADE.....	33
3.1	Conceituando gênero discursivo.....	33
3.2	Os gêneros discursivos jornalísticos.....	42
3.3	O gênero discursivo notícia.....	46
3.4	O gênero discursivo reportagem.....	50
4	DEFINIÇÃO METODOLÓGICA E ANÁLISE DOS DADOS.....	55
4.1	Pesquisa qualitativa nos estudos linguísticos.....	55
4.2	A pesquisa “análise documental”.....	61
4.3	A análise dos dados: a plurivocidade nos gêneros jornalísticos.....	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERÊNCIAS.....	103

1 INTRODUÇÃO

Os gêneros discursivos referem-se a categorias ou tipos de textos que possuem características específicas em termos de estrutura, conteúdo, estilo e finalidade. Esses gêneros são combinados em contextos sociais e comunicativos para atender a diferentes objetivos de comunicação. Eles são usados para organizar e categorizar diferentes tipos de expressões verbais e escritas, facilitando a compreensão e a comunicação entre as pessoas.

A plurivocidade, por outro lado, é um conceito relacionado à variedade de vozes ou perspectivas presentes dentro de um gênero discursivo. Isso significa que um mesmo gênero discursivo pode ser explorado, interpretado e utilizado de maneiras diversas por diferentes indivíduos ou grupos, em interpretações e significados (Bakhtin, 2011).

A relação entre gêneros discursivos e plurivocidade está no fato de que os gêneros discursivos podem ser adaptados, modificados e interpretados de maneiras diversas de acordo com as intenções comunicativas e os contextos em que são utilizados. Essa diversidade de interpretações e usos contribui para a plurivocidade, ou seja, para a presença de múltiplas vozes, sentidos e significados dentro de um mesmo gênero, conforme aponta Bakhtin (2011).

Bakhtin (2011) ressalta que a plurivocidade não está limitada apenas aos gêneros discursivos, mas também é uma característica presente em muitos aspectos da linguagem e da comunicação, refletindo a diversidade de experiências e perspectivas das pessoas. Portanto, os gêneros discursivos são um contexto em que a plurivocidade pode ser observada e explorada.

Medvedev, um dos membros do Círculo de Bakhtin (2012), percebe as várias verdades sociais como "mutuamente contraditórias" devido às diversas práticas humanas. A diversidade das práticas sociais, que é refratada e ao mesmo tempo simbolicamente materializada, atua como uma fonte geradora das múltiplas interpretações do cenário social (das múltiplas vozes) presentes nos discursos que se constituem nos diferentes espaços de comunicação social. Nesse contexto, a comunicação discursiva refere-se ao uso da palavra e à utilização da língua, conforme explicado por Bakhtin (2011), quando diz que é por meio do discurso que a

história do pensamento emerge, revelando-se e apresentando-se por meio do pensamento, dos sentidos e pelos significados que o outro atribui ao que é dito.

Bakhtin (2011) ainda ressalta que, para que tenha promovido a comunicação verbal, o indivíduo dispõe de uma ampla gama de gêneros discursivos à sua escolha. Ele seleciona uma das formas de enunciados com base no assunto, que está diretamente relacionado à esfera discursiva, ou no tema, na situação de comunicação, ou na orientação do falante consigo mesmo e com o outro. Em outras palavras, o sujeito aprende a se expressar ao usar os gêneros de enunciados. O autor afirma que

As diversas esferas da atividade humana estão relacionadas com o uso da língua, e este uso, nas formas de enunciados, sejam eles orais ou escritos. Os enunciados refletem as condições específicas e o objeto de cada uma destas esferas, não só pelo seu conteúdo e pelo seu estilo verbal, ou seja, pela seleção dos recursos léxicos e gramaticais da língua, mas sim, antes de tudo, pela sua composição ou estruturação. O conteúdo temático, o estilo e a composição estão vinculados na totalidade do enunciado e se determina pela especificidade de uma esfera dada de comunicação. Cada enunciado separado é individual, mas cada esfera do uso da língua elabora seus tipos estáveis de enunciado, que são gêneros discursivos. Assim, a língua participa da vida através dos enunciados concretos que os realizam, como a vida participa da linguagem através dos enunciados (Bakhtin, 2011, p. 261).

Com isso, vemos que os gêneros do discurso se constituem no cerne da comunicação discursiva, entre sujeitos socialmente situados, a partir de um amplo trabalho que é desenvolvido com a língua e pela língua, num movimento de retomada e ressignificação de discursos anteriormente circulados no meio social. Esse trabalho que o sujeito desenvolve é permeado pelas intenções que regulam a sua produção discursiva, sendo arquitetado por uma temática social, uma estrutura linguística e um conjunto de recursos que passam a caracterizar o gênero escolhido e o estilo do produtor do texto.

Dito isso, o objetivo principal desta pesquisa é a análise, dentro da perspectiva de Bakhtin, da plurivocidade existente nos textos da esfera jornalística, destacando-se, preferencialmente, as notícias e as reportagens como objeto de estudo. Para isso, foram escolhidas duas notícias que se encontram nos veículos de informações ESTADO DE SÃO PAULO (ESTADÃO) e em O GLOBO e duas reportagens que circularam na revista ISTOÉ e na revista VEJA. Buscamos por meio

da análise de ambos os gêneros discursivo, nos diferentes meios de comunicação trazer à tona as vozes que estão por trás do discurso jornalístico que muitas vezes não se apresentam explicitamente no seu discurso, mas ficam evidente nas entrelinhas, revelando, assim, as intencionalidades do sujeito produtor de discursos.

Assim, organizamos o trabalho em 03 (três) seções, de maneira que a organização delas possa dar conta do entendimento de que as vozes que estão na arena da linguagem, nos discursos jornalísticos, são diversas e plurais e que refletem e refratam a visão de mundo e as ideologias de um grupo. **Na primeira seção**, lançamos, brevemente, um olhar histórico sobre a evolução da linguística enquanto ciência, com ênfase nas contribuições de Ferdinand de Saussure, Leonard Bloomfield e Émile Benveniste. Cada um desses linguistas apresentou perspectivas distintas sobre a natureza da linguagem, influenciando o desenvolvimento da disciplina.

Diferentemente da perspectiva teórica dos autores mencionados, apresentamos a visão alternativa à abordagem estruturalista predominante, a de Bakhtin, que considera a língua/linguagem como uma especificidade social e interativa. A concepção de Bakhtin destaca a linguagem como um campo de forças em constante tensão. Ele enfatiza que a linguagem evolui historicamente na comunicação verbal concreta, desafiando a ideia de que a língua é um sistema fechado. Crítica abordagens que veem a língua como um sistema abstrato e imutável, defendendo a interação e o diálogo entre os falantes. O diálogo, para Bakhtin (2011), é uma interação ativa entre falante, interlocutor e um “superdestinatário”, e a linguagem é dinâmica, moldada pela interação e pela resposta potencial do outro, propondo uma visão polifônica do mundo, destacando a participação ativa de várias vozes nas interações e enfatizando que o sujeito se constitui por meio de conversas e interações verbais.

Nessa visão polifônica de mundo, Bakhtin enfatiza que a polifonia não se limita à mera diversidade de vozes, mas implica que todas as vozes têm igual relevância, destacando a igualdade entre elas. Essa igualdade é central no conceito de polifonia e é exemplificada nos romances polifônicos de Dostoiévski, onde personagens dialogam entre si, criando um espaço de liberdade e diversidade. Bakhtin (2011) conecta polifonia ao dialogismo, concebendo a linguagem como uma comunicação verbal entre sujeitos sociais e históricos, em um contexto onde as palavras carregam significados moldados pela interação constante entre enunciados

passados e futuros. A plurivocidade, relacionada à capacidade da linguagem de abrigar diferentes significados, sublinha a dinamicidade da língua, refletindo a evolução da sociedade e da cultura. Considerar a diversidade de perspectivas e interpretações em qualquer forma de discurso, seja literário, oral ou midiático, torna-se fundamental na visão de Bakhtin.

Na segunda seção abordamos os conceitos de gêneros discursivos e plurivocidade com base nas contribuições de Bakhtin, destacando o enunciado como a unidade fundamental da linguagem. Trazemos para a discussão Bakhtin (2002, 2009, 2010 e 2011) que propõe uma abordagem crítica à visão abstrata da linguagem, enfatizando sua natureza social e histórica. A discussão se estende à distinção entre texto e enunciado, a relação entre construção composicional, conteúdo temático e estilo na construção dos gêneros discursivos, e a importância da interação dialógica entre enunciados.

No contexto jornalístico, exploramos as definições, características e importância na comunicação, citamos Melo (2003, 1998), que destaca a diversidade e complexidade dos gêneros, enfocando a necessidade de domínio para uma comunicação eficaz. A seção subsequente se concentra no gênero “notícia”, destacando sua importância fundamental na comunicação jornalística. Abordamos a estrutura da notícia, suas características linguísticas, e a relação temporal efêmera entre o evento e a informação. Discutimos a classificação de gêneros jornalísticos proposta por Medina (2001), Lage (2004) e Correia (2011), enfatizando a relevância cultural das notícias na compreensão de valores sociais.

Por fim, exploramos o gênero “reportagem” destacando seu papel crucial em aprofundar eventos, contextualizar fatos e fornecer análises reflexivas. Citamos Charaudeau (2013), Lage (2004) Bronckart (2012), que enfatizam o papel crucial na exposição de questões, na promoção da transparência e na responsabilização de indivíduos e instituições. Sua capacidade de aprofundar eventos, contextualizar fatos e oferecer análises reflexivas a torna uma ferramenta poderosa na criação de uma compreensão mais completa do mundo. Ao se inscrever no discurso da ordem do narrar, ela foca em fatos ligados à situação social em curso. Dessa forma, o texto da reportagem não apenas relata eventos, mas também busca persuadir os leitores a adotarem um posicionamento específico, orientado para a justiça.

Na terceira seção apresentamos a abordagem metodológica adotada em nossa pesquisa, fundamentando a escolha pela pesquisa qualitativa. Segundo

Creswell (2014), a pesquisa qualitativa busca tornar o mundo visível por meio de práticas interpretativas, como notas, entrevistas e registros pessoais. A abordagem enfoca a compreensão de fenômenos em seus contextos naturais, sendo interpretativa e naturalística, trazendo para o diálogo a análise do tipo documental. Do mesmo modo, explicamos o porquê do uso da pesquisa análise documental, destacando a importância dos documentos escritos, como fotos, notícias e jornais, para os pesquisadores nas ciências sociais e linguísticas.

Assim, como definido por Cellard (2008), como um procedimento que envolve métodos e técnicas para apreensão, compreensão e análise de diversos tipos de documentos. A pesquisa desse tipo possibilita desvendar conexões ocultas, padrões e tendências nos documentos, enriquecendo a compreensão do objeto de estudo. Na sequência, apresentamos **na subseção as análises da plurivocidade nos gêneros jornalísticos** buscando, a partir das categorias apresentadas, compreender como as múltiplas vozes na linguagem jornalística impactam não apenas a diversidade de perspectivas, mas também a formação de significado, seu querer-dizer, proporcionando o aprimoramento da comunicação jornalística contemporânea. Para alcançar esse propósito, a subseção foi organizada de forma a permitir que as análises abordassem as estratégias discursivas empregadas pelos autores em ambos os objetos de análise, evidenciassem as vozes presentes nos discursos, muitas vezes implicitamente, exigindo uma análise crítica e interpretativa dos eventos apresentados.

Por fim, reconhecemos que os textos da esfera jornalística, em especial, a notícia e a reportagem, configuram-se como gêneros discursivos que desempenham um papel na construção e disseminação de informações na sociedade contemporânea. A análise da plurivocidade nesses gêneros revela a complexidade inerente ao discurso jornalístico, em tal contexto, as múltiplas vozes convergem, muitas vezes conflitantes, para moldar a narrativa apresentada ao leitor.

2 OS ESTUDOS DIALÓGICOS DA LINGUAGEM

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascido no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação (Bakhtin, 2011, p. 410).

2.1 Sujeito e linguagem em Bakhtin

Os estudos da linguística enquanto ciência data do início do século XX com a publicação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure. Seu "Curso de Linguística Geral", compilado por Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916, lançou as bases para abordagens linguísticas inovadoras. Saussure introduziu conceitos revolucionários, como a distinção entre a língua e a fala, bem como a relação entre significante e significado. Para Saussure, a língua é um sistema abstrato, estruturado cujo valor de cada elemento se define pelas diferenças que apresenta em relação a outro elemento e pela sua relação com o conjunto "exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade" (Saussure, 2012, p. 22). Ele destacou que o significado das palavras surge das relações entre elas dentro desse sistema, estabelecendo assim os fundamentos da linguística estruturalista, que vê a língua como um princípio de classificação: uma forma de interpretar, organizar e categorizar o mundo.

A visão de Saussure sobre a língua é fundamentalmente estruturalista, pois ele a encarava como um sistema intrincado de valores puros. Contrariando a ideia de que a língua seria uma simples descrição do mundo, Saussure argumentou que ela é, na verdade, um fenômeno social, forjado pela coletividade dos falantes de uma determinada comunidade linguística. Esse sistema de valores linguísticos é

estabelecido mediante convenções sociais, em tal cenário, a arbitrariedade se torna a norma. Em outras palavras, não há uma relação intrínseca entre as palavras e os conceitos que elas representam; em vez disso, essa relação é construída e compartilhada por meio do acordo da comunidade.

Saussure viu a língua como um complexo sistema de valores puros, o que o torna fundamentalmente estruturalista. Saussure contestou a noção de que a língua é apenas uma descrição do mundo e afirmou que é um fenômeno social criado pela coletividade dos falantes de uma determinada comunidade linguística. As convenções sociais, em que a arbitrariedade é a norma, criam esse sistema de valores linguísticos. Em outras palavras, não existe uma conexão intrínseca entre as palavras e os conceitos que elas simbolizam; em vez disso, o consenso da comunidade permite que essa relação seja construída e compartilhada.

Para Saussure, a língua é, portanto, um sistema de regras abstratas e imutáveis, que permanece constante no seio da sociedade linguística, independentemente das variações individuais ou do contexto temporal. A imutabilidade da língua é crucial para a estabilidade da comunicação, pois permite que as gerações sucessivas de falantes compartilhem um sistema linguístico coeso e funcional.

Dentro dessa abordagem estruturalista, outras vertentes foram surgindo e discutindo a língua em diferentes perspectivas, uma figura de notável destaque é Leonard Bloomfield, cuja abordagem trouxe uma perspectiva única para a compreensão da língua. Em contraponto à abordagem de Ferdinand de Saussure, que direcionou a atenção para as relações abstratas da língua, Bloomfield se concentrou em revelar as estruturas tangíveis que constituem a linguagem e como elas podem ser descritas de maneira objetiva e empírica.

Bloomfield concebia a língua como um sistema organizado de elementos interdependentes, que “possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos (os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações)” (Bakhtin, 2011, p. 306), onde se entrelaçam para formar a tessitura da comunicação. Sua abordagem afastava-se de especulações subjetivas e focava na análise estrutural metódica das línguas. Contrariamente à noção de Saussure de que a língua é um sistema abstrato que

existe além da fala, Bloomfield acreditava que a língua deveria ser estudada através das manifestações concretas e observáveis da fala.

A análise fonêmica foi um componente fundamental da abordagem de Bloomfieldiana. Como unidades de som básicas, ele defendeu que os fonemas eram os componentes essenciais da língua e que saber as “[...] impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra [...]” (Saussure, 2012, p. 51), e como eles se relacionam é necessário para entender a estrutura linguística subjacente.

A perspectiva de Leonard Bloomfield sobre a língua ofereceu uma abordagem sistemática e empiricamente embasada para a compreensão linguística. Sua ênfase nas estruturas observáveis, como fonemas e regras gramaticais, contribuiu para o desenvolvimento do estruturalismo americano e complementou as visões mais teóricas de Saussure. Através de sua metodologia rigorosa, Bloomfield não apenas acrescentou uma dimensão concreta à análise linguística, mas também deixou um legado duradouro na evolução da disciplina.

À medida que a linguística evoluiu, novas perspectivas emergiram, enriquecendo a compreensão da linguagem. Uma figura de destaque nesse panorama é Émile Benveniste, cuja abordagem lançou luz sobre as intrincadas conexões entre a linguagem, o pensamento e a sociedade. Sua contribuição refinada expandiu ainda mais o espectro da linguística, oferecendo uma visão complementar à abordagem estruturalista de Saussure e à análise de Bloomfield.

Ao transcender a dicotomia saussuriana entre língua e fala, Benveniste abraçou a enunciação como um ponto focal de sua análise. Ele viu a enunciação como um ato singular, no qual a estrutura linguística é ativada e conectada ao contexto sociocultural. Essa abordagem sublinhou a importância da análise da interação entre a linguagem e os agentes comunicativos, considerando a língua como um fenômeno ligado à comunicação humana. A enunciação, para Benveniste, era um terreno fértil para explorar as nuances das relações interpessoais, do poder e da construção de identidade.

Nessa concepção de que a linguagem é uma atividade social, compreendemos que quando nos comunicamos, estamos envolvidos em atos de enunciação, na visão de Benveniste, nos quais utilizamos a linguagem para expressar nossos pensamentos e sentimentos. Esses atos de enunciação ocorrem

em contextos sociais, e a linguagem se torna a ferramenta central por meio da qual nos relacionamos com os outros.

Assim, inspirado pelo funcionalismo, Benveniste apresentou o conceito de "ato de discurso" (ou "enunciado"). Ele discerniu que as palavras vão além da transmissão de informações; elas são ferramentas que realizam ações. Essa perspectiva expandiu a definição tradicional de linguagem, encarando-a como uma força motriz na concretização de interações e propósitos. As palavras se transformaram em ações que "[...] revelam os seus significados somente no contexto [comunicativo] [...]" (Bakhtin, 2011, p. 382), portanto, desempenharam um papel vital na constituição das interações sociais e culturais.

No mesmo período surgem dentro dos estudos da linguagem as contribuições do filósofo Mikhail Bakhtin que vêm se contrapor à visão predominante da linguística do século XIX e início de século XX, que priorizavam uma compreensão da linguagem como algo puramente individual, abstrato e desvinculado da comunicação e da interação social. Diferentemente dessa abordagem estruturalista, Bakhtin apresentou uma concepção de língua(gem) diferente, colocando a língua(gem) como sendo uma especificidade social e interativa, que se manifesta por meio da interação discursiva entre os sujeitos. Ele entende a linguagem como um sistema de signos sociais e que "[...] os conhecimentos humanos apresentam um caráter de construto coletivo" (Bronckart, 2012, p. 34), que é construído e compartilhado pelos participantes de uma comunidade linguística. A linguagem não é apenas um meio de expressão individual, mas sim um instrumento de comunicação e interação social, em que "a linguagem é, portanto, primariamente, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática" (Bronckart, 2012, p. 34).

Segundo Bakhtin, a linguagem não é um sistema homogêneo e fechado, mas um campo de forças em constante tensão e movimento. As forças centrípetas são aquelas que tendem a unificar e centralizar a língua, impondo normas e padrões regulares. No entanto, ele enfatiza que ao lado dessa visão estruturalista, há a dinâmica real da vida linguística, que é composta pelas relações históricas e ideológicas entre os sujeitos. Essas interações sociais e históricas que ocorrem fora da língua são responsáveis por sua contínua construção, configurando uma abertura efetivada por forças centrífugas; as forças centrífugas são aquelas que tendem a diversificar e descentralizar a língua, criando variações e inovações. Essas forças

atuam simultaneamente em cada enunciação concreta, que é o resultado do diálogo entre os participantes do discurso (Bakhtin, 2011).

Para o filósofo (2009), a língua(gem) não é apenas um sistema de regras gramaticais ou um sistema abstrato, mas sim um fenômeno vivo e que “[...] evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 128) não podendo ser o único elemento mediador nos processos comunicativos reais entre o sujeito e o meio. Assim, a compreensão dos limites do sujeito e sua fragmentação, juntamente com o reconhecimento de que a linguagem não é apenas uma ferramenta transparente para conhecer o mundo, mas também um elemento ativo no pensamento, isso significa que o sujeito não pode acessar o mundo diretamente, sem a mediação da linguagem. Suas ideias, métodos e até mesmo sua imaginação são profundamente influenciados pela linguagem.

Bakhtin introduz uma perspectiva essencial na filosofia da linguagem, na qual o sentido é abordado de forma distinta. Ele argumenta que o sentido não pode ser reduzido a uma única coisa abstrata, mas sim decomposto em constituintes semânticos, em elementos objetivos, por um lado, e, por outro, incorporado na própria enunciação, nos enunciados concretos (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 166-167). Para Bakhtin, o sentido é sempre pessoal e profundamente entrelaçado com esses enunciados específicos.

Essa visão implica que a criação de sentido não ocorre de maneira isolada, mas é fortemente influenciada pela subjetividade e pelo estado interior do sujeito. O sentido surge da relação entre dois sujeitos, duas consciências diferentes, que compartilham valores dialógicos, “[...] isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 127). Essa perspectiva de Bakhtin desafia a visão tradicional que considera o sentido como algo unidimensional e abstrato, destacando a importância da linguagem e da interação social na construção do conhecimento e na compreensão da realidade.

Vemos, com isso, que a linguagem atua como um veículo poderoso para a disseminação de ideologias, seja no nível macro, como em sistemas políticos e culturais, ou no nível micro, como na interação cotidiana entre indivíduos. A linguagem não é apenas um meio de comunicação neutro, mas também um espaço onde as ideologias se materializam e se perpetuam, por meio dos signos sociais,

que, por sua vez, desempenham um papel fundamental nesse processo. Eles são construídos socialmente e carregam consigo valores, crenças e perspectivas específicas. Quando esses signos são incorporados à linguagem, eles passam a moldar a maneira como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Diferentes grupos sociais podem construir realidades distintas com base em seus próprios conjuntos de signos, pois

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 33).

Percebe-se, portanto, que cada signo gera ações e reações, desencadeando uma cadeia de eventos que moldam nossa compreensão coletiva da realidade. Como resultado, as palavras, que representam formas concretas dos signos, elas não são meros símbolos isolados, mas carregam consigo uma carga significativa de conteúdo ideológico e experiencial. Os indivíduos compreendem e reagem às palavras com base nos significados que atribuem a elas, e esses significados estão intrinsecamente ligados às suas vivências e à sua compreensão da vida social. Em outras palavras, “ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro” (Bakhtin, 2009, p. 117). Elas, por assim dizer, não são entidades estáticas, mas sim representações dinâmicas e fluidas de ideias, valores e experiências que evoluem ao longo do tempo.

Essa dinâmica entre signos, palavras e significados se torna fundamental para a compreensão da linguagem como um veículo de comunicação e construção de sentido na sociedade. À medida que os indivíduos interagem e compartilham suas experiências, as palavras se tornam um meio através do qual eles expressam suas perspectivas ideológicas e moldam a cultura e a identidade social. Por isso, a palavra sempre está “carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas

que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 99).

Assim, as transformações sociais muitas vezes estão intrinsecamente ligadas à evolução da linguagem e à forma como as palavras são usadas para refletir e influenciar as mudanças na sociedade num sistema complexo de troca de significados. Pois para Bakhtin/Volochínov, “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (2009, p. 117).

Desse modo, os indivíduos não apenas absorvem passivamente as palavras e os signos ideológicos, mas também os reinterpretam e os utilizam para redefinir suas próprias identidades e visões de mundo. Portanto, a relação entre signos, palavras e transformação social é uma via de mão dupla, em que a linguagem não apenas reflete a sociedade, mas também a influencia de maneira significativa.

Pode-se notar, então, que a linguagem é um fenômeno extraordinariamente complexo e multifacetado. Ela não se limita a ser um mero veículo de comunicação, mas é, na verdade, um espelho da cultura, da sociedade e da história em que se insere. Cada palavra, expressão e construção linguística, carrega consigo as marcas culturais, sociais e históricas de sua origem. Como tal, a linguagem não é apenas uma ferramenta para comunicar ideias; é um meio pelo qual os sujeitos dão vida às suas experiências, memórias e valores. Dentro dessa visão,

O homem é, efetivamente, um organismo vivo, dotado de propriedades biológicas e que tem comportamentos; mas é também um organismo consciente, que se sabe possuidor de capacidade psíquicas que as ideias, os projetos e os sentimentos traduzem (Bronckart, 2012, p. 24).

A influência da linguagem nas dimensões psíquicas, motoras e emocionais dos indivíduos é profunda. Ela molda a maneira como percebemos o mundo e como nos relacionamos com ele. Nossa capacidade de nomear e descrever o que nos rodeia não apenas reflete nossa compreensão, mas também a refrata. Portanto, a linguagem é um elemento fundamental no processo de construção da identidade individual e coletiva. Isso desafia as abordagens

estruturalistas que consideram a linguagem como parte de um sistema abstrato e estático de formas. Em vez disso, os pensadores russos nos convidam a reconhecer que a linguagem é dinâmica, em constante evolução, e que os indivíduos desempenham um papel ativo na criação e recriação de seu significado.

2.2 Interação discursiva e dialogia

Baseado nas ideias de Mikhail Bakhtin, a interação discursiva e dialógica são essenciais para entender a construção do conhecimento e a complexidade das vozes que participam do diálogo da vida. A concepção polifônica do mundo de Bakhtin diz que várias vozes participam ativamente das interações e formam unidades (Jobim e Souza, 2000).

Segundo Bakhtin, o sujeito é constituído por meio de conversas e interações verbais. O autor reconhece que uma concepção dialógica permeia a linguagem e que as vozes dos outros são essenciais para construir o nosso “eu” (Bakhtin, 2011). Isso significa que a palavra não é apenas uma expressão única, mas também uma conexão entre o locutor e o indivíduo que a fala. Nossa identidade é definida pela palavra em relação ao outro e à coletividade (Bakhtin, 2011). Para o autor

Onde não há palavra não há linguagem e não pode haver relações dialógicas; estas não podem existir entre objetos ou entre grandezas lógicas (conceitos, juízos, etc.). As relações dialógicas pressupõem linguagem, no entanto elas não existem no sistema da língua. Não são possíveis entre os elementos da língua (Bakhtin, 2011, p. 323).

A abordagem bakhtiniana enfatiza a interação verbal como a base do pensamento do autor, enfatizando a natureza dialógica e polifônica da interação. A linguagem é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, e está ligada às circunstâncias específicas em que é usada (Bakhtin, 2011). A linguagem nessa situação não é transmitida passivamente; em vez disso, “[...] ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte [...]” (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 117). Assim, é adquirida e refinada por meio da

participação ativa na corrente da comunicação verbal. Para despertar sua consciência e operar linguisticamente, as pessoas entram nessa corrente.

Bakhtin critica abordagens linguísticas que consideram a língua como um sistema abstrato e imutável, desvinculando da realidade concreta das interações verbais. Ele afirma que a compreensão da língua requer uma perspectiva que priorize a interação e o diálogo entre os falantes, enfatizando a natureza viva e evolutiva da língua. A linguagem é vista como um meio de comunicação em que as consciências dos falantes interagem em uma compreensão mútua, em vez de apenas um código a ser transmitido (Bakhtin, 2011). Assim, as principais ideias de Bakhtin são a dialogia e a interação discursiva. A partir do ponto de vista polifônico, entendemos a importância de ter várias vozes no discurso.

A teoria diz que a língua é um fenômeno social e histórico e que as interações verbais a moldam. Bakhtin utiliza o termo “voz” para se referir à consciência falante presente nos enunciados. Essa consciência falante sempre carrega consigo um juízo de valor e as expressões não são características intrínsecas da palavra dentro da língua, mas surgem através de seu uso ativo em um enunciado concreto, “que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação [...]” (Bakhtin, 2011, p. 275). Essa afirmação decorre da perspectiva ideológica e dialógica da linguagem defendida por Bakhtin, na qual os enunciados são moldados por diferentes consciências falantes ou vozes.

A ideia de Bakhtin de interação discursiva e dialógica rompe com a noção tradicional de que a linguagem é um sistema estático e fechado. A linguagem está intrinsecamente ligada a sujeitos reais e concretos, e os falantes não são apenas “atualizadores de leis de códigos” ou subordinados a uma estrutura ideológico-discursiva absoluta, mas “[...] pela extrema diversidade e pela complexidade de suas formas de organização e de suas formas de atividade” (Bronckart, 2012, p. 31). A partir dessa perspectiva dinâmica da linguagem, é possível estabelecer uma conexão entre a ação humana e uma linguagem plástica, adaptável e aberta à diversidade da vida humana.

Na sua visão, o caráter monológico e neutro da língua são refletidos pelas relações dialógicas dos enunciados. Ele afirma que as relações entre os enunciados sempre dependem da resposta que o outro interlocutor pode dar. Isso indica que a

comunicação verbal é essencialmente dialógica, ou seja, cada enunciado busca uma atitude responsiva do outro e é uma resposta a um enunciado anterior. Além disso,

O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a vontade, com a bondade, com a beleza, etc.). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado [...] (Bakhtin, 2011, p. 326).

Em tal situação, o enunciado é visto como um segmento da comunicação verbal, com conteúdo ideológico e determinado pelo contexto social. Bakhtin enfatiza o papel ativo do outro na interação verbal. Ele salienta que cada fala acompanha uma posição do ouvinte, que “[...] ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda dele (total ou parcialmente) [...]” (Bakhtin, 2011, p. 271), que imediatamente se transforma em um locutor capaz de responder aos discursos. Assim, a palavra é um território comum entre o interlocutor e o destinatário, e “[...] quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta, [...]”. Ela entra no diálogo, que não tem final semântico (mas que pode ser fisicamente interrompido para esse ou aquele participante)” (Bakhtin, 2011, p. 334), e o enunciado é feito considerando a perspectiva do outro. O autor destaca que as interações dos outros mediam as intenções enunciativas, demonstrando a importância da interação.

Bakhtin (2011) compara a formação do pensamento com a interação discursiva e dialógica entre os enunciados. Assim como o pensamento se desenvolve na interação e confronto com o pensamento do outro, que está “longe de ser “natural”, pelo contrário, é marcado pelo social” (Bronckart, 2012, p. 53), os enunciados também ressoam palavras do outro em maior ou menor grau de explicitação. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, eles se refletem mutuamente, estabelecendo uma cadeia discursiva em que cada enunciado é precedido pelos enunciados dos outros e seguido pelas respostas dos outros. O enunciado, portanto, é concebido como um diálogo contínuo, uma atividade real de comunicação que se desenvolve em meio à interação dos sujeitos falantes. Bakhtin enfatiza o papel da interação discursiva e dialógica na construção do sentido,

rompendo a visão estática da linguagem, enfatizando a importância da interação e da resposta potencial do outro na construção do sentido. Por isso,

A própria compreensão integra o sistema dialógico como elemento dialógico e de certo modo lhe modifica o sentido total. O entendedor se torna inevitavelmente um terceiro no diálogo (é claro que não no sentido literal, aritmético, uma vez que, além do terceiro, pode haver um número ilimitado de participantes do diálogo a ser compreendido), entretanto a posição dialógica desse terceiro é uma posição absolutamente específica (Bakhtin, 2011, p. 332-333).

Desse modo, os enunciados são vistos como partes de uma cadeia discursiva, com ressonâncias dialógicas e construídos considerando a perspectiva do ponto de vista do outro. Essa abordagem dinâmica e social da linguagem nos ajuda a ampliar nossa compreensão da linguagem e das relações entre os sujeitos falantes.

De acordo com Bakhtin (2011), a interação discursiva e dialógica são conceitos fundamentais da sua teoria. O pensador russo diz que o discurso humano é uma rede complicada de interrelações dialógicas com outros enunciados. Segundo essa perspectiva dialogística, a comunicação linguística ocorre sempre em relação a outros interlocutores, sendo influenciada por suas intenções e perspectivas. Bakhtin enfatiza a ideia de que a linguagem é sempre um diálogo, tanto oral quanto escrito. Ele ressalta que, embora a relação dialógica dependa da existência da língua, não se limita apenas ao sistema linguístico. Toda a área do pensamento humano está cercada por limites dialógicos, que mostram a constante interação entre várias vozes e perspectivas.

O diálogo, para Bakhtin, envolve três elementos essenciais: o falante, o interlocutor e a relação entre eles. No entanto, ele também reconhece a presença de um “superdestinatário”, um terceiro participante invisível do diálogo que pode estar em um momento histórico diferente e é capaz de compreender e responder ao que está sendo dito. Essa interação entre os participantes do diálogo ocorre mesmo quando os enunciados estão separados no espaço e no tempo, revelando-se por meio de uma confrontação de sentidos (Bakhtin, 2011).

Ao constatar o diálogo como o monólogo, Bakhtin destaca a importância das vozes. O monólogo é caracterizado por uma única voz que reconhece a si mesma e seu objeto, ignorando a palavra do outro. Por outro lado, a palavra do

interlocutor e as circunstâncias específicas da comunicação verbal são consideradas no diálogo. O diálogo vai além da mera conversa entre dois indivíduos e abrange uma gama maior de circunstâncias que moldam a troca verbal. Para Bakhtin, o diálogo é um tipo de interação na qual os indivíduos se influenciam mutuamente por meio da linguagem. Ele acredita que é na relação com o outro que nos constituímos como seres históricos e sociais. Portanto, seus estudos transcendem a concepção monológica do mundo e defendem a abordagem dialógica como uma forma mais democrática e polifônica de se relacionar.

O dialogismo bakhtiniano reafirma que o enunciado tem uma natureza sociocultural. Afirmando que cada enunciação é uma resposta suscitada pelo contexto e influenciada pelo interlocutor, ele enfatiza o papel do contexto e das práticas discursivas. O dialogismo reconhece a interdependência entre os atos comunicativos e o contexto sociocultural em que ocorrem. Isso difere do monologismo, que ressalta as iniciativas do falante. Bakhtin distingue o discurso monológico, que parece ser constituído por uma única voz, do discurso heteroglóssico, caracterizado pela presença de vozes diversas. No discurso heteroglóssico ou polifônico, diferentes vozes coexistem e provêm de outros contextos comunicativos. Ambos os discursos, monológico e heteroglóssico, estão presentes em qualquer enunciado, pois refletem as forças centrípetas e centrífugas de língua. Para Bakhtin (2011), todo enunciado de um sujeito falante é o lugar onde essas forças se encontram. Os discursos são moldados tanto pelo indivíduo quanto pelo contexto sócio-ideológico, tornando-se, assim, em parte a palavra do sujeito e, em parte, a palavra do outro.

Assim, podemos compreender cada enunciado como um ponto de encontro entre forças centrípetas e centrífugas da língua. As forças centrípetas apresentam a tendência do indivíduo de se apropriar do discurso coletivo, enquanto as forças centrífugas expressam a busca por expressão individual e por vozes divergentes. Essa dinâmica dialógica entre o eu e o outro é fundamental para a formação e evolução da linguagem, pois é através desse constante diálogo que a língua se renova e se transforma.

Bakhtin (2011) destaca que tanto as forças centrípetas quanto as centrífugas são essenciais para compreender o processo de constituição da língua. Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é o ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das centrífugas. Ignorar qualquer uma delas resultaria em

uma visão monológica da linguagem, separada da natureza dialógica das relações humanas.

A sincronia da língua, assim como seu desenvolvimento histórico, reflete essa natureza dialógica. A língua está em constante mudança, influenciada pelo que já foi e como um prenúncio do que virá. O diálogo é ininterrupto, e os diferentes discursos que compõem uma comunidade, cultura ou sociedade estão em constante interação, nem sempre simétrica e harmoniosa. Essa cadeia ininterrupta de enunciados forma o que Bakhtin chama de grande diálogo da cultura, no qual se entrecruzam diferentes vozes, gênero, estilos, e ideologias (Bakhtin, 2011).

Dessa forma, os discursos não podem ser vistos apenas como palavra do sujeito, nem apenas como palavra do outro. Eles são o resultado de uma interação complexa entre diferentes vozes e contextos, que se entrelaçam para criar significado e construir sentido. A compreensão dessa polifonia discursiva nos permite enxergar a linguagem como um espaço de intercâmbio, conflito e criação, onde múltiplas vozes têm a oportunidade de se manifestar e contribuir para a construção do conhecimento e da compreensão mútua.

2.3 Plurivocidade e polifonia

Bakhtin contribuiu significativamente para o campo da linguística, introduzindo conceitos inovadores que passaram a ampliar a nossa compreensão da diversidade e complexidade da linguagem. Entre esses conceitos, destacam-se a plurivocidade e a polifonia, fundamentais para entendermos como a linguagem reflete a multiplicidade de vozes presentes na interação comunicativa. Nos estudos discursivos, podemos encontrar uma interpretação equivocada sobre o conceito de polifonia, atribuído a Bakhtin. Termo advindo da música e que significa a multiplicidade de diferentes sons (vozes), é o que pode gerar essa confusão.

A grande maioria das pessoas limita-se a entender polifonia apenas como uma simples diversidade de vozes que ecoam dentro do discurso do sujeito da enunciação, negligenciando o aspecto crucial, de que a polifonia implica que todas as vozes têm igual relevância, isso quer dizer: tem igual “valor”, igual importância. Essa ideia de “igualdade” entre as vozes é o cerne do conceito de polifonia que está estritamente relacionado ao processo de criação literária; foi essa particularidade

que Bakhtin explorou. Ele concluiu que apenas Dostoiévski, o criador do romance polifônico, uma forma artística nova e original, em que os personagens dialogam entre si e com o leitor, criando um espaço de liberdade e diversidade, conseguiu incorporar essa “igualdade” dentro de suas obras. Para o autor,

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenas constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante (Bakhtin, 2010, p. 2-3, grifos do autor).

As vozes equipolentes dentro de um romance polifônico são maneiras de representar, por meio da linguagem textual, diferentes visões de mundo ou ideologias que coexistem de maneira igualitária. Isso significa que essas vozes não são subjugadas ou manipuladas como meros instrumentos do discurso do autor, já que ele não atribui prioridade a nenhuma delas. Em outras palavras, o autor não está tentando impor seus próprios julgamentos ou valores por meio do arranjo das vozes no romance.

No contexto do romance polifônico, as diversas vozes equipolentes desempenham papéis autônomos e contribuem para uma representação rica e diversificada da realidade. O autor polifônico não está interessado em transmitir sua própria visão de mundo, em vez disso, ele cria um ambiente em que essas vozes podem interagir livremente e expressar suas próprias visões de mundo, que permite ao leitor formar suas próprias conclusões. É essa ausência de imposição de juízos de valor por parte do autor que caracteriza a verdadeira polifonia, onde as vozes individuais são respeitadas e mantêm sua igualdade na construção da obra.

Bakhtin elaborou o conceito de polifonia a partir da análise das obras de Dostoiévski (1821-1881), o filósofo russo também reconheceu e valorizou essa presença de diversas vozes dentro do texto, termo cunhado por ele de plurivocidade. Dedicando uma parte significativa de seus estudos para compreender e analisar esse complexo fenômeno. Com isso, a polifonia está intimamente relacionada com o

dialogismo, que é o princípio da linguagem como comunicação verbal entre sujeitos sociais e históricos. O dialogismo implica na interação entre os enunciados, que são sempre responsivos e dialógicos.

É interessante voltarmos ao conceito de diálogo de Bakhtin. Para ele, diálogo não refere-se apenas a conversas verbais, mas é um(a) discurso (discussão) ideológico(a), ou seja, quando nos comunicamos retomamos enunciados passados para responder algo, refutar, confirmar, antecipar as respostas e objeções potenciais, ou seja, procura apoio, etc., dialogando com enunciados antecedentes ou futuros (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 128). Como afirma Bakhtin,

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, [...] essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, elaboramos, e reacentuamos (Bakhtin, 2011, p. 294-295).

Com isso, estamos constantemente “dialogando” com enunciados já proferidos. Cada palavra que dizemos é moldada, ressignificada por nosso contexto cultural, em uma complexa rede de relações ideológicas, experiências pessoais e pelas palavras dos outros. Depreende-se, assim, que nesse dialogismo dos enunciados vemos diante de nós as múltiplas “vozes” que compõem os enunciados, e que as interações discursivas é constituído dos sujeitos e da sua própria linguagem, que se transforma e ganha novos sentidos a partir do contexto social em que ela surge. Isso demonstra que cada época reflete e refrata uma forma de discurso e que a língua é a representação dessa nova realidade (Bakhtin, 2011 apud Silva, 2015, p. 119).

Diante dessa discussão evidencia-se a dinamicidade da língua, bem como a evolução da sociedade e de sua cultura, que se materializa nesse sistema social e dinâmico. Por isso, entender a língua e a cultura como sendo parte constitutiva do sujeito, provoca mudanças nas relações humanas e nos discursos sociais que a sustenta (Silva, 2015). Assim, a cultura assume um importante papel no processo de constituição e reconstituição dos sujeitos em que pode ser reconhecido pelo o contexto em que cada um está inserido e, conseqüentemente, pela própria língua.

É importante lembrar que as interações sociais e as relações dialógicas constituem características essenciais no processo constitutivo do sujeito na

linguagem. Assim, a partir do diálogo podemos conhecer como os sujeitos vão se constituindo e constituindo a língua dentro das relações sociocomunicativas que se efetivam nos diferentes espaços e entre os diferentes sujeitos sociais, numa retomada e numa ressignificação das ideias que passam a se concretizarem nos diferentes atos de linguagem. O sujeito é reconhecido aqui como um ser ativo e responsivo dentro dos contextos específicos da comunicação verbal.

No entanto, a discussão sobre o papel do sujeito na linguagem é um tema que tem originado grandes debates ao longo dos tempos. Alguns argumentam que o sujeito está de alguma forma pré-determinado, influenciados por uma variedade de fatores, e que as escolhas linguísticas que faz não são verdadeiramente voluntárias. Por outro lado, há aqueles que simplesmente negligenciam a presença do sujeito e, tratam a língua como um sistema formal, imutável e normativo, como um objeto estático, sem ter influência das interações verbais dos interlocutores. Bakhtin se opõe veementemente a essa vertente que negligência o sujeito na linguagem e diz que a natureza da linguagem é se deixar construir e ser marcada na singularidade, assim, pensar a linguagem somente como algo teórico e abstrato, não é uma linguagem natural e plena, ela é algo artificial sem uso (Brait, 2015).

Bakhtin (2009), argumenta que a língua não é apenas um sistema abstrato, e considerar “[...] a língua, como um sistema de normas imutáveis e incontestáveis, possui uma existência objetiva é cometer um grave erro” (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 94), porém, ela deve assumir um meio intrinsecamente relacionado às experiências e perspectivas do indivíduo que a utiliza. Para ele, a linguagem e as vozes dos sujeitos são de suma importância, pois marcam as suas escolhas linguísticas, refletem suas intenções, seu contexto cultural e social, bem como suas intenções com outros falantes.

Nesse sentido, à noção de que a multiplicidade de vozes que compõem um texto, seja ele literário ou não, Bakhtin considera que toda enunciação é plurivocal, pois é formada por diversos discursos que se entrecruzam e se influenciam mutuamente. Ligado a isso, na prática viva da língua como uma entidade dinâmica, proposto pelo filósofo, está relacionado o conceito de “palavra” como um território comum entre o falante e o ouvinte (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 117); ela pode “[...] entrar no nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessa enunciação individuais” (Bakhtin, 2011, p. 293), isto é, a palavra não é apenas uma unidade

linguística isolada, ela é uma espécie de “ponte” que origina-se de alguém e é direcionada para alguém, ou seja, estabelecendo um elo entre o falante e os outros, contribuindo para a compreensão da linguagem entre os sujeitos, permitindo a comunicação verbal (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 117).

Assim, a palavra está em constante diálogo com enunciados passados (a memória discursiva), e também antecipa enunciados futuros (o contexto sócio-histórico), ela carrega consigo as influências e valores ideológicos desse contexto, ou seja, ela é parte integrante desse processo ideológico, onde “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 125).

Quando construímos o nosso discurso, sempre trazemos de antemão o todo da nossa enunciação, na forma tanto de um determinado esquema de gênero quanto de projeto individual de discurso. Não enfiemos as palavras, não vamos de uma palavra a outra mas é como se completássemos com as devidas palavras a totalidade (Bakhtin, 2011, p. 291-292, notas de rodapé).

Daí o fato da polifonia não se limitar apenas ao texto literário, ela é a expressão da coexistência de vozes heterogêneas dentro de um texto ou discurso que permeia todos os aspectos da comunicação humana, em que múltiplas vozes são trazidas à tona, mesmo em situações cotidianas. Para Bakhtin (2011), o discurso é uma arena de interação entre vozes distintas, em constante diálogo e influência mútua.

Com essa perspectiva, a plurivocidade refere-se à capacidade da linguagem de abrigar diferentes significados, visões de mundo e perspectivas, manifestando-se por meio de múltiplas vozes que se entrelaçam e se confrontam em um discurso. Por assim dizer, a linguagem por assumir e ter esse caráter de múltiplas interpretações/vozes, ela é “[...] objeto de questionamento e de conflito, o que confere ao indivíduo um lugar ao mesmo tempo privilegiado e problemático: ele está sozinho e solto para escolher o que pensar e o que fazer” (Brait, 2015, p. 29). Com isso, Bakhtin argumenta que a linguagem não é estática nem unívoca, mas sim um campo de interações dialógicas e polifônicas.

Para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 98)

Na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não representa como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores [...] de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística.

Ao reconhecer as diferentes vozes que se manifestam em um texto, podemos identificar as relações de poder, as estruturas de dominação e as tentativas de exclusão que permeiam a interação linguística, pois “o ato de pensar é sempre singular e diz respeito a um sujeito único. Somente o ato de pensar pode ser ético, pois é nele que o sujeito é convocado” (Brait, 2015, p. 22). Assim, podemos questionar quem tem o poder de falar e ser ouvido, quais vozes são silenciadas ou marginalizadas, e como essas dinâmicas afetam a construção e a legitimação do conhecimento. Brait (2015) afirma que ninguém pode pensar o que o outro pensa que esse ato é de responsabilidade do próprio sujeito pensante, mas pode prestar atenção a minha posição para realizá-lo do lugar concreto e único do meu pensamento, mas que esse pensamento só adquire sentido quando eu o assumo e valorizo.

Isto implica que, mesmo quando utilizamos palavras aparentemente claras e objetivas, elas carregam consigo uma gama de significados e de ideologias que podem variar de acordo com o contexto, as experiências individuais e as perspectivas dos interlocutores. Isso significa que um mesmo enunciado pode ser interpretado de formas distintas por diferentes sujeitos, em que “[...] imprimo minha marca, minha singularidade, minha participação no ser. [...] Ilumino-o com o valor que lhe imprimo” (Brait, 2015, p. 24), pois cada um deles traz consigo uma bagagem única de conhecimento e vivências que influênciam a forma como compreendemos e respondemos à linguagem.

Partindo dessa visão, podemos nos nortear que a plurivocidade e polifonia ressaltam a importância de considerar a diversidade de perspectivas e interpretações não apenas na literatura, mas também na linguagem oral, na mídia, nas interações sociais e em qualquer forma de discurso. Cada interação comunicativa é enriquecida pela presença de vozes múltiplas, que trazem consigo

experiências, valores e diversas crenças. Colocando dentro do contexto da comunicação, isso quer dizer que essas variedades de vozes possuem a mesma importância.

3 GÊNEROS DISCURSIVOS E PLURIVOCIDADE

Nosso discurso, representado por todos os enunciados, é enriquecido por palavras de outros. Algumas delas são prontamente assimiladas ao nosso discurso, perdendo seu tom valorativo; outras atuam como reforço para nossas próprias palavras, conferindo-lhes uma espécie de autoridade sobre nós; por fim, atribuímos a certas expressões intenções que, embora sejam estranhas e até hostis a elas, acabam sendo revestidas com as nuances das nossas próprias intenções. (Bakhtin, 2011).

3.1 Conceituando gênero discursivo

Bakhtin (2011) desponta como um dos escritores mais referenciados nas pesquisas realizadas no Brasil no âmbito dos estudos linguísticos. A exemplo disso, podemos citar os conceitos e terminologias que o autor apresenta sobre a linguagem humana e o processo de interação social em que são produzidos os gêneros discursivos. Bakhtin enfatiza o fato de que o uso da língua se materializa em enunciados únicos e concretos, tanto no âmbito da fala quanto na escrita. Na visão do autor, as circunstâncias sociais, históricas e culturais que envolvem os sujeitos que participam da comunicação verbal influenciam o processo de constituição de cada discurso. O enunciado, como uma manifestação distinta da língua, carrega as marcas das diferentes vozes que se entrecruzam nele e das circunstâncias em que ele é criado.

Além disso, Bakhtin (2011) enfatiza que uma análise mais ampla e precisa da linguagem e de sua relação com a sociedade requer uma compreensão do uso da língua no discurso. Isso se deve ao fato de que o enunciado é uma expressão específica da língua que é usada, que é influenciada pelo contexto social, histórico e cultural em que é produzido, bem como pelas relações dialógicas que são efetivadas entre os interlocutores que participam da comunicação verbal.

Assim, segundo Bakhtin, a unidade fundamental da linguagem é o enunciado, pois é através dele que a linguagem se realiza e ganha significados. É por meio da análise dos enunciados que podemos compreender a relação entre a língua e a vida social. Isso também nos permite entender as várias vozes e perspectivas que se entrelaçam em um discurso. Para Bakhtin (2011), as palavras

não são “neutras” no processo de interação verbal porque são componentes do enunciado que carregam sentidos e perspectivas do mundo e remetem a outros enunciados. Segundo ele, o contexto social, histórico e cultural da sociedade em que a linguagem é produzida tem um impacto constante sobre ela, e as palavras são os veículos dessas influências.

Assim, entende-se que cada palavra carrega consigo um significado que diferentes grupos sociais construíram ao longo dos anos. Isso quer dizer que, quando uma palavra é usada em um discurso, ela evoca uma variedade de sentidos e conexões que estão ligadas a outros enunciados passados da língua e da cultura. Por isso, Bakhtin enfatiza que compreender o significado de um enunciado não é apenas decodificar as palavras usadas; é também entender como elas se relacionam com outros enunciados e as perspectivas implícitas do mundo. Em outras palavras, as palavras são componentes carregados de sentidos que ajudam os interlocutores a entenderem o enunciado e a se comunicarem.

Partindo do conceito de linguagem enquanto uma atividade discursiva de interação social, a corrente bakhtiniana oferece uma resposta crítica às diferentes concepções de língua(gem) que nortearam os estudos linguísticos e que prevaleceram em diferentes períodos históricos. Do ponto de vista da sociologia da linguagem e do diálogo, o chamado Círculo bakhtiniano propõe uma abordagem que valoriza o papel da interação e do contexto social na constituição de significados. Essa abordagem rejeita a visão da linguagem como um sistema abstrato e fechado, distanciado das realidades sociais e históricas. Dessa forma, o chamado Círculo propõe uma concepção de linguagem como um processo vivo e dinâmico baseado nas interações entre os sujeitos em um dado contexto de comunicação verbal.

O conceito de linguagem apresentado por Bakhtin implica um termo específico que difere daquele usado por outras correntes. Por exemplo, os teóricos que seguem os pressupostos bakhtinianos usam o termo “enunciado” em vez de “frase” ou “fala” e o termo “voz” em vez de “autor” ou “narrador” para enfatizar a dimensão social e convencional da linguagem. O termo reflete o foco desses pensadores no desenvolvimento de uma abordagem crítica e inovadora para o estudo da linguagem que interrompa as noções predominantes e ofereça novas formas de entender a relação da linguagem com a vida social. Para eles, a linguagem é um fenômeno social que se expressa por meio do discurso, ou seja, o discurso produzido pelo sujeito em um contexto comunicativo específico. Dessa

forma, o discurso é visto como a concretização da linguagem; o sistema subjacente de produção do discurso.

Essa abordagem difere da concepção de linguagem predominante na Psicologia e na Linguística da época, que viam a linguagem como um sistema abstrato e autônomo do discurso e da realidade social. Para o chamado Círculo, essa visão atomizada e descontextualizada da linguagem limitava a compreensão da linguagem como um fenômeno vivo, dinâmico, capaz de refletir e transformar a realidade social. Assim, ao utilizar os termos “língua” e “discurso” indistintamente, o Círculo enfatiza as dimensões sociais e históricas da língua, entendendo que a língua só pode ser compreendida em relação ao discurso, à realidade social em que é produzida e aos interesses de seus interlocutores.

Para Bakhtin, o enunciado é uma totalidade discursiva que está inserida em um contexto social e histórico específico e é produzido e interpretado por sujeitos concretos em situações concretas de comunicação. Portanto, ele não pode ser considerado a unidade do último e superior nível do sistema da língua. A língua não é um sistema único e independente; em vez disso, é um fenômeno social e histórico que está sempre em contato com outras partes da sociedade, como cultura, política e história (Meurer, Bonini, Roth, 2005). O enunciado é o núcleo da comunicação discursiva porque é criado e interpretado dentro de um contexto social e histórico específico, e é através do enunciado que os sujeitos transmitem suas percepções do mundo, sentimentos e intenções comunicativas. Portanto, para Bakhtin, o enunciado é uma unidade complexa e multifacetada que inclui aspectos da comunicação social, cultural e histórica, além do aspecto linguístico. Por isso, ele enfatiza o fato de que o enunciado deve ser considerado um fenômeno concreto e situado, que está profundamente enraizado em uma série complexa de relações sociais e culturais, e não apenas um conjunto de elementos linguísticos.

Além disso, Bakhtin distingue o que é texto e enunciado. Ele afirma que o texto constitui a base das ciências humanas, pois é a partir dele que se estudam as várias manifestações da linguagem em suas facetas sociais, históricas e culturais. Portanto, a fonte principal de pesquisa em áreas como linguística, filologia, história e sociologia é o texto. O texto, de acordo com Bakhtin, não é apenas uma sequência linear de frases ou palavras separadas; em vez disso, é um conjunto de enunciados “[...] na comunicação discursiva de dado campo” (Bakhtin, 2011, p. 308) que interagem continuamente e que possuem uma unidade discursiva distinta. Então,

enquanto o enunciado é a unidade fundamental da comunicação discursiva, o texto é uma unidade complexa e que envolve a interação de vários enunciados.

Bakhtin destaca essa distinção entre texto e enunciado porque permite uma compreensão da complexidade e da variedade da linguagem em suas diferentes dimensões. O autor destaca que, ao reconhecer a importância dos enunciados como componentes essenciais da comunicação discursiva, é importante considerar o contexto social e histórico em que os enunciados são produzidos e interpretados, bem como a variedade de formas e estilos de discurso que existem em diferentes contextos sociais e culturais. A forma são os diferentes gêneros produzidos na comunicação verbal, como o diálogo, a narrativa, entre outros que contribuem para a expressão artística e comunicativa. “[...] O poeta não cria o mundo da língua, ele apenas usa a língua [...]” (Bakhtin, 2011. p. 178).

Cada forma do discurso possui suas características específicas, estrutura e finalidade comunicativa. Bakhtin afirma que “[...] cada forma de discurso é uma forma relativamente estável de enunciado, que se realiza em um gênero específico” (Bakhtin, 2011, p. 271). Já o estilo é entendido como a maneira única e individual como cada locutor utiliza a língua para se expressar; o estilo comporta também as tonalidades dialógicas, “porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros [...]” (Bakhtin, 2011, p. 298), e “[...] sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado”.

Bakhtin distingue os dois lados do texto. Por um lado, ele reconhece que os elementos repetitivos e reproduzíveis do texto são importantes, como as estruturas linguísticas que permitem a criação de conjuntos coerentes de signos, como parágrafos e frases. Por outro lado, enfatiza que o texto também deve ser compreendido como um enunciado concreto que se manifesta em circunstâncias sociais específicas e interage com outros enunciados. Assim, o texto pode ser entendido não apenas como uma estrutura de signos formais, mas como uma unidade discursiva que incorpora a interação histórica e social entre os falantes e os ouvintes. Além disso, enfatiza que o único modo pelo qual o texto é significativo é por meio de sua interação dialógica em contextos socioculturais específicos.

Assim, segundo Bakhtin, é necessário compreender o texto a partir desses dois pólos intimamente relacionados. O primeiro vê o texto como uma estrutura formal de signos que permite a comunicação linguística entre falantes de

uma língua; o segundo vê o texto como um enunciado concreto que se manifesta em circunstâncias específicas em um diálogo constante com outros enunciados a partir de intenções discursivas situadas. Por isso, a concepção bakhtiniana de enunciado traz a ideia de que os discursos produzidos sempre têm intenções comunicativas específicas em relação aos seus interlocutores. Nesse sentido, o enunciado pode tanto “concluir” ou “acabar” determinada situação, quanto apresentar uma solução valorativa, criando algo de novo e irrepetível (Meurer, Bonini, Roth, 2005). Em resumo, o enunciado tem sempre intenções comunicativas específicas e pode ter diversas funções, incluindo a de conclusão ou solução valorativa.

Ao discorrer sobre o processo de constituição dos diferentes tipos de enunciados, Bakhtin (2011) vai afirmar que os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, e que constituem dentro de uma arquitetônica contemplando três aspectos do enunciado verbal, que são: *a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo*. O debate acerca da construção/forma composicional dos enunciados emerge como um tema recorrente que percorre diversas obras do chamado Círculo de Bakhtin, formando uma espécie de fio condutor. Apesar de que cada trabalho exhibe suas nuances distintas, todos eles compartilham traços gerais semelhantes.

A construção/forma composicional se assemelha a um tipo de estruturação e acabamento do todo (o texto), podendo ser equiparada, inclusive, a um elemento que pode ser definido como gênero discursivo. Bakhtin ao identificar os três aspectos que constitui o gênero discursivo, a forma composicional emerge como elemento característico que podemos notar com base na expressão “acima de tudo” utilizada na descrição de gênero do texto:

[...] esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, **acima de tudo**, por sua construção composicional [...] (Bakhtin, 2011, p. 261) (grifo nosso).

Logo, a construção/forma composicional poderia ser entendida como o esquema que abrange todo o texto, tal como sua estrutura em unidades menores. Até mesmo se poderia conjecturar que a composição seria equiparada a uma “teia”, um esquema que se unem para construir o enunciado, delineando uma determinada

amplitude do texto e uma configuração específica dos parágrafos. Contudo, mesmo se considerarmos essa visão de composição como semelhante a uma “teia”, é fundamental recordar que essa “teia” é, em primeiro lugar, adaptável. Isso se dá devido à natureza mutável do texto, independentemente de ser oral ou escrito, quanto à composição dos parágrafos, especialmente no contexto textual. Assim, a composição não é uma estrutura vazia e inflexível, mas sim um enunciado concreto e singular, com sua própria estrutura e arranjo gráfico. Essa forma somente adquire definição ao ser preenchida com conteúdo. Isso se alinha à ideia central que forma de conteúdo estão indissociáveis, conforme afirma Medviédev (2012, p. 206) “não existe conteúdo sem forma, como também não existe forma sem conteúdo”.

Durante o ato da escrita, o emissor elabora o conteúdo temático, e como a construção/forma composicional se delineia durante o processo. Quando alcança o desfecho do texto, o escritor sedimentou suas intenções através de uma sequência de parágrafos, cada qual com sua própria extensão determinada. A totalidade desses parágrafos dá origem ao aspecto composicional definitivo do texto. Logo, a construção/forma composicional somente se torna compreensível quando o autor finaliza o processo de comunicação, ao concluir sua mensagem.

Já o tema requer uma estrutura para ser comunicado e, ao passo que é transmitido, imprime uma singularidade à forma resultante. E corresponde à estrutura desse texto específico, não de qualquer outro. Conforme o conteúdo é progressivamente expresso a “teia” adquire forma (e significado). Assim, existe uma relação intrínseca entre a composição e o tema, visto que cada gênero discursivo necessita de uma composição específica, intrinsecamente vinculada em um gênero discursivo particular. No entanto, apesar da interdependência entre construção e conteúdo, cada elemento mantém características próprias. Por isso, agora, nossa explanação concentrar-se-á nas propriedades mais específicas, com relação ao conteúdo temático.

Na perspectiva de Bakhtin, o conteúdo temático fundamenta-se em relações dialógicas estabelecidas pelo enunciado em relação a outros textos, já que os “[...] enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros [...]” (Bakhtin, 2011, p. 297). Ao emitir voz, o emissor ou escritor sempre leva em consideração, em alguma medida, as vozes presentes em outros textos

relacionados ao seu. Isso ocorre, pois todo enunciado “[...] por mais concentrado que esteja no seu objeto, não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre o objeto [...]” (Bakhtin, 2011, p. 298). Durante a composição do enunciado, o autor não se concentra apenas no tema em questão, mas também nas outras enunciações relacionadas ao tema abordado em seu texto. Como enfatiza Bakhtin (2011, p. 299-300)

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressaltado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes.

Nesse sentido, os enunciados formam uma teia de interconexões, em que o diálogo entre diferentes vozes e perspectivas é um elemento intrínseco ligado ao conteúdo temático. O autor não cria no vazio; ao invés disso, ele dialoga com outras vozes e enunciações, levando em consideração as contribuições e respostas presentes no contexto comunicativo mais amplo. Essa concepção enfatiza a natureza dinâmica e dialógica do conteúdo temático, reforçando como os enunciados são construções comunicativas que se influenciam mutuamente.

Assim, ao compreendermos a noção de enunciado, podemos reconhecer os usos linguísticos que originaram os gêneros. Em sua teoria sobre os gêneros discursivos, Bakhtin defende que o uso da linguagem é essencial para a interação social e que um gênero específico surge para atender às necessidades daquela área de atividade na comunicação. Esses gêneros estão em constante mudança e evolução devido à história, à cultura e aos contextos sociais em que são produzidos. Como a diversidade de situações comunicativas é infinita, os gêneros discursivos também são inúmeros e se mostram em constante evolução, por isso, a classificação dos gêneros discursivos não deve ser vista como uma lista fechada e exaustiva, uma vez que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo [...] (Bakhtin, 2011, p. 262).

Cada área de atuação ou interesse humano usa um conjunto específico de gêneros de discurso para atingir diferentes objetivos comunicativos, atender a públicos diferentes e atender a necessidades e expectativas diferentes. Além disso, os gêneros de discurso não são estáticos; eles mudam de acordo com as demandas e necessidades sociais, culturais e tecnológicas. Novos tipos de discurso surgem continuamente, principalmente devido à rápida evolução das tecnologias de comunicação e informação. Esses tipos de discurso oferecem novas formas de interagir e se expressar, já que “[...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou quem escreve), isto é, pode ter estilo individual [...]” (Bakhtin, 2011, p. 265).

A linguagem pode demonstrar essa individualidade de várias maneiras, como a escolha de palavras, a construção de frases, o uso de figuras de linguagem, a entonação e ritmo da fala, entre outras coisas. Cada enunciado é distinto porque essas escolhas linguísticas podem revelar aspectos da personalidade e do pensamento do falante ou escritor. Cada sujeito tem seu próprio estilo, que se refere ao modo como uma pessoa se expressa, levando em consideração sua personalidade, características pessoais, experiências de vida e seu modo de ver e interpretar o mundo.

É importante ter em mente que o estilo individual pode variar de acordo com o contexto da comunicação, o interlocutor e a intenção do escritor ou falante. Assim, aspectos sociais e culturais mais amplos podem afetar o estilo de vida de uma pessoa. Isso ocorre porque cada gênero tem características, costumes e expectativas de comunicação que podem afetar as escolhas linguísticas e, portanto, como a personalidade se expressa na linguagem. Embora o estilo individual seja um elemento importante na constituição de um enunciado, ele não é o único fator que determina a sua unidade de gênero. Cada gênero do discurso possui suas características próprias, suas convenções e expectativas comunicativas, que são determinantes na constituição do enunciado como um todo. Isso significa que o estilo de linguagem não pode ser estudado isoladamente, sem levar em consideração o gênero em que o enunciado se insere.

O estilo individual pode ser estudado como um elemento que contribui para a constituição do enunciado em seu gênero, mas nunca de forma independente. Como no texto literário, o estilo individual do autor pode ser um

elemento importante na construção da sua obra, mas é preciso levar em conta também as convenções e expectativas comunicativas desse gênero, como a construção de personagens, a narrativa ficcional, entre outras características. Da mesma forma, em um texto técnico ou científico, o estilo individual pode ser menos evidente, mas é importante levar em conta as convenções e expectativas comunicativas desse gênero, como a objetividade, a clareza e a precisão das informações apresentadas. Isso quer dizer que

[...] Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gênero e estilos (Bakhtin, 2011, p. 268).

Cada gênero discursivo reflete os valores, as expectativas e as necessidades comunicativas de uma determinada época e contexto social, e é por meio desses gêneros que a história da sociedade se reflete na história da linguagem. Os enunciados e seus tipos também influenciam a evolução da linguagem, já que a criação de novos gêneros discursivos pode levar à criação de novas palavras, expressões e construções linguísticas, que se tornam parte do repertório linguístico da comunidade. A relação entre os enunciados, seus tipos e a história da sociedade e da linguagem é bidirecional e dinâmica, refletindo as transformações e adaptações da linguagem às necessidades comunicativas da sociedade em constante evolução. “[...] Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (Bakhtin, 2011, p. 268).

A utilização de um estilo inovador em um gênero discursivo pode levar à criação de um novo subgênero¹ ou até mesmo à renovação do próprio gênero. Na passagem do estilo de um gênero para outro pode afetar tanto a compreensão quanto a eficácia comunicativa do enunciado, e pode até mesmo levar à criação de novos gêneros discursivos. Por isso, é importante considerar não apenas o estilo

1 Os subgêneros surgem quando há adaptações significativas das convenções tradicionais do gênero original, ou seja, quando incorporam elementos únicos que os modificam e caracterizam de maneiras únicas. A inovação pode se manifestar de diversas formas, como mudanças na estrutura textual, no vocabulário, no estilo narrativo ou no uso específico de recursos estilísticos.

individual, mas também o gênero discursivo em que o enunciado se insere, para uma compreensão completa do fenômeno linguístico.

3.2 Os gêneros discursivos jornalísticos

Os gêneros discursivos, como já mencionado neste trabalho, são uma categoria ou classificação que engloba diferentes tipos de textos que possuem características semelhantes em relação à estrutura, ao conteúdo, ao estilo e à finalidade comunicativa. Assim, o texto passa a ser reconhecido como uma forma composicional modal, um resultado comunicativo e uma unidade de informação associada à interação humana. Gêneros são estruturas discursivas que estruturam e delimitam a natureza textual e que por isso não podem ser compreendidos isoladamente, olhando-se apenas para a sua estrutura linguística sem atentar-se ao movimento dialógico que se efetiva nos processos de interação e produção discursiva.

Desse modo, é possível perceber que, ao adentrarmos nas diferentes esferas discursivas, os gêneros passam a ser constituídos para atender às diferentes situações de comunicação, os interlocutores, suas intencionalidades e, principalmente, a função social do gênero produzido. É nessa arquitetura que os gêneros discursivos jornalísticos passam a ser elaborados enquanto categorias de textos que são usados na comunicação jornalística para apresentar informações, notícias e análises de eventos e acontecimentos. Eles têm o objetivo de informar o público de maneira clara, objetiva e imparcial sobre questões relevantes da atualidade.

Melo (2003) afirma que a identidade do gênero jornalístico é construída em aspectos relevantes como estilo e habilidades linguísticas. São formas que fundem elementos do jornalismo e da literatura, uma vez que têm como objetivo principal a transmissão de informações, sem, necessariamente, buscar a satisfação estética. Dessa forma, vemos que a análise dos gêneros jornalísticos desempenha um papel significativo na compreensão dos variados discursos gerados por veículos de comunicação em massa. Isso se deve pelo fato de que a definição dos gêneros jornalísticos tem sido uma preocupação constante entre os acadêmicos dos Estados Unidos, Europa e América Latina (Melo, 2003).

No livro “A opinião do jornalismo brasileiro”, José Marques de Melo expõe algumas definições de acadêmicos acerca dos gêneros jornalísticos. Para Emil Dovifat, os gêneros jornalísticos são manifestações da expressão jornalística que se caracterizam por um estilo particular, adquirindo uma identidade própria devido à necessidade de tornar a leitura cativante e estimulante. No entanto, Joseph Folliet considera que essas são formas utilitárias, já que as discrepâncias entre os gêneros derivam da correspondência dos textos escritos pelos jornalistas com as inclinações e influências entre o que é noticiado e o que o público deseja ou espera. Em outras palavras, o cerne do estilo jornalístico reside na tentativa de narrar os acontecimentos do cotidiano usando uma linguagem que esteja sincronizada com o que Gonzalo Martín Vivaldi chama de “linguagem da vida” em sua obra “Gêneros Periódicos” (1980).

Dentro deste pensamento, Silva (2015) menciona que o autor discursivo tece seu discurso, escolhendo com precisão o estilo que melhor se encaixa para comunicar uma informação com o objetivo de causar impacto. Com isso, esse jogo, uma espécie de equilíbrio entre as diferentes maneiras de se expressar, não surge da busca da elegância ou adequação textual. É, na verdade, uma demonstração de como a arte de moldar a palavra não apenas transforma o texto, mas também pinta uma imagem vívida do interlocutor, desencadeando um conjunto de diversos significados no contexto da comunicação social.

Após examinar os gêneros jornalísticos em diferentes nações, Melo (2003) apresenta uma nova classificação nacional, reconhecendo que uma classificação universal é impraticável devido aos gêneros serem influenciados pelo modo de produção do jornalista e estarem intrinsecamente ligados à cultura de cada país. Com isso, “a diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais [...] entre os participantes da comunicação [...]” (Bakhtin, 2011, p. 283). Assim, essa nova classificação é baseada em dois critérios: primeiramente, os gêneros são agrupados em categorias que refletem intencionalidades subjacentes das narrativas que os definem. Dessa forma, são identificadas duas vertentes: a primeira relacionada à representação do real, que comunica eventos noticiosos (jornalismo informativo), envolvendo a descrição jornalística dos fatos baseada em dois parâmetros: o presente e o novo. Isto é, a observação da realidade e a descrição do que é percebido pela instituição jornalística.

A segunda vertente é uma interpretação do real (jornalismo opinativo), que envolve uma identificação do valor do presente e do novo no contexto que nutre e transforma os processos jornalísticos. Isso implica uma análise da realidade e sua avaliação dentro das normas jornalísticas. Em outras palavras, representa a versão dos fatos apresentando argumentos de defesa e de convencimento, com o intuito de persuadir o leitor para um ponto de vista específico, operando com ideias e valores que o escritor defende. (Melo, 2003).

O segundo critério, de acordo com Melo (2003), define-se na busca da constatação dos gêneros baseados na natureza estrutural das narrativas observáveis nos processos jornalísticos. Não se refere apenas à estrutura textual ou das imagens que representam e reproduzem a realidade, mas à interconexão processual entre os acontecimentos (realidade), sua expressão jornalística (narrativa) e sua apreensão pela coletividade (leitura). Partindo dessas bases, o autor introduz sua classificação: gêneros informativos (nota, notícia, reportagem e entrevista) e gêneros opinativos (editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, coluna, crônica, caricatura e carta). Quanto mais houver domínios dos gêneros, mais o sujeito tem a capacidade de interpretar a realidade que o cerca e manifestar o seu discurso com maior autonomia.

Como afirma Bakhtin (2011, p. 285)

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo acabado o nosso livre projeto de discurso.

Nesse nível, que é o mais amplo, ao dominar os gêneros, ganhamos mais liberdade de nos expressar e podemos destacar nossa individualidade, desde que seja apropriado ao contexto. Isso significa que, ao compreender profundamente os diferentes tipos de comunicação e as regras que os governam, podemos usá-los de maneira mais personalizada, adaptando-os às “[...] situações da vida em que eu e o outro nos encontramos num dado momento [...]” (Bakhtin, 2011, p. 23). Nesse sentido, Bakhtin (2011) acreditava que, ao dominar os gêneros e usá-los com competência, realizamos nosso projeto de discurso de forma mais completa e eficaz, refletindo a complexidade da comunicação humana.

Uma equipe de acadêmicos da Universidade Metodista de São Paulo, acompanhada pelo professor Dr. José Marques de Melo, conduziu uma pesquisa intitulada “Gêneros e Formatos na Comunicação Massiva Periodística: um estudo do Jornal “Folha de São Paulo” e da Revista “Veja””. Neste estudo, o grupo realizou um levantamento detalhado, apoiado por uma ampla base teórica, dos gêneros presentes nos mencionados veículos de imprensa. A seguir, será apresentado o resultado desse levantamento, realizado por Melo (1998):

1. Notícia: um dos gêneros mais básicos e reconhecíveis, a notícia informa sobre eventos recentes e relevantes. Ela é apresentada de forma concisa, seguindo uma estrutura padrão chamada de “pirâmide invertida”, onde os detalhes mais importantes são fornecidos no início e os detalhes secundários seguem depois.
2. Reportagem: uma reportagem é um texto mais detalhado e aprofundado sobre um assunto específico. Ela pode incluir análises, entrevistas e contextualização para oferecer ao leitor ou espectador uma compreensão mais completa do tema.
3. Editorial: o editorial é um texto de opinião publicado pelo veículo de comunicação. Ele expressa a posição oficial ou a opinião do veículo sobre um assunto específico. Geralmente, os editoriais são assinados pela equipe editorial ou por um colunista destacado.
4. Entrevista: a entrevista é um gênero em que uma pessoa é questionada por um repórter, e suas respostas são registradas e publicadas. Pode ser uma entrevista de perfil, em profundidade, ou até mesmo uma coletiva de imprensa.
5. Crônica: a crônica é um gênero mais subjetivo, muitas vezes escrito por colunistas, que aborda temas atuais, pessoais ou culturais de maneira mais reflexiva e literária.
6. Artigo: os artigos jornalísticos são textos de opinião escritos por especialistas, analistas e comentaristas. Eles oferecem análises aprofundadas e interpretações de eventos ou problemas.
7. Resenha: a resenha jornalística avalia e comenta obras culturais, como filmes, livros, peças teatrais, entre outros.

8. Entrevista de Perfil: este tipo de entrevista foca em um indivíduo específico e procura traçar um perfil completo dele, abordando sua vida, carreira e perspectivas.
9. Notícia de bastidores: esse gênero revela os detalhes por trás das notícias, como os processos de investigação jornalística ou as histórias por trás dos eventos.
10. Charge ou cartum: embora visual, a charge é uma forma de comunicação jornalística que usa ilustrações humorísticas para comentar sobre eventos e situações da atualidade.

Cada um desses gêneros discursivos jornalísticos têm suas próprias características, estruturas e finalidades específicas, mas todos têm em comum a busca pela disseminação precisa e confiável de informações para o público (Melo, 1998). Além disso, os gêneros discursivos jornalísticos também refletem a diversidade de vozes, sujeitos e perspectivas dentro dos diferentes contextos socioculturais de interação verbal. E, por isso, eles desempenham um papel fundamental para o domínio jornalístico, contribuindo para uma compreensão e a construção do evento mais completa e profunda dos acontecimentos que nos cercam cotidianamente.

3.3 O gênero discursivo notícia

O gênero discursivo “notícia” é uma das formas mais básicas e essenciais de comunicação jornalística. Sua principal função é informar o público sobre eventos recentes, relevantes e de interesse público. As notícias são comumente encontradas em jornais, revistas, sites de notícias, programas de rádio e televisão. Frequentemente, a notícia é o gênero jornalístico que, juntamente com a reportagem, assume a função de informação nos meios de comunicação (Lage, 2004; Franceschini, 2004).

De acordo com Lage (2004, p. 16), a estrutura da notícia no jornalismo moderno é definida como o “relato de uma série de fatos a partir do mais importante ou interessante”, seguindo uma organização lógica. A composição da notícia é pautada por técnicas jornalísticas específicas que envolvem a escolha do vocabulário, a ordenação das informações e o tratamento das fontes (Franceschini, 2004).

Assim, pode-se distinguir a notícia como um evento pontual em contraste com a reportagem, que explora um tema, apresentando uma análise de situações ou fatos relacionados a ele (Lage, 2004). Embora Bonini (2009) menciona a dificuldade de delinear a notícia como um gênero no contexto brasileiro, suas ideias parecem convergir com a abordagem adotada neste estudo, considerando a notícia como o anúncio de um fato ou evento específico.

Van Dijk, segundo Bonini (2009) resume os elementos da notícia como: título, lide, fato central, contexto, eventos anteriores, consequências/reações, expectativas e avaliação. Outras características chave do gênero discursivo notícia ressaltadas por Van Dijk descritas por Bonini são:

- **Objetividade:** as notícias são geralmente otimizadas de forma objetiva, ou seja, sem a influência de opiniões pessoais do jornalista. Elas devem ser imparciais e mantidas em fatos verificáveis.
- **Pirâmide invertida:** a estrutura de uma notícia segue o princípio da “pirâmide invertida”, em que os detalhes mais importantes e relevantes são apresentados no início do texto. Isso permite que os leitores obtenham as informações cruciais mesmo se não continuarem a ler o artigo na íntegra.
- **Quem, o quê, quando, onde, porquê e como:** as notícias frequentemente respondem a essas perguntas essenciais para fornecer uma visão abrangente do evento ou situação.
- **Clareza e concisão:** as notícias são escritas de maneira clara e concisa, evitando linguagem técnica ou complexa. O objetivo é transmitir informações de forma acessível ao público em geral.
- **Fontes confiáveis:** uma notícia confiável é baseada em fontes verificáveis e credíveis. Jornalistas devem citar suas fontes sempre que possível para sustentar a precisão das informações apresentadas.
- **Atividade contemporânea:** as notícias estão relacionadas a eventos recentes e atuais. Elas têm o objetivo de manter o público informado sobre o que está transitório no mundo ao seu redor.
- **Cabeçalho e lide:** o cabeçalho (ou manchete) é o título breve que resume o tópico da notícia. O lide (ou lead) é o primeiro parágrafo que resume o

aspecto mais importante da notícia, respondendo às perguntas essenciais.

- Neutralidade: a neutralidade é uma característica fundamental das notícias. Jornalistas devem evitar expressar opiniões pessoais ou viés ao relatar os fatos.
- Variedades de tópicos: notícias podem abordar uma ampla gama de elementos, desde eventos políticos e até questões sociais, culturais e científicas.

O gênero discursivo notícia desempenha um papel crucial na sociedade ao manter o público informado e capacitado para tomar decisões importantes. Sua estrutura e características distintas o tornam um meio eficaz para a disseminação de informações relevantes e atualizadas (Lage, 2004).

Estudos como os conduzidos por Lage (2004) e Medina (2001) buscam categorizar todos os textos disponíveis e publicados nos jornais, considerando uma abordagem unificada de análise que engloba textos linguísticos, não-linguísticos e híbridos, cada qual com suas particularidades. Essa classificação é aplicada a todas as categorias de texto presentes nesse meio de comunicação, incluindo elementos como horóscopos, charges, tiras, palavras cruzadas, receitas culinárias, fotos, mapas, entre outros.

No contexto dos jornais brasileiros, ocorre uma subdivisão, conforme descrito por Medina (2001), que engloba quatro principais grupos de gêneros jornalísticos, no qual tais classificações visam oferecer uma estrutura para a análise abrangente de todos os tipos de conteúdo encontrados em jornais, permitindo uma compreensão mais rica da diversidade presente neste meio de comunicação. São elas:

1. Informativo: esta categoria envolve a apresentação objetiva dos fatos de forma direta e concisa.
2. Interpretativo: neste grupo, além da informação básica, há também a interpretação dos eventos, buscando proporcionar uma compreensão mais aprofundada.
3. Opinativo: aqui se enquadram os textos que expressam um ponto de vista em relação a um ou mais acontecimentos.

4. Entretenimento: Este grupo engloba informações com o propósito de entreter e distrair os leitores.

Para que um acontecimento seja considerado possível de ser noticiado, é necessário que ele esteja inserido em um contexto narrativo que seja familiar e reconhecível tanto para os profissionais de jornalismo quanto para as audiências pertencentes a uma determinada cultura. O próprio domínio dos meios de comunicação adquire e valida sua legitimidade ao recorrer a reminiscências culturais. “Os acontecimentos são, desse modo, narrados de formas que evocam esses enquadramentos familiares, estáveis, contribuindo para a estabilidade da própria sociedade [...]” (Correia, 2011, p. 56-57 *apud* Gurevitch; Lewy; Roeh, 1991, p. 207).

Para Correia (2011), às narrativas jornalísticas emergem, portanto, no contexto do embate entre a percepção caótica do mundo e a sua organização por meio de relatos. As histórias se constituem como construções artificiais que auxiliam as pessoas a superar seus temores e incertezas. Elas se tornam representativas de uma cultura específica, contribuindo para a compreensão de seus valores e símbolos significativos. Ao promoverem certa ordem e estabelecerem limites para comportamentos aceitáveis, recriam um senso de segurança. Dessa maneira, as notícias desempenham um papel cultural comparável ao dos mitos, empregando padrões narrativos conhecidos e repetitivos para explicar o que pode parecer novo de uma maneira que é simultaneamente previsível.

A imprensa opera no contexto da velocidade e apresenta narrativas concisas e um discurso que reflete a pressa e a urgência. Dentro dessa dinâmica, uma característica fundamental da informação é a sua ligação intrínseca com o tempo: assim que é divulgada, a informação tende a ser efêmera. Esse aspecto já havia sido explorado por Park:

As notícias, como forma de conhecimento, não estão primeiramente focadas sobre o passado ou sobre o futuro, mas sim sobre o presente – o que tem sido descrito pelos psicólogos como “presente ilusório”. O que se pretende aqui significar como “presente ilusório” é sugerido pelo facto de as notícias, como os editores da imprensa comercial bem sabem, serem um bem extremamente perecível. As notícias mantêm esse estatuto apenas até chegarem às pessoas para quem têm “interesse noticioso”. Uma vez publicadas e o seu interesse reconhecido, as notícias passam à história (Correia, 2011, p. 33 *apud* Park, 2009, p. 42).

Entretanto, é importante ressaltar que a atualidade não equivale sempre à novidade. A ideia de atualidade se refere à característica de um jornal informar sobre eventos que são contemporâneos, presentes, momentâneos e novos. Contudo, deve-se enfatizar que “atual” não é sinônimo de “novo”. O termo atual indica que algo está ocorrendo no momento presente. Isso implica uma relação temporal entre o momento do evento e o momento presente do indivíduo. Em contrapartida, a novidade não possui exclusivamente uma conotação temporal; ela simplesmente se refere ao fato de que o indivíduo não tinha conhecimento anteriormente. Qualquer informação que o indivíduo desconhecia e passa a conhecer é considerada nova (Correia, 2011 *apud* Fidalgo, 2004).

Quando direcionada ao campo do jornalismo, a análise linguística nos revela como as notícias constituem uma representação simbólica do mundo, forjada dentro de um contexto cultural, social e organizacional específico. É por meio da linguagem que um indivíduo molda realidades carregadas de significados, sendo evidente que os acontecimentos não antecedem a linguagem nem a sua função de construção (Correia, 2011, p. 44 *apud* Mcquillan, 2000, p. 7).

3.4 O gênero discursivo reportagem

A reportagem enquanto gênero discursivo desempenha um papel crucial no jornalismo ao aprofundar os fatos apresentados, contextualizar eventos e fornecer informações analíticas e reflexivas para o público. Sua capacidade de abordar questões complexas e revelar histórias ocultas ajuda a ampliar a compreensão dos sujeitos sobre o mundo ao seu redor.

Dentro do contexto jornalístico, Melo (1998) afirma que é possível segmentar os gêneros jornalísticos em duas categorias principais: aqueles que se enquadram no âmbito do jornalismo opinativo e aqueles que integram o âmbito do jornalismo informativo. Os gêneros do jornalismo opinativo têm a particularidade de serem criados com o objetivo de expressar a opinião do autor do texto. Por outro lado, os gêneros que fazem parte do jornalismo informativo têm a finalidade, de maneira geral, de relatar fatos noticiosos.

No âmbito da Linguística, um dos pesquisadores que se dedicou à análise da reportagem sob a perspectiva dos gêneros discursivos foi Charaudeau (2013). De acordo com ele, a reportagem jornalística aborda um fenômeno social ou político,

buscando fornecer uma explicação (Charaudeau, 2013), em que o fenômeno social é compreendido como uma sequência de eventos que ocorrem no espaço público, gerando interesse em geral.

Sendo assim, um dos pilares fundamentais do jornalismo, a reportagem permite a exploração profunda de complexidades complexas e ajuda a criar uma compreensão mais completa e emocionante do mundo. Ela desempenha um papel importante na exposição de questões, na promoção da transparência e na responsabilização de indivíduos e instituições, afirma Charaudeau (2013).

Dentro deste campo, a concepção de reportagem como um gênero independente é sustentada por Lage (2004). Segundo ele, “a reportagem não se concentra na mera cobertura de um evento ou de um conjunto de eventos, mas sim na investigação de um tópico sob um ângulo previamente estabelecido” (Lage, 2004, p. 45). Assim, como afirma Lage (2004) a reportagem é “a alma do jornal” que não apenas fornece informações, mas ela também é a chave para expor questões críticas e, muitas vezes, desafia o status quo, contribuindo assim para a mudança social.

De acordo com Faria e Zanchetta Jr. (2007), a reportagem, embora busque manter uma abordagem objetiva, oferece uma visão do tema através de uma perspectiva pessoal, com um “formato narrativo distinto”. Isso ocorre porque, ao contrário do que ocorre com a notícia, a reportagem geralmente é assinada pelo repórter, indicando que a apresentação é influenciada por um ponto de vista específico. Portanto, a reportagem é mais comum em revistas e em edições de jornais, já que a criação de uma reportagem exige um período para investigação, coleta de informações e entrevistas com fontes como testemunhas e especialistas.

Isso implica que, esse gênero discursivo “reportagem” é uma forma elaborada de comunicação jornalística que se destaca por explorar um tema de maneira aprofundada e detalhada. É mais do que uma simples apresentação de fatos; envolve pesquisa, análise e narrativa para fornecer uma compreensão mais completa de um assunto. Assim, a partir de agora, será apresentado mais informações sobre esse gênero:

- Investigação jornalística: uma reportagem frequentemente envolve investigação jornalística para revelar informações que podem não ser

facilmente acessíveis. Isso pode incluir entrevistas com fontes, pesquisa de documentos, análise de dados e até mesmo trabalho de campo.

- **Narrativa detalhada:** a reportagem busca apresentar os acontecimentos de maneira detalhada e envolvente. Ela não apenas apresenta informações, mas também cria uma narrativa que prende a atenção do leitor ou do espectador.
- **Perspectivas múltiplas:** uma boa reportagem considera várias perspectivas sobre um tópico. Isso pode incluir opiniões de especialistas, testemunhas, envolvidos diretos e indiretos, para apresentar uma visão abrangente do assunto.
- **Contextualização:** a reportagem não apenas os situa no contexto mais amplo. Isso ajuda os leitores a entenderem o significado e as emoções do que está sendo relatado.
- **Formatos diversificados:** as reportagens podem assumir diferentes formatos, como reportagens escritas, documentários, podcasts, vídeos, infográficos e muito mais. Cada formato busca aproveitar os recursos da mídia para transmitir informações de maneira eficaz.
- **Entrevista e Perfis:** reportagens frequentemente incluem entrevistas com pessoas envolvidas no tópico, criando uma conexão humana com a história. Também podem apresentar perfis detalhados de indivíduos relevantes.
- **Impacto social:** reportagens investigativas de alta qualidade podem ter um impacto significativo na sociedade, expondo irregularidades e injustiças. Essas reportagens muitas vezes levam a mudanças, processos legais e maior conscientização pública.
- **Responsabilidade e ética:** reportagens têm a responsabilidade de relatar com precisão e honestidade. Jornalistas devem aderir a padrões éticos e considerar o impacto de suas histórias sobre as pessoas envolvidas.
- **Apuração de fatos:** antes de publicar, as reportagens passam por um processo rigoroso de apuração de fatos para garantir a veracidade das informações garantidas.
- **Planejamento e produção:** a criação de uma reportagem muitas vezes envolve um planejamento detalhado, incluindo a definição do escopo da história, pesquisa, entrevistas, coleta de material multimídia e edição.

- Prêmio e reconhecimento: reportagens de destaques muitas vezes recebem prêmios jornalísticos, como o Prêmio Pulitzer, que reconhecem a excelência na investigação e narração de histórias.
- Longevidade: ao contrário das notícias, que podem ser efêmeras, as reportagens têm uma vida útil mais longa. Elas continuam sendo referências importantes sobre eventos e apresentam ao longo do tempo.

Dentro do gênero reportagem, sua estrutura composicional destaca-se por ser organizada a partir de relatos de eventos, fatos ou situações de relevância. Essa modalidade tem como autor um repórter vinculado a um veículo de comunicação, seja impresso, de rádio, televisão ou online. A reportagem se diferencia da notícia ao proporcionar uma abordagem mais ampla, explorando as causas e consequências do assunto em questão, estimulando a discussão (Bronckart, 2012).

Enquanto a notícia foca na descrição do evento e, no máximo, em suas repercussões, a reportagem vai além: partindo do próprio evento, desenvolve uma sequência investigativa que transcende a mera transmissão de informações. Portanto, a reportagem não apenas investiga a origem dos fatos, mas também suas motivações, impactos e implicações. Por conseguinte, ela abre espaço para o debate sobre o acontecimento, explorando seus aspectos cruciais e dividindo-o em segmentos de análise diferentes e que podem ser agrupadas em uma ou mais páginas. A notícia não esgota o fato. A reportagem pretende fazê-lo. Nela predominam os tipos de discursos do mundo do narrar: relato interativo, com sequências narrativas descritivas e dialógicas, conforme definições de Bronckart (2012).

Assim, a reportagem é o gênero mais complexo e mais elaborado do jornalismo que envolve coleta minuciosa de dados, entrevistas, consultas e outras mídias como rádio, TV e internet. Esse gênero pode ser considerado a própria essência de um jornal e difere na notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. Por isso, “a base da reportagem continua sendo a entrevista, de preferência face a face, captando o que a fonte quer dizer e também, se possível, o que ela gostaria de não dizer” (Lage, 2004, p. 22). Assim, as fontes desenvolvem cada vez mais maneiras sofisticadas de persuadir de forma sutil, buscando envolver até o próprio repórter que faz a entrevista naquele momento.

Por outro lado, conforme Bronckart (2012), o gênero reportagem se inscreve no discurso da ordem do narrar que, por focar-se em fatos implicados com a situação social em curso, organiza-se em forma de relato interativo, a partir de sequências narrativas, intercaladas com outras explicativas e argumentativas, visto que o texto, de certa forma, prima também por persuadir os leitores para um determinado posicionamento, o da justiça.

4 DEFINIÇÃO METODOLÓGICA E ANÁLISE DOS DADOS

Todo o vasto contexto infinito do conhecimento teórico humano, representado pela ciência, deve ser assumido como uma responsabilidade consciente por cada indivíduo. Isso em nada diminui ou distorce a verdade (verdade) do conhecimento teórico, mas o complementa de maneira a torná-lo uma verdade necessariamente válida. Cada sujeito discursivo, ao se tornar um participante ativo desse universo de sabedoria, contribui para a riqueza e a profundidade da compreensão humana, ampliando assim as fronteiras do conhecimento para além dos limites estabelecidos. (Mikhail Bakhtin)

4.1 Pesquisa qualitativa nos estudos linguísticos

A pesquisa qualitativa é delineada como um método de investigação científica que foca no caráter subjetivo, no qual o pesquisador se posiciona no mundo que está sendo investigado. É preciso considerar a parte subjetiva do problema (em análise) que é capaz de reconhecer e analisar os dados que não podem ser quantificados numericamente. Para Creswell (2014) a pesquisa qualitativa envolve um conjunto de práticas interpretativas que têm o papel de tornar o mundo visível, transformando-o em diversas representações, que incluem notas, entrevistas, conversas, fotografias, registros e anotações pessoais.

Nesse contexto, os pesquisadores adotam uma perspectiva interpretativa e buscam compreender um fenômeno dentro do seu contexto natural. Ela é essencialmente interpretativa e naturalística, onde o foco central está em compreender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas atribuem a eles (Creswell, 2014).

Em termos gerais, a pesquisa qualitativa é uma abordagem que parte do pressuposto de que o significado atribuído a um fenômeno é mais relevante do que sua quantificação. Os resultados obtidos por meio da pesquisa qualitativa visam a elucidar exclusivamente o fenômeno ou contexto em que foram conduzidos, não sendo possível generalizá-los para uma população mais ampla ou para outros contextos distintos. Dentro desta abordagem, surgem alguns pressupostos da pesquisa qualitativa que foram encontrados por Creswell (2014), são eles:

1. É conduzida em ambiente natural: os pesquisadores coletam os dados no campo, no ambiente onde os participantes vivenciam a questão ou

problema em estudo. Os pesquisadores optam por obter informações de forma próxima, engajando-se em diálogos diretos com os indivíduos e observando de perto seus comportamentos e ações no contexto específico em que estão inseridos.

2. Baseia-se no pesquisador como instrumento-chave de coleta: Os pesquisadores realizam a coleta de dados por meio de análise de documentos, observação atenta do comportamento e condução de entrevistas com os participantes. Embora possam empregar instrumentos, estes são elaborados pelos próprios pesquisadores, utilizando perguntas abertas. Não costumam depender de questionários ou instrumentos desenvolvidos por outros pesquisadores.
3. Envolve o uso de múltiplos métodos: os pesquisadores adotam uma abordagem abrangente ao coletar dados, incorporando diversas formas, como entrevistas, observações e documentos, em vez de dependerem exclusivamente de uma única fonte. Dedicam-se a uma análise abrangente de todos os dados, buscando compreender seu significado e organizando-os em categorias ou temas que transcendem todas as fontes de informação.
4. Envolve um raciocínio complexo que circula entre o dedutivo e o indutivo: os pesquisadores desenvolvem padrões, categorias e temas de forma “de baixo para cima”, construindo uma organização indutiva dos dados em direção a unidades de informação cada vez mais abstratas. Nesse processo, os pesquisadores trabalham de maneira iterativa, avançando e retrocedendo entre temas e dados fundamentais até alcançarem um conjunto abrangente de temas.
5. Foca na perspectiva dos participantes: ao longo de todo o processo, os pesquisadores mantêm uma atenção especial na apreensão do significado que os participantes atribuem ao problema ou questão em estudo. Esse enfoque direciona-se não para o significado que os pesquisadores introduzem na pesquisa ou que os escritores derivam da literatura, mas sim para a compreensão autêntica da perspectiva dos participantes.
6. Está situada dentro do contexto dos participantes: isso implica uma imersão profunda no ambiente onde as experiências ocorrem, coletando

uma variedade de dados para capturar a riqueza e a complexidade do fenômeno em estudo.

Assim sendo, a pesquisa qualitativa representa uma abordagem que vai além de uma simples mensura, destacando-se por valorizar o aspecto subjetivo. Nesse sentido, ela é objeto de uma interpretação ampla, afastando-se de suposições não fundamentadas (achismo) e, ainda mais, de avaliações baseadas apenas na observação superficial (olhômetro). Estamos, portanto, nos referindo a uma análise cuidadosa, embora subjetiva e interpretativa, frente a um fato ou fenômeno que está sendo investigado. Este método não apenas busca compreender o que acontece, mas também procura desvendar os significados intrínsecos atribuídos pelos participantes, adotando uma postura criteriosa no processo de análise.

Diante do exposto acerca do método qualitativo, é crucial ressaltar a distinção em relação ao método quantitativo, que tem como resultados expressos em índices numéricos, apontando preferências, comportamento e outras ações dos indivíduos que pertencem a um determinado grupo ou sociedade. O método de pesquisa quantitativo é objetivo, pois segue modelos padronizados de investigação como é o caso de questionários de múltipla escolha. As amostras coletadas para a pesquisa quantitativa tendem a ser substancialmente maiores em comparação ao método qualitativo.

No entanto, é importante salientar que a pesquisa qualitativa não se destina a substituir o modelo quantitativo, mas sim a complementá-lo de maneira significativa. Seu propósito principal é adquirir dados direcionados para compreender as atitudes, motivações e comportamentos de determinados grupos específicos de pessoas dentro de um contexto, tema ou problema. Outra distinção crucial entre os dois modelos de investigação científica reside no ponto de vista do pesquisador em relação à condução da pesquisa. Na abordagem quantitativa, a opinião do pesquisador deve ser excluída, enquanto na qualitativa, a opinião do pesquisador pode estar integrada à pesquisa para testar as suas hipóteses. Essa flexibilidade permite uma compreensão mais profunda e holística dos fenômenos estudados.

Assim, a pesquisa qualitativa se apresenta como uma abordagem essencial aos estudos linguísticos e discursivos, especialmente quando se trata de análises relacionadas ao jornalismo, reportagens e notícias. Esta abordagem de pesquisa se destaca por seu enfoque na compreensão detalhada e na interpretação

profunda da linguagem presente em contextos específicos. Ao mergulhar nas estruturas e significados linguísticos, ela revela nuances e complexidades que podem passar despercebidas em abordagens quantitativas.

A pesquisa qualitativa dentro dos estudos linguísticos emprega uma série de métodos, como a análise de discurso, análise textual, análise de conteúdo e etnografia. Assim, essas ferramentas permitem aos pesquisadores analisar cuidadosamente a linguagem utilizada em textos jornalísticos, identificando escolhas linguísticas, estratégias retóricas e narrativas subjacentes. O objetivo é ir além da superfície textual, revelando como as notícias são construídas e como as representações sociais são moldadas por meio da linguagem. Portanto, é evidente que a pesquisa qualitativa desempenha um papel crucial na compreensão dos estudos linguísticos. Assim, para que o sujeito forme sua opinião sobre um determinado tema que está sendo noticiado, é necessário que ele entenda os três pilares fundamentais para entender a notícia, conforme Correia (2011):

- 1 Compreensão da construção das notícias: elas nos permitem desvendar como as notícias são produzidas, destacando as escolhas linguísticas específicas, bem como as estratégias discursivas que moldam a narrativa jornalística. Isso é essencial para uma análise crítica da produção de notícias.
- 2 Análise de representações sociais: a pesquisa qualitativa possibilita a investigação das representações sociais presentes na linguagem jornalística, revelando como grupos sociais, eventos ou questões são tratados e interpretados. Isso ajuda a entender como a mídia influencia a percepção pública.
- 3 Contextualização da mensagem: ela nos ajuda a entender o contexto mais amplo em que uma notícia é produzida. Isso inclui considerar fatores culturais, políticos e sociais que influenciam a escolha de palavras, o enfoque e os objetivos dos jornalistas.

A partir das ideias mencionadas, nota-se que o pesquisador desempenha um papel ativo na pesquisa qualitativa. Isso inclui a coleta de dados por meio da seleção de textos, sejam eles, da esfera jornalística ou não, relevantes, bem como uma análise detalhada desses materiais. Além disso, o pesquisador interpreta os resultados da análise, identificando padrões linguísticos, construções de sentidos e estratégias discursivas. É crucial que o pesquisador mantenha uma postura reflexiva

e reconheça seu próprio viés ou perspectiva na análise, buscando garantir a objetividade e a validade da pesquisa.

Devido à variedade de abordagens e estratégias disponíveis, a pesquisa qualitativa ganhou uma importância significativa, desempenhando um papel crucial no apoio aos pesquisadores em investigações relacionadas às dinâmicas sociais. Conforme afirmado por Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “o pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam”. Por conseguinte, o papel do pesquisador é fundamental, e não se trata simplesmente de uma máquina processando informações, mas sim de seres humanos que conduzem e interpretam o processo de pesquisa.

Portanto, a função do pesquisador nessa abordagem é multifacetada e desempenha um papel crucial na condição de estudos que visam compreender a complexidade dos fenômenos sociais e humanos. O pesquisador atua como um facilitador, um observador atento e um intérprete das experiências e perspectivas dos participantes. Segundo Bogdan e Biklen, “os pesquisadores aprendem a interpretar alguns dos seus dados em função do contexto” (1994, p. 69). Por isso, o pesquisador é responsável por criar o contexto e as condições para a coleta de dados, bem como por analisar e interpretar esses dados.

Assim, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é caracterizada por cinco elementos fundamentais que configurariam essa abordagem: ambiente natural, dados descritivos, priorização pelo processo, preocupação com o significado e processo de dados indutivos.

A pesquisa qualitativa se destaca ao utilizar o ambiente natural como a fonte direta de dados, com o pesquisador desempenhando um papel central como sendo o principal instrumento deste processo. Além disso, de acordo com os autores, essa abordagem presume a necessidade de um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação sob investigação, isso normalmente envolve um comprometimento significativo com um trabalho de campo extenso, permitindo uma compreensão e análise mais rica e profunda do fenômeno estudado.

A ênfase no processo é considerada superior à do produto. O pesquisador concentra seu interesse em examinar minuciosamente como um problema específico se manifesta nas atividades diárias, nos procedimentos adotados e nas interações que ocorrem regularmente. Isso implica que, para

compreender verdadeiramente o fenômeno em estudo, o pesquisador se dedica a explorar a dinâmica e os detalhes do processo em vez de apenas focar nos resultados finais.

O significado atribuído pelas pessoas às coisas e às suas vidas é o ponto central de interesse do pesquisador. Nessas investigações, há uma atenção especial voltada para capturar a perspectiva dos participantes. O pesquisador se esforça para compreender profundamente como os informantes enxergam e interpretam as questões que estão sendo analisadas. Esse foco na perspectiva dos participantes permite uma compreensão mais rica e contextualizada do fenômeno em análise, ao considerar as visões e significados que os sujeitos atribuem às suas experiências.

A análise de dados adere a um processo indutivo. Os pesquisadores não buscam ativamente evidências para confirmar hipóteses definidas previamente antes do início do estudo. Em vez disso, as abstrações e inspeção dos dados, segue um caminho inverso, de baixo para cima. Esse enfoque permite que as descobertas surjam organicamente dos dados coletados, em vez de serem guiadas por pré-concepções teóricas, possibilitando uma compreensão mais profunda e autêntica do fenômeno estudado.

Assim, considerando essas características, segundo Lüdke e André (2018, p. 14) *apud* Bogdan e Biklen (1982)

A pesquisa qualitativa ou naturalista [...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Isso evidencia que a pesquisa qualitativa, desempenha um papel proeminente devido à sua abrangência, já que é aplicada em quase todas as áreas do conhecimento. Seu foco central recai sobre o estudo linguístico, sendo assim uma contribuição valiosa para diversas áreas de pesquisa.

Em uma sociedade caracterizada pela pós-modernidade, é evidente que ocorrem transformações significativas em todos os domínios da educação. Isso se estende também ao campo da pesquisa, à medida que o número de pesquisadores em busca de soluções para seus questionamentos aumenta constantemente. Nesse contexto, a pesquisa qualitativa desempenha um papel fundamental, visto que oferece uma gama diversificada de técnicas e métodos, especialmente ao abranger

as ciências humanas e sociais. Por isso, ela tem se revelado uma ferramenta valiosa para auxiliar os pesquisadores na busca por respostas em suas investigações.

A pesquisa que será desenvolvida é a qualitativa que dispõe de uma variedade de procedimentos e instrumentos para a coleta de análise de dados, incluindo a pesquisa do tipo Análise Documental. Este método não apenas busca examinar documentos existentes, mas também se propõe a gerar novos documentos, criando novas formas de compreender os fenômenos em estudo e compartilhar o processo de desenvolvimento dessas ideias.

A pesquisa análise documental não se limita à mera observação e interpretação de registros já existentes, mas também contribui para a construção ativa do conhecimento. Essa abordagem vai além da simples coleta de dados, pois busca ativamente produzir perspectivas inovadoras que possam aprimorar a compreensão do objeto de estudo. Portanto, ao incorporar a pesquisa análise documental em um contexto qualitativo, abre-se espaço para a criação de um diálogo contínuo entre o pesquisador, os dados e o desenvolvimento das ideias, contribuindo para uma abordagem mais dinâmica e participativa na geração do conhecimento.

4.2 A pesquisa “análise documental”

A memória dos seres humanos tem suas limitações, o que torna impossível memorizar cada detalhe. Além disso, ela pode alterar lembranças, omitir fatos importantes ou distorcer eventos. Nesse contexto, o documento escrito se mostra extremamente valioso para o pesquisador nas áreas das ciências sociais e, em específico, para as ciências da linguagem. Ele se torna insubstituível, especialmente ao reconstruir eventos de um passado remoto, muitas vezes representando a maior parte das evidências da atividade humana em épocas específicas. Além disso, frequentemente permanece como o único testemunho de atividades particulares que ocorreram em um passado recente (Cellard, 2008, p. 295).

Com isso, a análise documental apresenta-se como uma abordagem metodológica utilizada em diferentes áreas, incluindo a história, ciências sociais, ciências políticas, comunicação, linguagem, etc. Assim, conforme nos fala Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), ela é definida como “[...] um procedimento que se

utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Dessa forma, a análise documental é vista de maneira geral como uma valiosa técnica de pesquisa que permite aos pesquisadores explorar, compreender e interpretar documentos escritos e registros de várias formas. Na visão de Lüdke e André (2018, p. 45) *apud* Phillips (1974, p. 187), afirma que, pode-se considerar documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”.

Visto que, o documento possui um instrumento o qual o pesquisador não o domina. “A informação, aqui, circula em sentido único; pois, embora tagarela, o documento permanece surdo, e o pesquisador não pode exigir precisões suplementares” (Cellard, 2008, p. 296). Isso é especialmente útil ao lidar com questões em que a subjetividade é essencial.

Esses documentos (que é ampla a definição) podem abranger uma variedade de fontes, não se limitando apenas ao texto escrito, mas também incluindo dentre eles, fotos, vídeos, notícias, jornais ou qualquer tipo de material que possa fornecer informações sobre um determinado tópico, evento, período histórico ou fenômeno.

Sob esse enfoque, trabalharemos mais especificamente com a pesquisa do tipo “análise documental” que é vista como uma abordagem rica em potencial e intensidade. Como uma porta de entrada para o passado, visando um futuro recente. Trata-se de uma ferramenta que nos permite examinar registros, textos e narrativas que moldaram eventos, contextos culturais e históricos “[...] não só pelas provas visíveis, mas também pela linguagem de quem escreve” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 251). Ao investigar documentos, o pesquisador mergulha em um universo de conhecimento já registrado, buscando desvendar conexões ocultas, padrões e tendências que podem revelar informações essenciais sobre o objeto de estudo e, assim, enriquecer a nossa compreensão sobre o tema que está sendo investigado.

Na mesma ordem de ideias, no plano metodológico, a análise documental de acordo com Cellard (2008) apresenta algumas vantagens e desafios significativos. Uma das principais vantagens da análise documental é a sua capacidade de diminuir a influência do pesquisador sobre o material estudado. Isso ocorre porque os documentos, em sua maioria, são registros objetivos de eventos, informações ou pensamentos.

No entanto, existem desafios associados à análise documental. Por um lado, os documentos muitas vezes carecem de contexto completo. Isso significa que

pode ser difícil compreender completamente o significado de um documento ou sua relevância para uma pesquisa específica sem informações adicionais. Por outro,

[...] o pesquisador deve compreender adequadamente o sentido da mensagem e concentrar-se com o que tiver à mão: fragmentos eventualmente, passagens difíceis de interpretar e repletas de termos e conceitos que lhes são estranhos e foram redigidos por um desconhecido, etc (Cellard, 2008, p. 296).

Além disso, os documentos são passivos e não podem responder a perguntas ou esclarecer pontos ambíguos. Isso contrasta com métodos de pesquisa mais interativos, como entrevistas ou observações. A seleção dos documentos a serem analisados também pode introduzir viés na pesquisa. Se determinados tipos de documentos, como por exemplo, realizar uma pesquisa na área da linguística sobre o uso de uma determinada língua, e o pesquisador optar por analisar apenas textos literários e ignorar textos jornalísticos ou diálogos cotidianos, estará deixando de lado uma parte importante do aspecto linguístico, o que pode afetar a validade dos resultados. Além disso, nem sempre é possível garantir a autenticidade dos documentos já que eles podem conter erros ou informações imprecisas. Por isso, “o pesquisador que trabalha com documentos deve superar vários obstáculos e desconfiar de inúmeras armadilhas, antes de estar em condição de fazer uma análise em profundidade de seu material” (Cellard, 2008, p. 296).

Portanto, dentro da análise documental podemos encontrar diversos documentos que podem apresentar-se de forma incompleto, impreciso ou parcial. Entretanto, é necessário avaliar com prudência, com um olhar crítico, os documentos a serem analisados. “Essa avaliação crítica constitui, aliás, a primeira etapa de toda análise documental” (Cellard, 2008, p. 299). Assim, de acordo com Cellard (2008), o pesquisador deve se preocupar com cinco dimensões na pesquisa documental:

- 1 O contexto: é importante uma análise do contexto histórico e social em que todo documento foi elaborado, bem como o contexto do autor a quem estava destinado esse documento, independente do momento em que ele foi produzido e que é analisado.
- 2 O autor ou autores: para uma boa interpretação dos documentos, é fundamental ter conhecimento da identidade, dos interesses e dos motivos da escrita da pessoa que se expressou.

- 3 Autenticidade e a confiabilidade do texto: este é o elemento mais importante. Assegura-se da qualidade da informação transmitida. Esse procedimento facilitará o pesquisador compreender se o documento que está trabalhando, ele tem autenticidade.
- 4 A natureza do texto: é importante analisar a natureza do documento, já que a abertura do autor, os subentendidos, a estrutura de um texto pode variar enormemente, conforme o contexto no qual ele foi redigido.
- 5 Os conceitos-chaves e a lógica interna do texto: é necessário o entendimento do sentido dos termos empregados num documento para não cometer anacronismos. Deve-se compreender como eram utilizados os termos, têm que compreender a estrutura da escrita, podendo sofrer, tais termos: variações, significados ao longo da história de acordo com a natureza do documento e o conhecimento do leitor.

Seguindo as observações de Cellard (2008), é plausível considerar que as informações documentais desempenhem um papel relevante em relação a todos os aspectos do estudo linguístico. Ao adotar uma abordagem sistemática e crítica, o pesquisador pode obter uma gama de possibilidades valiosas e confiáveis dos documentos analisados, contribuindo, assim, para o avanço do conhecimento em sua respectiva área de estudo. Em vista disso, “uma análise confiável tenta cercar a questão, recorrendo a elementos provenientes, tanto quanto possível, [...] de modo a obter um ponto de vista tão global e diversificado quanto pode ser” (Cellard, 2008, p. 305). Isso ocorre porque ele pode preencher lacunas de informações ausentes ou insuficientemente documentadas de outros documentos. Isso engloba datas cruciais, grafias de nomes e outras questões de interesse na pesquisa, o que, por sua vez, enriquece e avança no desenvolvimento do estudo (Gil, 2009).

Por isso, o foco da pesquisa será direcionado para a análise de cunho documental, centrando-se nos gêneros discursivos, notícia e reportagem. O objetivo principal será a investigação da Plurivocidade/polifonia presentes nesses textos a fim de identificarmos as intencionalidades dos sujeitos produtores de discursos. Além de examinar os elementos explícitos nos documentos, a análise documental permitirá a identificação das múltiplas vozes e perspectivas divergentes que coexistem nos discursos jornalísticos, identificando como diferentes pontos de vistas e opiniões são expressos e articulados nos gêneros em questão.

Além disso, a pesquisa se propõe a ampliar a compreensão desses gêneros discursivos investigando elementos como as escolhas linguísticas, estrutura narrativa, e o uso de fontes e citações. Isso contribuirá para uma visão mais abrangente do papel desempenhado pelos gêneros discursivos na construção e disseminação de informações na esfera jornalística. A pesquisa busca, assim, ir além da superfície textual, mergulhando na complexidade desses gêneros, a fim de revelar nuances, tensões e dinâmicas que podem influenciar a interpretação e compreensão do público em relação às notícias e reportagens.

4.3 A análise dos dados: a plurivocidade nos gêneros jornalísticos

Na sociedade contemporânea, a comunicação exerce um papel de destaque ao trazer à tona temáticas significativas, servindo de combustível para debates e reflexões. A capacidade de moldar opiniões e influenciar o pensamento das pessoas é uma das características mais marcantes da comunicação, à medida que os indivíduos acompanham, diariamente, a divulgação dos eventos que moldam o cotidiano.

Nesse contexto, o jornalismo assume uma missão de relevância, não se limitando a simples transmissão de informações, mas também cumpre o papel de desvendar e explicar os fatos à sociedade. Com isso, a multiplicidade de perspectivas e opiniões na construção do conhecimento e na formação da opinião pública ao atuar como mediador desse diálogo, desempenha um papel vital na promoção da pluralidade de vozes e na criação de um ambiente rico em perspectivas e ideias.

As primeiras análises que compõem o nosso corpus são veiculadas na revista ISTOÉ intitulada “*Bolsonaro diz estar com ‘consciência tranquila’ em relação a pandemia; Brasil registra quase 100 mil mortos*”, publicada no dia 06 de agosto de 2020; a segunda, é intitulada “*Os preocupantes sinais populistas no início do novo governo Lula*”, escrita por Daniel Pereira, publicada em 06 de janeiro de 2023, na revista VEJA. Quanto às notícias, a primeira é veiculada no jornal ESTADO DE SÃO PAULO (ESTADÃO) com título “*Lula e a má-fé da esquerda*”, publicada no dia 15 de novembro de 2023, assinada pelo ESTADÃO; a segunda e última pertence ao O Globo, com título “*O PT menospreza os riscos de 2026*”, escrita por Elio Gaspari, também publicada em 19 de novembro de 2023. Assim, esses veículos de

informação juntos são capazes de disseminar informações e pontos de vista diferentes se alinhando as ideologias que molda a percepção do público.

Com isso estabelecido, avançamos para as análises das reportagens e notícias que foram escolhidas para este estudo.

Quadro 01 – Bolsonaro diz estar com ‘consciência tranquila’ em relação a pandemia; Brasil registra quase 100 mil mortos.

**Bolsonaro diz estar com ‘consciência tranquila’ em relação a pandemia;
Brasil registra quase 100 mil mortos**

[AFP](#)

06/08/2020 – 22:27

O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta quinta-feira que está “com a consciência tranquila” em relação a seu papel frente à pandemia do novo coronavírus, que já deixou quase 100 mil mortos no país, em 3 milhões de casos.

“Estamos com a consciência tranquila (...) Junto com os meios que temos, temos como realmente dizer que fizemos o possível e o impossível para salvar vidas”, assinalou o presidente durante evento transmitido em suas redes sociais.

Juntamente com o ministro interino da Saúde, general Eduardo Pazuello, Bolsonaro assinou um decreto para a compra da vacina contra a Covid-19 desenvolvida pelo laboratório AstraZeneca e a Universidade de Oxford, que está em fase de testes.

“A gente lamenta todas as mortes, já estão chegando a 100 mil, talvez hoje, mas vamos tocar a vida e buscar a maneira de nos safarmos deste problema”, disse Bolsonaro mais tarde, em transmissão ao vivo, também acompanhado do general Pazuello.

Nesta mensagem, divulgada em suas redes sociais, Bolsonaro acusou os governadores de inflarem os números da pandemia, e os médicos, de não realizarem autópsias e colocarem Covid-19 como causa de mortes sem terem um diagnóstico.

O presidente disse ter lido diretrizes do governador de São Paulo, João Dória, para que *“o médico, ao não poder constatar na prática se foi Covid, escrever Covid, então o número aumenta”,* declarou. *“Não sei com que interesse, mas alguns governadores têm encaminhado as coisas neste sentido, levar mais pânico à população.”*

Bolsonaro também criticou governadores e prefeitos por aplicarem a quarentena, acusando-os de serem “ditadores”, e os responsabilizou pelo aumento do desemprego, que, como resultado da pandemia, subiu para 13,3% no trimestre abril-junho, um recorde em três anos: *“Quase 9 milhões perderam empregos no segundo trimestre (...) Alguns governadores e prefeitos têm esta responsabilidade.”*

Nesta quinta-feira, exibindo uma caixa de hidroxiclороquina, Bolsonaro voltou a defender o uso do medicamento. *“Quem não quiser tomar cloroquina, não tente impedir quem deseja. No final das contas, ainda não temos uma vacina, nem um remédio cientificamente comprovado.”*

Dentro do gênero discursivo reportagem, a presente análise se concentra no discurso político do Ex-chefe do Poder Executivo Jair Messias Bolsonaro durante a pandemia de covid-19, em uma reportagem do portal ISTOÉ do ano de 2020, cujo enfoque da reportagem aborda a crise sanitária da Covid-19 no Brasil e o posicionamento do então Presidente da República sobre os efeitos da Pandemia em nosso país.

A análise dos discursos se torna ainda mais crucial em meio a uma crise de saúde pública sem precedentes que o país enfrentava, visto que as ações e as palavras do líder político na época desempenharam um papel de extrema importância na orientação das respostas governamentais e na formação da opinião pública no Brasil. Portanto, entender como o discurso político foi construído e interpretado em um contexto tão crítico é de extrema importância para compreender o impacto das políticas e das estratégias adotadas pelo Governo Federal em resposta à pandemia.

No decorrer da análise, buscamos evidenciar as múltiplas vozes que estavam por trás das falas do ex-presidente que moldaram a opinião pública e colocaram em cheque a sua forma de governar o país, a partir do estudo de Bakhtin (2011) sobre a plurivocidade/polifonia que faz parte da dinâmica da linguagem em funcionamento, resultando do deslizamento de significados causado pelos variados posicionamentos sociais e pelas várias experiências humanas de diferentes grupos e épocas. A variedade de significados que emerge desse processo é incorporada pelos signos linguísticos, os quais carregam aquilo que pode ser identificado como "verdades" ou "vozes sociais" - os diversos discursos.

Nesta reportagem, ao desvendar os sentidos (as vozes) que construíram os enunciados, é possível traçar um percurso das ideias e posicionamentos do sujeito enunciativo desde o início do período pandêmico. Ao examinarmos o seu discurso, as declarações e ações do sujeito discursivo, é possível identificar inconsistência ou mudanças em suas posições e ideias do que foi falado até o que realmente foi realizado para conter o avanço do vírus no Brasil. Assim, é possível por meio da análise dos enunciados "rastrear" a evolução do seu discurso e como reflete as visões e ideologias, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de sua abordagem em relação à pandemia.

Nesse processo, à medida que o texto toma forma, todo discurso incorpora palavras que pertencem a outros, carregando consigo a expressão e o tom valorativo do autor original. Essas palavras alheias, quando entram em diálogo com a expressão do autor do discurso, conferem uma singularidade à (re)criação da

linguagem. É por esse motivo que Bakhtin (2010) aborda o discurso como bivocal, ou seja, um discurso orientado em duas direções, que considera as palavras do outro, sejam elas explícitas ou não. Esse processo inevitavelmente faz emergir as posições sociais, ideológicas e valorativas do locutor, mesmo que ele não tenha essa intenção.

Partindo desse ponto, foi crucial não se limitar na análise, aqui apresentada, apenas ao que foi dito, mas também explorar o que permaneceu no não dito. Além disso, é de suma importância levar em consideração o contexto no qual o discurso foi proferido, tanto em seu sentido mais amplo quanto em sua dimensão mais específica, contemplando os envolvidos, a situação e a memória que o envolveram. Com essa perspectiva, “o processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda informação guardada na memória) [...]” (Lage, 2003, p. 9).

Reconhecer a posição que o sujeito ocupa no momento de fala desempenha um papel fundamental na interpretação do que é dito, uma vez que essa posição representa o que podemos chamar de relação de força (Bakhtin, 2011), influenciando as escolhas linguísticas e as ênfases no discurso, impactando diretamente na maneira como as mensagens são transmitidas e percebidas pelo público. Portanto, esta análise não considera apenas o seu conteúdo explícito, mas também o contexto e a dinâmica das vozes na busca de validar o poder que moldaram os discursos.

No primeiro enunciado: “Estamos com a consciência tranquila (...). Junto com os meios que temos, temos como realmente dizer que fizemos o possível e o impossível para salvar vidas”, compreendendo as complexas condições de produção que abarcam o discurso do ex-presidente, durante a pandemia de Covid-19, podemos perceber as múltiplas vozes e perspectivas que se entrecruzam no seu discurso, que emergem e refletem sobre o tempo desde o início da crise sanitária. Neste cenário, onde um pouco mais de 100 mil vidas sucumbiram às “garras” da Covid-19, o sujeito discursivo revela, por meio de sua construção discursiva, que o governo fez o possível e o impossível para combater a pandemia e proteger vidas. Essa é a principal voz dominante na declaração se eximindo de qualquer responsabilidade pelas vidas perdidas.

Assim, cabe ressaltar, que o seu discurso reflete suas posições políticas e ideológicas. Conhecido por sua abordagem de direita e crenças conservadoras, o discurso proferido por ele durante a pandemia pode ser moldado por essas visões e por seu desejo de manter seu eleitorado satisfeito. Portanto, dentro do seu ato discursivo, podemos identificar múltiplas vozes internas. Ele está equilibrando várias vozes: a de líder do país, a do chefe de Estado, a do político preocupado com sua imagem pública e a do líder que deve tomar decisões difíceis durante uma crise. Essas vozes internas podem entrar em conflito e influenciar o discurso.

Bakhtin (2009) argumenta que o discurso é moldado pelas relações de poder na sociedade, e que “o locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no, território de outrem, sobre o fundo aperceptivo do seu ouvinte” (Bakhtin, 2002, p. 91). Assim, o sujeito discursivo (ex-presidente), ocupa uma posição de poder significativo, em que o discurso influencia a percepção e a interpretação dos outros. O discurso proferido por ele, pode ser uma tentativa de consolidar seu poder, influenciando a narrativa em torno da pandemia e, assim, moldando a percepção pública durante o período de crise sanitária que o país enfrentava. O sujeito discursivo enfrentou severas críticas em relação à sua má gestão da pandemia durante seu mandato, tanto de dentro do Brasil quanto internacionalmente.

A declaração do ex-presidente de que “estamos com a consciência tranquila”, pode ser uma resposta a essas críticas, uma tentativa de reforçar sua imagem de líder consciente do que estava enfrentando para conter a disseminação do vírus (o que não apresentava na época), e rejeitar a responsabilidade que estava recaindo em seu ombro, negando a presença de vozes contrárias ou discordantes que não estão explicitamente representadas. Vozes essas como a de críticos, especialistas, e outros atores sociais que divergiram da afirmação do ex-presidente. Ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo é fundamental, especialmente quando se trata de questões polêmicas ou declarações controversas (Lage, 2003). A ausência de tais vozes na declaração destaca as diferentes perspectivas que não foram levadas em consideração ou foram ignoradas.

No segundo enunciado: “*A gente lamenta todas as mortes, já estão chegando a 100 mil, talvez hoje, mas vamos tocar a vida e buscar a maneira de nos safarmos deste problema*”, o sujeito discursivo, na presente declaração, manifesta duas vozes internas conflitantes dentro de seu próprio discurso. Por um lado, há a

voz que lamenta as mortes e reconhece a magnitude da tragédia. Por outro lado, ele apresenta uma voz que enfatiza a necessidade de “tocar a vida” e encontrar maneiras de superar o problema, o que pode ser interpretado como uma busca de minimizar os impactos da pandemia. Com isso, emergem dentro do contexto enunciativo as vozes internas que representam a tensão entre o reconhecimento da gravidade da situação e a tentativa de adotar uma postura otimista, mas sempre se afastando, dentro do seu discurso, de qualquer responsabilidade que seja atribuída a ele.

Os diferentes pontos de vista de seu discurso conflitante emergem principalmente, fazendo referência à expressão “a gente” sugerindo que o sujeito discursivo está se dirigindo a um grupo específico de apoiadores ou eleitores que compartilham de sua perspectiva. Ao mencionar “lamentar todas as mortes”, ele “[...] admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau)” (Bakhtin, 2002, p. 75) e, implicitamente, os que sofreram diretamente com a pandemia.

Durante a pandemia, o sujeito discursivo enfrentou intensas críticas por sua postura em relação às medidas de distanciamento social e seu ceticismo em relação à gravidade da Covid-19. A menção ao marco de “100 mil mortes” é uma alusão ao impacto significativo da pandemia no Brasil naquele momento. Sua abordagem de “tocar a vida” pode ser interpretada como uma tentativa de minimizar a gravidade da situação e desviar o foco da crise, ao mesmo tempo em que destacava a atuação do governo na busca de soluções, o que não foi possível constatar durante o período de crise sanitária no país.

Por essa via, quando utilizado a palavra “talvez” ao falar sobre o número de mortes introduz um elemento de incerteza e subjetividade na declaração. Isso reflete a complexidade e as dúvidas associadas à pandemia, bem como a variedade de interpretações e perspectivas sobre a gravidade da situação. Essa abordagem tinha como objetivo desviar a atenção da população em relação a postura adotada pelo ex-presidente Bolsonaro no início da pandemia, caracterizada pelo negacionismo da gravidade do problema e pela priorização excessiva da economia do país, em relação ao potencial números de vidas perdidas, caso as medidas de combate ao vírus não fossem implementadas.

Todavia, com essa tática incorporada ao seu discurso buscando estabelecer uma identificação emocional com as angústias e desafios enfrentados

pela sociedade durante o período pandêmico, visa suavizar e até mesmo “desobscurecer” as declarações anteriores, as quais minimizavam a ameaça da Covid-19. Com essa mudança de tom, adotando uma abordagem mais empática, o sujeito enunciativo procurava instigar um sentimento resiliente coletivo, encorajando as pessoas a superarem as dificuldades e a seguirem adiante. Assim, conforme Brait (2015) que destaca que a linguagem é mais do que uma simples ferramenta de comunicação; ela é uma expressão de nossas percepções, atitudes e julgamentos, tendo o poder de transformar nossa compreensão e experiência do mundo, podemos observar isso na prática com o discurso do ex-presidente Bolsonaro durante a pandemia de covid-19.

Nessa perspectiva, é importante reiterar que a palavra se estabelece como um fenômeno dialógico e ideológico, agindo como uma ponte entre o locutor e o interlocutor (no contexto da nossa pesquisa, entre o dito e o não dito). Ela carrega em sua composição traços de cada uma das influências que agiram sobre ela, resultando em ressonâncias de diferentes vozes e antecipando outras. Portanto, a palavra se configura como um enunciado, um elo na corrente discursiva, e é constantemente renovada em cada ato de enunciação, adquirindo acentos valorativos que podem ser incorporados, recriados e reforçados. Isso revela as marcas da situação histórico-social em que foi produzida (Bakhtin, 2009).

No terceiro enunciado: “Não sei com que interesse, mas alguns governadores têm encaminhado as coisas neste sentido, levar mais pânico à população”, vemos que o sujeito discursivo nessa fala reage, negativamente, às ações de alguns governadores evidenciando uma tensão política que envolve a pandemia e a própria relação do presidente da república com alguns governadores do país que se colocaram contrários tanto aos discursos do ex-presidente quanto às ações desenvolvidas e orientadas por ele. Essa tensão reflete uma clara divergência ideológica, tanto pela linguagem que foi utilizada quanto pelas ações adotadas em relação à abordagem da crise da Covid-19.

Esse movimento de vozes e de ideologias que se opõem no discurso e pelo discurso marcado pelas escolhas lexicais/discursivas faz-nos entender, assim como Bakhtin (2011) que a linguagem é sempre usada em um contexto social específico a partir de um posicionamento do sujeito enunciativo e carregada de intencionalidades, e que como tal, está sempre enraizada de ideologias. Isso ocorre porque as ideologias influenciam a maneira como as pessoas veem o mundo e se

comunicam, e essas visões de mundo são incorporadas na linguagem. Por isso, alguns governadores adotaram uma abordagem mais restritiva para conter a propagação do vírus, enquanto Bolsonaro adotou uma postura mais liberal, enfatizando a economia. Na arena ideológica, essas ideologias entraram em conflito deixando a população dividida entre fazer o certo ou optar pelo errado.

As vozes por trás desse discurso, estão envolvidas na construção de uma narrativa política. Ele argumenta que alguns governadores estão agindo com interesses questionáveis, como disseminar o pânico entre a população. Essa narrativa, essas vozes que estão por trás do sujeito discursivo, buscam desacreditar a abordagem adotada por esses governadores, reforçando a própria visão do presidente sobre a pandemia. Essa fala revela também uma disputa de poder que caracterizaram a resposta do governo à crise que o país passava. O ex-presidente estava usando o discurso para afirmar sua autoridade e desacreditar as ações dos governadores que adotaram medidas mais rigorosas. Ciente da importância da opinião pública, ele molda o seu discurso para influenciar como as pessoas percebem a situação da pandemia e as ações dos governadores, fortalecendo o seu discurso perante aos seus apoiadores.

No quarto enunciado: *“Quase 9 milhões perderam empregos no segundo trimestre (...) Alguns governadores e prefeitos têm esta responsabilidade”*, nesse momento, o sujeito discursivo aponta que o aumento de pessoas desempregadas durante a pandemia, parte dessa responsabilidade é de “alguns governadores e prefeitos”. Essa declaração revela uma tensão entre os níveis do governo (federal, estadual e municipal) durante a crise da Covid-19. Durante esse período, cada nível do governo adotou uma abordagem distinta, levando a divergências e disputas sobre quem é responsável pelos péssimos resultados econômicos e sociais que o país enfrentava.

Com essas falas, o ex-presidente construiu uma narrativa política que buscava responsabilizar os governadores e prefeitos contrários às suas ideologias pelos índices negativos da economia, se eximindo de qualquer culpa pelos déficits econômicos. Com isso, ele buscava reforçar a sua própria visão sobre a pandemia, que enfatizava a importância da manutenção dos estabelecimentos comerciais abertos para que a economia do país pudesse girar. Essa construção enunciativa visava influenciar a percepção pública, pois “as “avaliações sociais” assim entendidas atravessam qualquer enunciado, penetram, unificam e organizam por

dentro todos os elementos [...] como seu fator construtivo” (Bakhtin, 2011, p. 438) sobre as ações de líderes regionais e municipais, bem como as suas implicações econômicas.

Essa forma de utilizar a linguagem reflete as disputas de poder que caracterizavam as respostas do governo no enfrentamento do período pandêmico. Bolsonaro, como presidente, detinha uma posição de poder significativa, e os conflitos entre o governo federal e os governos estaduais e municipais eram acentuados cada vez mais. Assim, como Bakhtin enfatiza, os enunciados proferidos carregam consigo uma

[...] posição hierárquica correlativa do destinatário do enunciado [...] quem fala e a quem se fala. Tudo isso determina o gênero, o tom e o estilo do enunciado: a palavra do líder, a palavra do juiz, a palavra do mestre, a palavra do pai, etc. (Bakhtin, 2011, p. 390).

Por esse viés, na sua declaração para reforçar a sua posição de poder e a sua hierarquia social, o ex-presidente tentava influenciar a maneira como as pessoas percebiam as ações dos governadores e prefeitos em relação à forma como estava conduzindo as ações de combate ao vírus. Sabedor que a narrativa política era uma e é uma ferramenta-chave para moldar a opinião pública e mobilizar o apoio dos seus eleitores para validar ainda mais o seu poder frente à sociedade brasileira, em um momento de debates acalorados entre diferentes níveis do governo, bem como as disputas ideológicas em relação às medidas de contenção do coronavírus.

No último enunciado desta reportagem: “Quem não quiser tomar cloroquina, não tente impedir quem deseja. No final das contas, ainda não temos uma vacina, nem um remédio cientificamente comprovado”, essa declaração de Bolsonaro evidencia as múltiplas vozes e perspectivas sociais que se entrelaçam no seu discurso, em que se pode observar a presença do dialogismo do discurso com o do ex-presidente norte-americano Donald Trump. Essa relação entre discursos e sujeitos é reforçada por Bakhtin (2011) quando afirma que cada enunciado é um elo na cadeia discursiva (estabelecendo conexões com enunciados passados e com os que estão por vir). Isso enfatiza o caráter ideológico do discurso, que pode ser identificado nas atitudes e posicionamento de Bolsonaro e que são refletidos, também, nos discursos e posições do ex-presidente Donald Trump, que se mostrava um aliado político de Jair Bolsonaro.

Ao mencionar que ainda não existe um remédio “cientificamente comprovado” aponta para uma tensão subjacente entre o que a ciência defende e a opinião pública, demonstrando perspectivas diferentes. A comunidade científica enfatizava a importância de se ter evidências sólidas antes de reconhecer a eficácia de tratamentos, porém a opinião pública poderia ser influenciada por informações não científicas e pela busca de soluções alternativas que tiveram sua ineficácia comprovada. Assim, cada discurso “[...] parte de um contínuo que reflete o conflito entre os interesses de quem manda e as preocupações e angústias de quem obedece em cada campo de relações da sociedade [...]” (Lage, 2003, p. 15). Por isso, com o discurso de que as pessoas tinham o direito de escolher tomar a cloroquina ou não, reforça a ideia de uma autonomia individual. Defendendo a capacidade das pessoas de tomar as suas próprias decisões em relação a sua saúde (sem ter influência externa), enfatizando uma narrativa de escolha pessoal. Com essa visão, pode ser vista uma tentativa de dar voz à pluralidade de perspectiva e de tomada de decisão da sociedade.

Assim, vale ressaltar, que a comunidade científica e instituições de saúde pública optaram na época por abordagens baseadas em evidências científicas comprovadas, enquanto, o ex-presidente, dentro do contexto político que o país se encontrava e das controvérsias que cercavam a gestão da pandemia no Brasil, adotou uma postura de defesa ao uso da cloroquina como forma de tratamento, deixando a população brasileira a mercê das incertezas da eficiência do medicamento e mergulhada em um abismo de desafios perante o caos que se instalava no país naquele momento.

A posição adotada pelo ex-presidente e os discursos proferidos por ele sobre a não-vacinação e o uso indiscriminado da cloroquina, levaram grande parte da população como a de seus apoiadores a buscarem por esse medicamento de forma desordenada sem a devida eficácia comprovada pela ciência. Utilizando de um discurso negacionista sobre a vacinação, influenciando as pessoas a não buscarem pela vacina, o posicionamento adotado pelo ex-presidente, enquanto maior autoridade política do país, passaram a ressoar nas vozes de seus apoiadores e a refletirem, também, nas ações praticadas por eles, como um grande elo na cadeia discursiva, que passa a refletir e a refratar os diferentes discursos e as ações dos sujeitos (Bakhtin, 2011).

Diante de tudo isso o autor do texto assume uma posição ideológica definida pelas suas escolhas linguísticas, como a seleção de palavras, a estrutura das frases, a ênfase em certos pontos, que refletem as crenças, valores e perspectivas do autor do texto. Essas escolhas contribuem para a construção de uma narrativa ou argumento que expressa uma visão particular do assunto projetada para persuadir e moldar a interpretação do leitor. Dentro dos acontecimentos que o país enfrentava, a ISTOÉ, assume uma posição de cobertura crítica das ações e dos enunciados do ex-presidente, contrariando alguns portais que eram a favor de Bolsonaro. O fato de o portal ISTOÉ assumir a autoria do texto e maneira pela qual produziu o gênero discursivo reportagem, observando as escolhas discursivas que foram feitas e as vozes que foram trazidas à tona em sua materialidade linguística, mostram o posicionamento ideológico assumido e o movimento discursivo efetivado para concretizar o seu querer-dizer, ou seja, as suas intencionalidades discursivas.

QUADRO 02 – Os preocupantes sinais populistas no início do novo governo Lula

Os preocupantes sinais populistas no início do novo governo Lula

Presidente indica que pretende enfrentar os problemas econômicos do país a partir de receitas ultrapassadas, que servem apenas para iludir a plateia

Por **Daniel Pereira**

Publicado em 6 jan 2023, 06h00 – Atualizado em 6 jan 2023, 10h09

Ao assumir pela primeira vez a Presidência da República, em 2003, Luiz Inácio Lula da Silva ignorou a cartilha petista e adotou uma política econômica austera a fim de reequilibrar as contas públicas, combater a inflação e conquistar a confiança dos investidores. Vinte anos depois, ao ser empossado pela terceira vez no cargo, ele vem sinalizando um caminho diferente, deixando de lado o receituário de sucesso adotado em seu primeiro mandato e defendendo teorias econômicas caras ao PT que contribuíram para a recessão histórica registrada no governo de Dilma Rousseff. Em pronunciamento no Congresso no dia de sua posse, Lula criticou o mecanismo vigente de controle de gastos, reafirmou a crença no intervencionismo estatal como indutor do crescimento, anunciou a revisão da reforma trabalhista e atacou as privatizações. Deixou no ar a sensação de que Lula 3 terá pouco de Lula 1 e apostará em estratégias já testadas e reprovadas. Nos dois dias seguintes ao discurso, a bolsa caiu e o dólar subiu, num indício de que o populismo irresponsável, se for de fato a opção escolhida pelo presidente, pode custar caro ao país — não apenas ao mercado, mas principalmente aos mais pobres, a quem Lula jurou priorizar.

Suas primeiras manifestações como mandatário são preocupantes. Aos congressistas, tachou de “estupidez” o teto de gasto e prometeu revogá-lo, sem explicitar o que o novo governo proporá em substituição para impedir uma

deterioração ainda maior das contas públicas. Criado no governo de Michel Temer, o teto foi um instrumento importante para transmitir aos investigadores a estabilidade e previsibilidade de que o país precisava. Bem-sucedido, ele ajudou a reverter o cenário de desolação econômica deixado por Dilma. É verdade que Jair Bolsonaro também desmoralizou o teto, apostando na gastança como arma eleitoral, mas ele ainda tinha a pandemia como desculpa. Lula, antes mesmo da posse, apostou tudo na aprovação de uma emenda constitucional que autorizou a nova administração a gastar neste ano 145 bilhões de reais a mais do que o limite. O presidente alegou que só com essa PEC conseguiria ampliar o programa Bolsa Família, conforme prometido, e recuperar o orçamento de ações consideradas prioritárias em áreas como saúde e educação. A ideia inicial era que a licença fura-teto fosse eternizada. Diante das críticas de que isso poderia resultar em irresponsabilidade fiscal, ele propôs a fixação de um prazo de quatro anos para a licença, equivalente ao mandato presidencial. Não deu certo.

Os senadores reduziram o prazo para dois anos e depois os deputados encurtaram o prazo para um ano, o que acabou prevalecendo. A decisão garantiu tranquilidade a Lula para iniciar o mandato, mas, ao mesmo tempo, fixou um período de tempo para que ele apresente uma nova âncora fiscal e, com ela, explicitar o seu nível de comprometimento com a saúde das contas públicas. Até agora, no entanto, ninguém sabe o que será feito. Ao tomar posse no Ministério da Fazenda, Fernando Haddad até anunciou boas intenções, mas pecou pela falta de detalhes e — até aqui — de força para emplacar suas ideias. “O arcabouço fiscal que pretendemos remeter para o Congresso terá a premissa de ser confiável e demonstrar tecnicamente a sustentabilidade das finanças públicas. Um arcabouço que abrace o financiamento do guarda-chuva de programas prioritários do governo ao mesmo tempo que garanta a sustentabilidade da dívida pública”, declarou o ministro. “Não existe mágica, não tem bala de prata nem malabarismo financeiros”, acrescentou. Ministro da Casa Civil, Rui Costa também entrou em campo para tentar amenizar os estragos decorrentes dos discursos presidenciais e de outros colegas de Esplanada, como o ministro Carlos Lupi, que saiu dando declarações estapafúrdias sobre as contas da previdência no país. Além de negar a intenção de reverter a reforma, Costa disse que a responsabilidade fiscal e a responsabilidade social não são antagônicas, mas complementares. A primeira, observou o ministro, viabiliza a segunda.

Rui Costa tem razão — e fica a torcida para que suas ideias nessa área sejam ouvidas neste governo. A mistura de irresponsabilidade fiscal com populismo costuma resultar num desastre que começa com aumento da inflação, descamba para juros altos e endividamento público e termina em queda do investimento, do emprego e da renda. Resultado: mais pobreza, justamente a chaga secular que Lula pretende erradicar. Um número exemplifica bem o tamanho da encrenca. Boletim do Banco Central de dezembro passado estima que o aumento de 1 ponto porcentual na taxa básica de juros tem um impacto na dívida líquida do setor público de 38 bilhões de reais, mais da metade do valor usado para bancar a ampliação do Bolsa Família em 2023. “Precisamos voltar a ter confiança fiscal. Com ela, você resolve os problemas básicos”, diz Henrique Meirelles, presidente do Banco Central nos dois primeiros mandatos de Lula e ministro da Fazenda na gestão de Michel Temer. Ciente de seu papel estratégico,

Haddad pretende anunciar em breve, antes da apresentação do novo arcabouço fiscal, medidas para melhorar a situação dos cofres públicos. Estão em estudo, por exemplo, a revogação de desonerações tributárias, a revisão de gastos, para acabar com desperdícios e pagamentos desnecessários, e um corte substancial em despesas de custeio da máquina.

O receituário mostra um bom caminho. O problema da equipe técnica é ganhar a queda de braço com a ala política do governo. Na transição, Haddad combinou com Paulo Guedes o fim da desoneração dos combustíveis ainda em 2022. A bondade, se for mantida para os casos da gasolina e do diesel durante todo o ano de 2023, deve tirar mais 50 bilhões de reais dos cofres públicos. Para evitar o aumento do preço na bomba logo no início de seu mandato, sempre de olho na plateia e não nos cofres do Tesouro, Lula desautorizou o ministro e definiu a manutenção da desoneração por dois meses. Haddad ainda tentou um prazo menor, de um mês, mas não conseguiu. Na relação entre os dois, por enquanto, a regra é clara: o presidente manda, ele obedece. A palavra final sobre assuntos econômicos parece ser sempre de Lula.

O fato é que o episódio insinuou uma mensagem: a busca por equilíbrio fiscal está em segundo plano, totalmente sujeita a conveniências políticas e ao populismo. De uma maneira geral, os principais ruídos na área econômica tem acontecido por falas e ações do próprio presidente da República. Lula repetiu que quer revisar a reforma trabalhista, ideia absolutamente anacrônica, mas que foi imediatamente replicada pelo ministro da área, Luiz Marinho. Em paralelo, assinou uma medida provisória retirando da Agência Nacional de Águas (ANA) a atribuição de regulação no caso de saneamento, o que deixou apreensivos empresários interessados em investir no setor. O governo, por enquanto, recuou da medida. O presidente ainda disse que acabaria com as privatizações e mandou retirar oito empresas da lista de companhias que poderiam ser negociadas. Entre elas, Petrobras e Correios. “O mercado é um sistema de comunicação muito rápido. Se você emite uma sinalização de que o governo tem restrições, de que o governo não vai privatizar, obviamente você cria insegurança jurídica”, diz Fernando Schüller, professor de ciência política do Insper e colunista de VEJA. “Agora, o governo não deixou claro exatamente o que ele chama de privatizações. Existem mensagens contraditórias”, complementou.

A aparente contradição fica clara quando se ouve o novo chefe da Casa Civil. Ex-governador da Bahia, Rui Costa é um entusiasta do investimento privado. Ele alega ser necessário expandir o investimento público, como prega Lula, mas acrescenta ser fundamental estimular concessões e até mesmo parcerias público-privadas, as PPPs, que jamais foram realizadas pelo governo federal. Além de um pacote de concessões em diferentes áreas de infraestrutura, como as realizadas com sucesso no caso dos aeroportos em gestões anteriores (leia a reportagem na pág. 60), Costa quer fechar parcerias com empreiteiras que firmaram acordos de leniência no âmbito da Operação Lava-Jato. A ideia é que essas empresas, desde que haja aval do Ministério Público Federal, da Controladoria-Geral da União (CGU) e do Tribunal de Contas União (TCU), possam pagar parte de suas dívidas bilionárias terminando obras inacabadas. “A palavra de ordem é crescer para melhorar renda e gerar emprego. Para crescer, é preciso retomar investimentos,

investimento público direto, mas também dar celeridade a projetos de concessão e licenciamentos e outorgas que possam ser tocadas pela iniciativa privada”, declarou o ministro da Casa Civil.

O desafio, mais uma vez, é conciliar o plano da área técnica com as ideias do presidente. No discurso ao Congresso, Lula destacou a intenção de usar bancos públicos e estatais como dínamos da atividade econômica. Em passado recente, essa iniciativa resultou num desastre. Empresas como a Petrobras foram enredadas em monumentais esquemas de corrupção, e os empréstimos camaradas do BNDES para fomentar a política de campeãs nacionais provocaram imensos escândalos. Nada garante que isso ocorrerá novamente, é verdade. As promessas são de moralidade no trato da coisa pública e de rechaço à concessão de juros para lá de subsidiados a grandes companhias. Mas falta um esclarecimento detalhado do que Lula realmente pensa a respeito desses temas e o que ele pretende, de fato, fazer. Pouco foi dito até agora (e o que foi, infelizmente, não agradou).

Único brasileiro a conquistar três vezes a Presidência, Lula venceu a eleição embalado por uma frente ampla, com representantes da esquerda, do centro e até de setores da direita, que compartilhavam do propósito de defender a democracia brasileira e derrotar Jair Bolsonaro. Uma proposta de política econômica não unia o grupo na campanha — nem foi objeto de debate entre os diferentes atores. Muitos deles, após os discursos de Lula já como presidente, mostraram-se preocupados com a possibilidade de uma recaída populista, provavelmente acompanhada de irresponsabilidade fiscal e de suas notórias consequências, como inflação e juros altos. Seria terrível para a economia — e, principalmente, para os mais pobres, que perderiam emprego, renda e dependeriam ainda mais da ajuda oficial para sobreviver. Pelo visto até aqui, Lula 1 tem muito a ensinar a Lula 3.

Fonte: Veja, 2023.

No complexo palco político-econômico brasileiro, a recente tomada de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o seu terceiro mandato não apenas delineia um novo capítulo na história política do país, mas também, suscita uma análise das intenções e ideologias subjacentes ao texto que está aqui em análise. À medida que exploramos as complexas mudanças que o autor faz durante as narrativas, e suas inclinações, é imperativo entender as mensagens ideológicas entrelaçadas nas entrelinhas do seu discurso, o seu querer-dizer. Nesta análise buscamos desvelar não apenas as camadas superficiais dos eventos, mas também, as motivações subjacentes a eles, lançando luz sobre as intenções do autor e as ideias que permeiam a narrativa, contribuindo para uma compreensão mais abrangente sobre a forma de narrar os fatos e como isso molda a percepção dos leitores.

No início do seu terceiro mandato, surgiram diversos pontos de vista sobre como o Lula 3 pretende governar o país. No entanto, o jornalista, em um tom de crítica, deixa entender que as ações e pronunciamentos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao assumir seu terceiro mandato lança o país em um abismo de incertezas por falta de clareza nas suas declarações. Há uma clara preocupação expressa pelo jornalista sobre as mudanças na abordagem econômica em comparação com seu primeiro mandato em 2003, destacando uma possível inclinação para políticas mais alinhadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e sugerindo riscos associados a uma abordagem populista e irresponsável.

No subtítulo da reportagem, o jornalista já busca inserir o leitor no cenário dos acontecimentos: a escolha de palavras como “receitas ultrapassadas” sugere que o líder do país está recorrendo a estratégias ou políticas do passado não eficazes ou adequadas para os desafios econômicos atuais. Além disso, a menção de que essas abordagens “servem apenas para iludir a plateia” implica que o presidente pode estar utilizando tais medidas não necessariamente por sua eficácia real, mas possivelmente para criar uma impressão positiva ou ilusória na opinião pública.

No decorrer do texto, fica evidente que o jornalista procura “tingir” a forma escolhida pelo presidente atribuindo conotações negativas, seja por meio de enunciados explícitos ou implícitos. O jornalista utiliza as palavras de maneira estratégica para transmitir ao leitor a importância de políticas fiscais responsáveis, a necessidade de manter a estabilidade econômica e, ao mesmo tempo, ressalta a falta de clareza e as contradições presentes nas declarações do novo governo. Assim, além de traduzir, selecionar fatos e confrontar as diferentes perspectivas, o repórter deve permitir ao leitor orientar-se diante da realidade (Lage, 2003). No entanto, é importante notar que a visão do jornalista também apresenta diferentes perspectivas e opiniões, incluindo vozes que defendem a necessidade de conciliar investimento público com estímulo à iniciativa privada. Vejamos o trecho.

Vinte anos depois, ao ser empossado pela terceira vez no cargo, ele vem sinalizando um caminho diferente, deixando de lado o receituário de sucesso adotado em seu primeiro mandato e defendendo teorias econômicas caras ao PT que contribuíram para a recessão histórica registrada no governo de Dilma Rousseff. Em pronunciamento no Congresso no dia de sua posse, Lula criticou o mecanismo vigente de controle de gastos, reafirmou a crença no intervencionismo estatal como

indutor do crescimento, anunciou a revisão da reforma trabalhista e atacou as privatizações. Deixou no ar a sensação de que Lula 3 terá pouco de Lula 1 e apostará em estratégias já testadas e reprovadas. Nos dois dias seguintes ao discurso, a bolsa caiu e o dólar subiu, num indício de que o populismo irresponsável, se for de fato a opção escolhida pelo presidente, pode custar caro ao país — não apenas ao mercado, mas principalmente aos mais pobres, a quem Lula jurou priorizar. (Pereira, 2023).

Ao destacar uma preocupação inicial em relação às manifestações do presidente recém-eleito, especialmente no que diz respeito ao comprometimento com o teto de gastos, o jornalista evoca diversas vozes que, de maneira polifônica, contribuem para sua base argumentativa no intuito de moldar a percepção pública dos fatos. Observemos o seguinte trecho: (*Criado no governo de Michel Temer, o teto foi um instrumento importante para transmitir aos investigadores a estabilidade e previsibilidade de que o país precisava. Bem-sucedido, ele ajudou a reverter o cenário de desolação econômica deixado por Dilma*). Nesse viés, destacamos o verbo transmitir, que na reportagem examinada, tende a revelar sua marca de opinião, já que esse mecanismo, criado no governo Temer, não garantia estabilidade e previsibilidade nas contas públicas.

As marcas lexicais não apenas evocam falas alheias, mas também evidencia a subjetividade do jornalista criando o “dizer indicial” (quando a comunicação vai além das palavras e inclui as intenções e o contexto social do falante). Isso nos faz entender, assim como Bakhtin (2011), que o ato de comunicar é mais do que a transmissão de informação; ele é um ato social e dialógico, cheio de significados e intenções. “O ato um é gesto ético no qual o sujeito se revela e se arrisca inteiro. Pode-se mesmo dizer que ele é constitutivo de integridade. O sujeito se responsabiliza inteiramente pelo pensamento” (Brait, 2015, p. 23).

Mais do que responsável pelo que se pensa (escreve), cada pessoa assume sua responsabilidade pelas escolhas e ações, e a consciência individual desempenha um papel crucial na definição de valores e na tomada de decisões éticas, na busca pela sua verdade, e, assim, “completa sua verdade universal com a verdade singular a que Bakhtin chamou de provda” (Brait, 2015, p. 22). Na reportagem analisada, percebemos que o jornalista na busca de provar a sua provda (verdade), sua crítica se volta para a postura do novo presidente, que foi rápido em classificar o teto de gastos como “estupidez” e prometeu revogá-lo, sem apresentar claramente uma alternativa para evitar uma possível piora nas condições financeiras do país. Além disso, o jornalista faz uma breve comparação com o governo

anterior, liderado por Jair Bolsonaro, que também foi acusado de desmoralizar o teto ao adotar uma estratégia de ganância, embora tenha a pandemia como justificativa. Vejamos:

Aos congressistas, tachou de “estupidez” o teto de gasto e prometeu revogá-lo, sem explicitar o que o novo governo proporá em substituição para impedir uma deterioração ainda maior das contas públicas. [...] É verdade que Jair Bolsonaro também desmoralizou o teto, apostando na ganância como arma eleitoral, mas ele ainda tinha a pandemia como desculpa (Pereira, 2023).

Assim, para apresentar os fatos de forma a conduzir a percepção pública para a sua narração dos fatos, o tratamento da informação é complexo e envolve a questão da inteligibilidade, ou seja, como a informação transmitida será compreendida. Dado que a inteligibilidade não é uma característica intrínseca, ela depende das escolhas discursivas feitas pelo sujeito informador, cada escolha destaca eventos, ao mesmo tempo em que relega outros ao segundo plano. Em cada momento, o informador precisa não apenas se questionar sobre sua fidelidade aos fatos, objetividade ou transparência, mas também considerar que efeito a forma escolhida de tratamento da informação pode produzir (Charaudeau, 2013).

Para Charaudeau (2013, p. 38)

A linguagem é cheia de armadilhas. Isso porque as formas podem ter vários sentidos (*polissemia*) ou sentidos próximos (*sinonímia*). [...] Além disso, um mesmo enunciado pode ter vários valores (*polidiscursividade*): um valor referencial (ele descreve um estado do mundo), enunciativo (diz coisas sobre a identidade e as intenções dos interlocutores) [...].

O jornalista, no processo de escolha não se limita apenas à fidelidade aos fatos, mas abrange a avaliação dos efeitos desejados e, ao escolher certas palavras, enfatiza determinados aspectos e expressa opiniões, principalmente quando apresenta suas estratégias discursivas. Essa inclinação pode ser identificada na escolha de termos como “preocupantes” e nas críticas explícitas à postura do presidente e suas propostas. Vejamos:

Suas primeiras manifestações como mandatário são preocupantes. [...] A ideia inicial era que a licença fura-teto fosse eternizada. Diante das críticas de que isso poderia resultar em irresponsabilidade fiscal, ele propôs a fixação de um prazo de quatro anos para a licença, equivalente ao mandato presidencial. Não deu certo (Pereira, 2023).

Quando destaca as dificuldades na proposta de uma “licença fura-teto” apresentada por Lula, o jornalista ressalta a falta de sucesso na tentativa de estabelecer um prazo para essa licença. Isso aponta para uma preocupação mais ampla com a possível irresponsabilidade fiscal e a falta de clareza nas propostas dos presidentes em relação às políticas fiscais. Portanto, a visão do jornalista encaminha-se para um viés crítico e negacionista em relação às ações e propostas apresentadas pelo líder político em questão (Lula), especialmente no que diz respeito à gestão das finanças públicas e ao comprometimento com o teto de gastos.

Assim, ao mencionar a redução do prazo para a apresentação da âncora fiscal pelo Congresso, destacando a mudança de dois anos para um ano, essa decisão, embora tenha proporcionado tranquilidade ao presidente Lula para iniciar seu mandato, também estabeleceu uma pressão temporal para que ele apresente uma proposta fiscal consistente. O autor ressalta a ausência de detalhes concretos sobre a natureza da nova âncora fiscal. Apesar de Fernando Haddad, Ministro da Fazenda, ter anunciado boas intenções, a falta de especificidades e a aparente falta de força política para implementar tais propostas são destacadas como pontos de preocupação. Vejamos:

A decisão garantiu tranquilidade a Lula para iniciar o mandato, mas, ao mesmo tempo, fixou um período de tempo para que ele apresente uma nova âncora fiscal e, com ela, explicito o seu nível de comprometimento com a saúde das contas públicas. Até agora, no entanto, ninguém sabe o que será feito. Ao tomar posse no Ministério da Fazenda, Fernando Haddad até anunciou boas intenções, mas pecou pela falta de detalhes e — até aqui — de força para emplacar suas ideias (Pereira, 2023).

Fica implícito no texto do jornalista que o público-alvo é um público informado e politicamente consciente, interessado nas questões econômicas e fiscais do país. Isso implica em uma abordagem direcionada, em que “[...] a produção de nova mensagem, que será levada ao público a partir de uma estimativa sobre de que tipo de informação esse público precisa ou qual quer receber” (Lage, 2003, p. 9). Por isso, quando analisado seu ponto de vista ideológico (do autor), vemos que ele apresenta receios em relação à falta de detalhamentos concretos nas propostas fiscais apresentadas até agora, destacando uma “falta de força” para implementá-las. As escolhas de palavras para moldar a percepção dos leitores como “pecou” e a ênfase na necessidade de detalhes podem indicar uma visão cética em relação à eficácia das medidas propostas pelo governo.

A menção à tentativa do Ministro da Casa Civil, Rui Costa, de “amenizar os estragos” causados por discursos presidenciais e de colegas na Esplanada sugere que o autor considera essas declarações prejudiciais e em necessidade de correção. Vejam o trecho: *Rui Costa também entrou em campo para tentar amenizar os estragos decorrentes dos discursos presidenciais e de outros colegas de Esplanada, como o ministro Carlos Lupi, que saiu dando declarações estapafúrdias sobre as contas da previdência no país* (Pereira, 2023). Essa abordagem crítica apresenta uma perspectiva editorial que valoriza, não só a clareza das declarações, mas também os detalhamentos mais específicos e consistentes nas políticas fiscais pretendidas pelo novo governo.

O autor expressa uma visão desconfiada e exigente em relação às promessas de moralidade e transparência de Lula. Vejamos:

Empresas como a Petrobras foram enredadas em monumentais esquemas de corrupção, e os empréstimos camaradas do BNDES para fomentar a política de campeãs nacionais provocaram imensos escândalos. Nada garante que isso ocorrerá novamente, é verdade. As promessas são de moralidade no trato da coisa pública e de rechaço à concessão de juros para lá de subsidiados a grandes companhias. [...] Pouco foi dito até agora (e o que foi, infelizmente, não agradou) (Pereira, 2023).

Por isso, ao usar a expressão “nada garante” para indicar que não há garantias de que os erros do passado não se repetirão, referindo-se aos escândalos de corrupção envolvendo a Petrobras e o BNDES durante os governos do PT, e usa a palavra “infelizmente” como marca de que, do seu ponto de vista particular, o que foi dito até agora por Lula não o agradou e deixa o país em um mar de incertezas. Assim, ao utilizar palavras como “monumentais”, “imensos” e “para lá de” enfatizando a gravidade e a dimensão que esses escândalos ganharam na época e que ecoam nos discursos nos dias de hoje, que abalaram a credibilidade e a reputação dessas empresas e do governo. Trazendo a tona temas que para alguns já ficou no passado, mas que se tornam presentes com esse novo mandato do presidente, cobrando, nas entrelinhas, um esclarecimento detalhado do que Lula realmente pensa e pretende fazer, sugerindo que há uma falta de clareza e de coerência nas suas propostas.

Ao lançar mão desse discurso, o jornalista traz outras vozes que ficam subentendidas nas entrelinhas do seu discurso. Vozes, essas que não são citadas

explicitamente, mas que fazem parte do fato, e que podem ter opiniões e interesses diferentes sobre o plano econômico de Lula 3. Vozes, como a de eleitores de Lula e dos partidos que compõem a sua coalizão, que esperam que o governo cumpra as suas promessas de campanha e atenda às suas demandas e expectativas. Assim, nesse complexo jogo, a bivocalidade ecoa como uma tempestade em um copo d'água, visto que podemos associar essa ideia a variedades de perfis sociais, econômicos e ideológicos dos eleitores do presidente. Suas diferentes expectativas e demandas podem ser interpretadas como uma tempestade de opiniões dentro do contexto político, mas nem sempre substancial o suficiente para alterar significativamente o curso do discurso, “[...] isto é, da atitude do público diante dos conhecimentos que se acumulam dando ao homem responsabilidades que ele jamais teve antes” (Lage, 2003, p. 63).

Dessa forma, conforme Bakhtin (2002) o nosso discurso é orientado em duas direções, o que ele denominou de bivocalidade, que não se limita apenas ao diálogo entre personagens em uma narrativa; ela se estende a todos os tipos de discurso, incluindo, o discurso político. Cada palavra, frase ou ideia expressa em um texto carrega consigo uma história de interação com outras vozes, criando uma teia complexa de significados e interpretações. Por isso, “o dualismo interno (a bivocalidade) de um discurso que satisfaz a uma linguagem única e a um estilo monologicamente sóbrio, nunca pode ser substancial: é um jogo, uma tempestade num copo d'água” (Bakhtin, 2002, p. 128).

Deste modo, na vida real do discurso falado pelo jornalista, “ocorre um novo encontro da enunciação com o discurso alheio” (Bakhtin, 2002, p. 60), que ao projetar uma imagem sobre determinado conteúdo jornalístico, os jornalistas, não apenas transmitem informações, mas também incorporam escolhas linguísticas que refletem perspectivas culturais, valores e posições sociais. A seleção de vozes que, implicitamente ressoam no discurso, a escolha de determinadas palavras e o enquadramento de eventos contribuem para a formação de uma narrativa que, por sua vez, é influenciada pelas visões de mundo de um grupo social específico.

Na perspectiva ideológica de Bakhtin (2002, p. 132), surge à noção das “várias verdades mutuamente contraditórias” no processo de produção da linguagem. Ele destaca que as questões axiológicas, ou seja, os valores e juízos inerentes à linguagem, não são uniformes entre os diversos grupos sociais. Isso implica que a linguagem não é um espelho neutro da realidade, mas uma ferramenta

poderosa que molda a realidade percebida. Ao lidarmos com textos jornalísticos, é de suma importância reconhecer que a linguagem não é apenas um veículo de transmissão de informações que “[...] inoculam nas pessoas um veneno para o qual elas não têm defesa” (Lage, 2003, p. 79), mas também um construtor ativo de significado. A objetividade aparente muitas vezes esconde escolhas subjetivas, desde a seleção de eventos a serem noticiados até a ênfase dada a certos aspectos.

Para tanto, o autor da reportagem, ao final de seu texto, habilmente insere seu ponto de vista ideológico por meio de uma série de recursos linguísticos que transcendem a mera narrativa dos fatos. A análise detalhada desses elementos revela não apenas a objetividade informativa, mas uma postura editorial clara e uma interpretação subjetiva dos eventos apresentados. O uso cuidadoso de adjetivos e advérbios, como “recaída populista”, “irresponsabilidade fiscal”, “notórias consequências”, “terrível para a economia” e “principalmente para os pobres”, não apenas colore a linguagem, mas também denota uma avaliação crítica dos fatos e propostas abordadas. Essas escolhas lexicais não apenas descrevem, mas também refratam/constroem a realidade, emitem julgamentos, revelando a inclinação ideológica do jornalista em relação aos eventos discutidos. Vejamos:

Uma proposta de política econômica não unia o grupo na campanha — nem foi objeto de debate entre os diferentes atores. Muitos deles, após os discursos de Lula já como presidente, mostraram-se preocupados com a possibilidade de uma recaída populista, provavelmente acompanhada de irresponsabilidade fiscal e de suas notórias consequências, como inflação e juros altos. Seria terrível para a economia — e, principalmente, para os mais pobres, que perderiam emprego, renda e dependeriam ainda mais da ajuda oficial para sobreviver. Pelo visto até aqui, Lula 1 tem muito a ensinar a Lula 3 (Pereira, 2023).

Os verbos e substantivos selecionados, como “unia o grupo”, “mostraram-se preocupados”, “seria”, “perderiam”, “dependeriam” e “tem muito a ensinar”, destacam a ação e a posição do jornalista em relação aos atores envolvidos nos acontecimentos. Essa seleção vocabular não apenas informa sobre os eventos, mas também sinaliza a perspectiva valorativa do jornalista, evidenciando suas inclinações políticas e suas expectativas em relação aos desdobramentos dos fatos. A utilização de pronomes e numerais, como “o grupo”, “muitos deles”, “Lula 1” e “Lula 3”, contribui para a identificação e diferenciação dos atores, conferindo uma dimensão

peçoal à narrativa. Essa escolha lexical destaca não apenas o que acontece, mas quem está envolvido, permitindo que o leitor reconheça as nuances nas relações políticas apresentadas e, por extensão, compreenda as nuances ideológicas do jornalista.

Nesse sentido, de acordo com Lemos (2011), Marcurshi (1991) já chamava a atenção para o uso de determinadas escolhas sintáticas, como forma de refletir a intencionalidade do sujeito produtor.

[...] os jornalistas, quando reproduzem opiniões de políticos na imprensa, estão submetidos a um sistema de formulação que não é neutro. [...] A ideia central é que os verbos agem seletivamente sobre os conteúdos dando-lhes uma intencionalidade interpretativa com características ideológicas. Com isto mostra-se que a atividade jornalística não é apenas expositiva, mas analítica e interpretativa (Lemos, 2011, p. 154 apud Marcuschi, 1991, p. 74).

Essa perspectiva demonstra que, ao realizar uma seleção de determinados termos, o jornalista pode inadvertidamente escolher palavras que, de certa forma, não refletem completamente o significado original ou podem introduzir uma direção de discurso sutil, para moldar a opinião pública. Além disso, ao optar por uma construção sintática diferente, a estrutura da frase pode ser modificada, impactando a ênfase e a clareza das opiniões. Por isso, ao utilizar as conjunções e preposições, como “nem foi objeto de debate”, “acompanhada de”, “provavelmente”, “e” e “sem o PT”, atuam como conectores cruciais que delineiam as relações entre os fatos e as propostas. Esses elementos não apenas estruturam a narrativa, mas sinalizam as ênfases e as relações causais ou condicionais, moldando a interpretação do leitor e alinhando-o à visão ideológica subjacente. Ou seja, “o indivíduo é desumanizado, tratado como um fato e não como ator responsável” (Charaudeau, 2013, p. 156).

Passaremos agora para a análise das notícias veiculadas no portal Estadão e O Globo

Quadro 03 – Lula e a má-fé da esquerda**Lula e a má-fé da esquerda**

Publicado em 15 nov. 2023 por Estadão

O presidente Lula da Silva considera que a ofensiva de Israel contra o Hamas é “terrorista”, ao, segundo ele, “não levar em conta que mulheres e crianças não estão em guerra”. Numa só frase, o petista distorceu completamente o cenário da guerra, igualou situações inigualáveis e confirmou sua incapacidade de perceber a complexidade do mundo, prisioneiro que é do ranço ideológico de uma esquerda primitiva.

Não se sabe se o falatório de Lula atende a demandas dos militantes petistas, decerto insatisfeitos com as reações do Centrão no governo que deveria ser esquerdista, mas isso pouco importa: manda a decência que, na condição de presidente da República, Lula se informe melhor antes de tirar conclusões tão abomináveis, que envergonham o Brasil perante a comunidade internacional.

Lula deveria saber que nenhuma criança palestina estaria morrendo em bombardeios israelenses em Gaza se Israel não tivesse sido covardemente atacado por terroristas do Hamas no dia 7 de outubro passado; Lula deveria saber que o Hamas usa crianças como escudos humanos e hospitais como esconderijos e que esse grupo terrorista nunca se importou que as crianças e os doentes morressem sob bombas israelenses, pois o objetivo é desmoralizar Israel perante a opinião pública mundial; Lula deveria saber, por fim, que a intenção declarada do Hamas é dizimar Israel e os judeus, o que deveria ter ficado suficientemente claro com o ataque de 7 de outubro.

Mas Lula não sabe nada disso ou faz força para não saber – pouco importa, pois o resultado é o mesmo. Há um imperativo imoral no discurso do demiurgo petista: a barbárie é plenamente justificada se for realizada em nome das causas que seu partido e a esquerda defendem.

No caso em questão, o Hamas tem sido tratado por esquerdistas como um grupo heróico de resistência palestina contra o colonialismo israelense. Pouco importa que o Hamas trucidar civis inocentes se estes forem israelenses; não é relevante que o projeto do Hamas para a futura Palestina é um Estado islâmico que faria o Irã parecer uma democracia laica; também não interessa se os chefões do Hamas desviaram o dinheiro da bilionária ajuda internacional para Gaza para construir seu arsenal de guerra e para encher os próprios bolsos; e finalmente ninguém dessa esquerda primitiva quer saber se o Hamas pratica terrorismo não só contra Israel, mas também contra os próprios palestinos que o grupo deveria governar, reprimindo mulheres, homossexuais e qualquer forma de dissidência. Tudo o que importa, para Lula e sua seita, é que o Hamas fustiga Israel, considerado como braço do imperialismo americano no Oriente Médio.

Trata-se de um padrão. Esse mesmo Lula, não podemos esquecer, foi o presidente que, em meio à estupefação mundial com a agressão russa contra a Ucrânia, foi capaz de culpar os ucranianos pela guerra. A razão é óbvia: na interpretação lulopetista, os ucranianos estavam se aproximando do Ocidente, razão mais que suficiente para justificar o corretivo russo. Afinal, ninguém que se aproxime do Ocidente merece consideração da esquerda. Perde até o direito de

se defender.

Essa indecência só surpreende os estrangeiros que tinham Lula como grande líder mundial. Quem acompanha o petista desde os tempos de sindicalista sabe que ele construiu sua mitologia reduzindo tudo à luta entre trabalhador e patrão – ou entre oprimido e opressor, em escala global. E todos os que Lula considera oprimidos são, claro, moralmente superiores. Nessa chave, o regime cubano pode colocar quantos queira no paredão, pois tudo é feito em nome da necessidade de manter a revolução em curso e enfrentar a opressão americana; do mesmo modo, a Venezuela, uma rematada ditadura, é para Lula um exemplo de democracia, simplesmente porque é o grande bastião antiamericano no continente. Os exemplos podem seguir infinitamente, da Nicarágua do companheiro ditador Ortega, ao Irã do infame Ahmadinejad, que tratou Lula como “grande amigo”.

O “oprimido” da vez é o Hamas, em cuja defesa Lula se empenha com denodo, desprezando cruelmente a dor dos judeus massacrados em Israel – país que, afinal, para muitos esquerdistas, nem deveria existir.

Fonte: Estadão, 2023.

No primeiro parágrafo da notícia, podemos perceber uma opinião clara e contundente sobre a posição do presidente Lula da Silva em relação à ofensiva de Israel contra o Hamas. O posicionamento do jornal “ESTADÃO” já começa a ser delineado quando afirma que o presidente “distorceu completamente o cenário da guerra”, acusando-o de igualar situações inigualáveis e de ter uma “incapacidade de perceber a complexidade do mundo” devido ao seu suposto viés ideológico, como se mostra no excerto “[...] *numa só frase, o petista distorceu completamente o cenário da guerra, igualou situações inigualáveis e confirmou sua incapacidade de perceber a complexidade do mundo*” (Estadão, 2023). Essas afirmações sugerem não apenas uma discordância política, mas uma avaliação mais profunda do modo como o presidente interpreta e comunica informações e o ponto de vista ideológico do editorial que é contrário ao do presidente, demonstrando um caráter ofensivo que tenta persuadir o leitor.

Se analisarmos pelo ponto de vista de Bakhtin (2011), especialmente seu conceito de dialogismo, podemos destacar a falta de abertura para uma multiplicidade de vozes e perspectivas no discurso do presidente Lula, conforme percebida pelo o Estadão. A crítica de “prisioneiro que é do ranço ideológico de uma esquerda primitiva” (Estadão, 2023, 1º enunciado) implica que no, posicionamento do Estadão, o presidente é limitado por suas crenças ideológicas, e isso, de acordo com Bakhtin (2011), pode representar uma monologização do discurso, em que

apenas uma visão é permitida e outras são desconsideradas. Assim, o jornalista que está por trás da notícia, colocando o seu posicionamento através do Estadão, ao utilizar essa forma de jogar com as palavras, apresenta um movimento discursivo que nos encaminha ao entendimento de que “[...] a palavra jornalística está minada pela máquina que ela deve servir [...]”, segundo Charaudeau (2013, p. 243). Assim sendo, o discurso editorial sugere que a visão do presidente é reducionista e não leva em conta a complexidade do cenário da guerra, destacando assim uma falta de diálogo efetivo com diferentes perspectivas ideológicas.

Observamos no texto que, o autor (Estadão) usa palavras e expressões carregadas de conotações negativas ao se referir ao governo Lula e ao Centrão. Termos como “falatório”, e a menção de que o governo “deveria ser esquerdista”, como se mostra do trecho (Não se sabe se o falatório de Lula atende a demandas dos militantes petistas, decerto insatisfeitos com as reações do Centrão no governo que deveria ser esquerdista, mas isso pouco importa [...]) demonstra a sua postura crítica, indicando uma visão adversa ao governo atual e aos partidos que o apoiam. Essa escolha vocabular conforme Charaudeau (2013, p. 38) faz-nos compreender que “[...] toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha [vocabular] põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra”, que não apenas transmitem desaprovação, mas também evidenciam uma abordagem discursiva distorcida pelo autor para moldar a percepção pública dos eventos.

Além disso, a referência ao padrão moral ou ético expresso pelo sujeito discursivo, o qual Charaudeau chamou de “conjunto ‘impreciso’ de valores ético-sociais” e, acrescentou o, “afetivo-sociais”, os quais a instância midiática deve considerar para proporcionar uma informação alinhada, em maior ou menor medida, às expectativas do público (2013, p. 78-80), resumido na expressão “manda a decência”, vejamos: “[...] *mas isso pouco importa: manda a decência que, na condição de presidente da República, Lula se informe melhor antes de tirar conclusões tão abomináveis [...]*” (Estadão, 2023), revela uma visão que busca ancorar seus argumentos em valores morais e éticos específicos.

Desse modo, o autor enunciativo, o Estadão, advoga por uma perspectiva conservadora e tradicional desses valores, destacando a importância de aderir a padrões éticos reconhecidos pela “comunidade internacional”. Essa ênfase na ética pode indicar uma preocupação não apenas com a política, mas também com a reputação do Brasil em um contexto global. No entanto, é notável a ausência de citações a fontes para respaldar as afirmações do autor, como por exemplo, menção a organizações internacionais, como a ONU, tratados internacionais etc. Esta lacuna indica uma abordagem mais subjetiva e

opinativa, onde a visão pessoal do autor enunciativo (Estadão) desempenha um papel preponderante.

A falta de fundamentação dos fatos evidencia que o Estadão não está primariamente interessado em apresentar argumentos verificáveis, mas sim, em expressar uma narrativa que reflete sua perspectiva ideológica sobre os acontecimentos. Essa combinação de elementos não observáveis no texto revela as nuances presentes na construção do discurso, sugerindo uma abordagem impulsionada por uma perspectiva específica e uma valorização clara de princípios éticos que, aparentemente, o próprio Estadão, não segue.

Para afirmar seu posicionamento frente ao do presidente, o Estadão utilizou de recursos linguísticos, várias vezes que, de maneira polifônica, construíram uma sólida argumentação na busca de seu objetivo persuasivo. Nessa perspectiva, ressaltamos que a utilização da locução verbal “deveria saber” como podemos perceber nos seguintes fragmentos (Lula deveria saber que nenhuma criança palestina estaria morrendo em bombardeios israelenses [...]. Lula deveria saber que o Hamas usa crianças como escudos humanos [...]. Lula deveria saber, por fim, que a intenção declarada do Hamas é dizimar Israel e os judeus [...]), que no texto em análise, configura-se como uma marca de grande expressividade, busca expressar uma ideia de obrigação e de ignorância por parte do presidente.

O autor por trás do Estadão, quer dizer que o Lula tem o dever de saber certas coisas sobre o conflito entre Israel e Palestina, mas que ele não sabe ou não se importa com elas. Assim, o jornalista se utiliza dessa marca linguística para criticar o chefe de estado e para mostrar que ele tem uma visão diferente e oposta a dele, de forma a reforçar o seu argumento e conseguir persuadir o leitor a concordar com ele. O parágrafo abaixo revela uma clara inclinação ideológica por meio das escolhas linguísticas que o autor faz, destacando uma visão hostil em relação ao presidente Lula. Vejamos:

[...] Mas Lula não sabe nada disso ou faz força para não saber – pouco importa, pois o resultado é o mesmo. Há um imperativo imoral no discurso do demiurgo petista: a barbárie é plenamente justificada se for realizada em nome das causas que seu partido e a esquerda defendem (Estadão, 2023).

Ao analisarmos o trecho sob a perspectiva bakhtiniana, observamos uma clara orientação ideológica permeando as escolhas linguísticas do autor. Essas escolhas mantêm um diálogo com discursos e sujeitos sociais determinados no

tempo e no espaço discursivo, evidenciando aquilo que Bakhtin denominou de plurivocidade, e que passa a destacar a multiplicidade de vozes e perspectivas presentes em qualquer texto ou discurso. Analisando o trecho em questão, sob essa perspectiva, podemos perceber como o autor imprime uma voz singular que reflete uma visão específica sobre Lula, o Partido dos Trabalhadores (PT) e a esquerda política, que pode ou não, ser corroborada com outras vozes e sujeitos sociais.

Ao desqualificar Lula, no trecho supracitado acima, com expressões como “não sabe de nada disso” e “faz força para não saber”, o autor não apenas impõe sua perspectiva, mas também limita a diversidade de vozes que poderiam existir no discurso. A plurivocidade, nesse contexto, seria negligenciada, restringindo o diálogo e a consideração de perspectivas alternativas. Como bem nos lembra Bakhtin (2011, p. 386-387), “no diálogo, a destruição do adversário destrói a própria esfera dialógica da vida da palavra”. Por isso, quando uma voz é destruída ou silenciada, a riqueza do diálogo é comprometida, e a vida da palavra, que é alimentada pela diversidade de vozes, é prejudicada. Nesse sentido, ao utilizar termos de conotação pejorativa, como “barbárie”, ao descrever as causas defendidas pela esquerda, revela-se a voz singular do autor impondo uma visão ideológica específica. Bakhtin (2011) enfatiza a importância de reconhecer a diversidade de vozes dentro de um contexto ideológico, algo que apresenta ser subjugado no discurso em análise.

A ausência de fontes ou evidências objetivas para respaldar as afirmações do autor indica uma abordagem subjetiva. Na visão bakhtiniana, isso sugere a imposição autoritária de uma única voz, desconsiderando a riqueza que vozes alternativas poderiam agregar ao discurso. Assim, quando utiliza o termo “demiurgo petista” no excerto “Há um imperativo imoral no discurso do demiurgo petista [...]” (Estadão, 2023) cria uma hierarquia de significados, retratando Lula como uma figura poderosa e manipuladora que se utiliza das mídias. Essa escolha linguística não apenas reflete a visão do autor, mas também refrata a percepção do leitor sobre o presidente, moldando uma representação que pode ser interpretada como impositiva.

Contudo, no parágrafo seguinte, demonstrado no seguinte fragmento ([...] o Hamas tem sido tratado por esquerdistas como um grupo heróico de resistência palestina contra o colonialismo israelense. [...]. [...] ninguém dessa esquerda primitiva quer saber se o Hamas pratica terrorismo [...]. Tudo o que importa, para Lula e sua seita, é que o Hamas fustiga Israel, considerado como braço do imperialismo americano no Oriente Médio.), o autor aponta para uma visão de mundo que, segundo ele, para alguns setores da esquerda,

o foco na resistência ao que veem como ocupação israelense supera considerações sobre ações controversas ou violação de direitos por parte do Hamas.

Assim, o autor discursivo também menciona o apoio recebido do presidente Lula a essa perspectiva, implicando que, na visão apresentada, questões éticas e comportamentos do Hamas são subestimadas em favor da oposição a Israel. Isso corrobora com a visão de linguagem de Bakhtin (2009), como um fenômeno social e ideológico, já que a linguagem é um campo de luta entre diferentes vozes e perspectivas, que refletem e refratam as relações de poder e as ideologias existentes na sociedade.

Para tanto, Bakhtin (2009) propôs uma distinção entre dois tipos de ideologia, a oficial e a do cotidiano. De acordo com Bakhtin (2009), a ideologia oficial é aquela que é imposta pela classe dominante e pela superestrutura, representando os valores, crenças e narrativas que sustentam o status quo e os interesses das elites. Essa visão, pode ser referendada quando olhamos para os discursos do presidente Lula que são retomados dentro do texto do jornalista. É uma forma de controle ideológico que busca perpetuar as estruturas sociais existentes. Por outro lado, a ideologia do cotidiano, conforme delineada por Bakhtin (2009), emerge a consciência individual ou coletiva dos grupos sociais marginalizados ou revolucionários. Essa ideologia é muitas vezes expressa nas práticas cotidianas, no discurso popular, na cultura local e nos movimentos sociais que buscam contestar ou subverter a ordem estabelecida, essa ideologia que representa as classes, pode ser vista na própria fala do jornalista ao retomar o discurso do Lula e os discursos sociais.

Essa ideologia do cotidiano representa as vozes menos ouvidas, as perspectivas dos grupos que não estão no centro do poder, e muitas vezes desafia a narrativa oficial. Assim, no discurso do sujeito enunciativo, podemos perceber pelos argumentos que utiliza não contempla a variedade de perspectivas que existem dentro dos dois lados do conflito. Não reconhece a diversidade e a heterogeneidade das vozes e das ideologias que existem tanto de um lado quanto do outro, e que podem dialogar e conflitar entre si. Além disso, pela forma que joga com as palavras, percebe-se que não reconhece a possibilidade de uma solução pacífica e justa para o conflito, que respeite os direitos e as aspirações de ambos os povos.

Com essa visão, a forma como os fatos foram tratados, salienta para uma ideologia oficial que é dominante nos meios de comunicação e na política, que, nesse ponto, silencia ou marginaliza as ideologias do cotidiano expressas pelos movimentos sociais e grupos de resistência. Essa crítica que o autor faz, sugere

uma preocupação com a falta de representatividade das diversas perspectivas que compõem a complexidade do conflito Israel-Palestina, enfatizando a importância de dar voz às narrativas menos ouvidas e considerar alternativas que possam promover uma compreensão mais abrangente e justa do cenário.

Por fim, no último parágrafo, o sujeito discursivo (estadão), expressa claramente uma posição ideológica contrária ao Hamas e favorável a Israel. A linguagem sarcástica e ofensiva utilizada ao se referir ao Hamas como o “oprimido da vez”, sugere uma falta de simpatia ou solidariedade em relação ao grupo. Acusa Lula de se empenhar com “denodo” na defesa do Hamas, o que implica que ele é fanático ou irresponsável. Afirma que o presidente despreza “cruelmente” a dor dos judeus massacrados em Israel, sugerindo que ele é insensível e não enxerga empatia do líder político em relação às vítimas judias. O autor, por fim, generaliza que “muitos esquerdistas” não reconhecem a existência de Israel, além de associar essas posições a figuras políticas específicas, como Lula e setores da esquerda.

Quadro 04: O PT menospreza os riscos de 2026

<p>O PT menospreza os riscos de 2026</p> <p>Por Elio Gaspari</p> <p>19/11/2023 07h17 Atualizado há 2 horas</p> <p>Nas eleições presidenciais, é comum que um candidato saia vitorioso muito mais pela fraqueza do adversário do que pelo vigor de sua proposta. Em 2022 e em 2018, as vitórias de Lula e de Bolsonaro deveram-se mais à vulnerabilidade do derrotado. No ano passado, houve mais votos contra Bolsonaro do que a favor de Lula. Na eleição anterior, havia acontecido o contrário com Bolsonaro. Ele prevaleceu, ajudado muito mais por um sentimento antipetista do que por suas ideias, que eram poucas e confusas.</p> <p>O primeiro ano de mandato de Lula está para terminar, com um desempenho que cultiva a agenda negativa. A situação da economia e as amarras políticas dificultam-lhe a agenda positiva, mas uma certa autoconfiança típica de quem está no poder, mostra-se como fonte alimentadora do voto contra.</p> <p>Dois episódios recentes:</p> <p>Primeiro, a classificação dos crimes de guerra de Israel em Gaza como atos “terroristas”. Para um presidente que assumiu com áulicos sonhando em levá-lo ao Prêmio Nobel da Paz, da Venezuela à Ucrânia, Lula atravessou continentes para escorregar em cascas de bananas. Na guerra de Israel contra o Hamas, uma frase palanqueira, desperdiçou o prestígio adquirido pela diplomacia brasileira no Conselho de Segurança da ONU.</p> <p>Num segundo caso, o governo transformou uma limonada em limão com o episódio dos acessos de Madame Tio Patinhas aos escadões do Ministério da Justiça.</p>
--

Indo-se aos fatos: em março passado a senhora, mulher de um chefe do Comando Vermelho, visitou hierarcas e, na manhã de segunda-feira da semana passada, ela foi exposta. À tarde, o Ministério da Justiça mudou o seu protocolo de acesso a autoridades.

Houve um erro e foi corrigido. Seria o prenúncio de uma agenda positiva. Desde então, contudo, marchou-se heroicamente em busca de uma agenda negativa. Quem reclama é fascista, a madame tinha o direito de apresentar seus pleitos humanitários, inclusive com passagens pagas pela Viúva.

A segurança pública se tornou um assunto relevante na agenda nacional, e as mazelas da Bahia tisnam o desempenho dos governos petistas do Estado. Até agora o Planalto respondeu com planos ambiciosos e notoriamente fracassados. Talvez possam dar certo, mas chamar de fascista quem critica a ida de Madame Tio Patinhas aos gabinetes do Ministério da Justiça serve apenas para levar água ao monjolo da agenda negativa que já serviu de semente para o bolsonarismo.
[...]

Fonte: O globo, 2023

Nos primeiros enunciados do texto, o autor discursivo nos revela que as eleições de 2018 e 2022 foram marcadas por uma fragilidade de um dos adversários políticos, levando cada candidato à sua vitória por conta das condições políticas e discursivas, os acordos partidários feitos e a imagem que os mesmos construíram perante o povo e que passaram a permear cada candidatura, ao invés da força de suas propostas. Assim, analisando as entrelinhas do texto, parece-nos que há um movimento que indica uma dinâmica política na qual a escolha do eleitor é influenciada mais pela rejeição ao candidato adversário do que pela adesão entusiasmada às ideias do vencedor. No entanto, o que não é explicitamente dito pelo repórter, pode ser inferido do seu querer-dizer, quando se está transmitindo uma informação. Para Charaudeau (2013, p. 51), essa informação implícita “[...] consiste em um querer “fazer saber”, isto é, querer transmitir um saber a quem se presume não possuí-lo [...]”, indicando um interesse em compreender as motivações, intenções ou razões subjacentes por parte de alguém que comunica, refletindo, assim, no campo eleitoral um certo desencanto ou insatisfação com as opções disponíveis.

No contexto específico do primeiro ano de mandato de Lula 3, o repórter aponta para um desempenho que “cultiva a agenda negativa”. Aqui, há uma sugestão de que fatores como a situação econômica e as amarras políticas estão dificultando a implementação de uma agenda positiva. A referência a “uma autoconfiança típica de quem está no poder”, como se apresenta no seguinte trecho *[...] mas uma certa autoconfiança típica de quem está no poder, mostra-se como fonte alimentadora do voto contra.*). Esse discurso sugere que essa autoconfiança do presidente pode ter sérios impactos negativos, devido à sua posição frente à

situação descrita. Essa autoconfiança pode, a curto prazo, levar a decisões arbitrárias, falta de empatia ou uma desconexão com as preocupações e necessidades daqueles que não estão no poder, o que pode estar alimentando um voto contrário à frente.

Ao considerarmos o que não foi dito, podemos inferir que por trás das palavras do repórter há uma crítica à dinâmica política que parece mais centrada na rejeição do que na escolha entusiástica. Pode-se interpretar uma certa ironia nas palavras, sugerindo que a democracia poderia se beneficiar de um engajamento mais profundo e construtivo por parte dos eleitores, em vez de uma escolha motivada predominantemente pela aversão ao candidato adversário. É nesse jogo de intenções, nesse “dito e não dito, explícito e implícito, que não é perceptível por todos [...]” (Charaudeau, 2013, p. 38-39), que a mídia molda a opinião pública em favor ou contrário a determinado assunto.

Para Charaudeau (2013, p. 39)

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolhas de *estratégias discursivas*

Isso implica que, comunicar e informar vai muito além da simples transmissão de uma informação, são processos ligados diretamente com as escolhas que o sujeito faz. Essas escolhas abrangem não apenas a decisão sobre quais conteúdos transmitir, mas também se estendem à escolha das formas apropriadas para alinhar-se à forma como essas informações são apresentadas para a audiência-alvo. Isso não se restringe apenas ao uso adequado de palavras, mas inclui o estilo de comunicação e a aderência às normas linguísticas e de clareza.

Com isso, ao classificar os crimes de guerra de Israel em Gaza como atos “terroristas”, o autor apresenta o discurso do presidente Lula como uma escolha infeliz, destacando de forma irônica essa ação, considerando que Lula assumiu a presidência com a esperança ou expectativa de ser agraciado com o Prêmio Nobel da Paz. Essa aspiração, inicialmente vista com entusiasmo por seus apoiadores, agora é contrastada com a crítica pelo que é percebido como um deslize diplomático significativo. Na visão do autor, as declarações de Lula foram precipitadas, podendo

ter consequências negativas nesse cenário, e uma delas seria: ter comprometido o prestígio conquistado pela diplomacia brasileira no Conselho de Segurança da ONU.

As estratégias linguísticas que o autor emprega, carregam consigo uma orientação ou avaliação por parte do falante, isso não apenas transmite significado às palavras selecionadas e combinadas enunciativamente, mas também enfatiza que “toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. É por isso que na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (Bakhtin, 2009, p. 140). Isso sugere que, para Bakhtin (2009) a linguagem é mais do que uma simples transmissão de informações neutras. Cada vez que alguém se expressa, a escolha de palavras, entonação, estilo e outros elementos linguísticos não apenas comunicam um significado objetivo, mas também refletem as atitudes, valores e posicionamentos subjetivos do falante em relação ao que está sendo comunicado. Nesse sentido, essas escolhas evocam interpretações variadas por parte dos leitores. E é para esse movimento que entendemos caminhar os discursos proferidos e retomados pelo autor do texto. Vejamos um exemplo extraído do texto: “[...] o governo transformou uma limonada em limão com o episódio dos acessos de Madame Tio Patinhas aos escalões do Ministério da Justiça” (O Globo, 2023).

Ao descrever a transformação de “limonada em limão” em relação a um episódio específico do governo, o autor discursivo utiliza uma metáfora que, por sua natureza é aberta a diferentes interpretações. A escolha de comparar a situação a uma transformação de sabores, de algo inicialmente positivo para algo negativo, permite que os leitores preencham essa imagem com suas próprias percepções e julgamentos sobre a gestão governamental. Assim, a introdução de termos irônicos, como “Madame Tio Patinhas”, também contribui para essa multiplicidade de interpretações que, segundo Bakhtin (2011) retomam e fazem ressoar diferentes vozes e ideologias nos espaços de comunicação discursiva, entendendo que é na interação entre os indivíduo e entre uma multiplicidade de consciência que as identidades e a compreensão de si mesmo são moldadas por meio das interações com os outros. Em um ambiente social, as diversas consciências, ou seja, as perspectivas, opiniões e visões de mundo dos diferentes interlocutores, influenciam e moldam a construção da identidade do indivíduo.

Reconhece-se, assim, que a escolha de determinadas palavras não é neutra; ele convida os leitores a interpretarem o episódio de maneira não apenas

factual, mas também com um filtro crítico, pois, o diálogo entre diferentes vozes e pontos de vista, leva para uma formação e evolução de sua identidade. Em uma linguagem mais simples, quando falamos de algo, não o fazemos de maneira neutra; a variedade de perspectivas do objeto (representada pelos diversos discursos sociais) é denominada por Bakhtin (2009) como "vozes sociais." Essas vozes sociais constituem o processo de atribuição de significado às declarações, representando a maneira como um grupo social interpreta o mundo ao seu redor. Isso resulta na multiplicidade de significados, várias verdades e inúmeros discursos, que são expressos por meio de diferentes línguas ou vozes, contribuindo para a construção do sentido do mundo.

Nesse processo, à medida que o texto toma forma, todo discurso incorpora palavras que pertencem a outros, carregando consigo a expressão e o tom valorativo do autor original. Esse conjunto de vozes que são trazidas para o texto pode ser evidenciado quando o jornalista retoma discursos referentes às candidaturas dos dois presidentes da república, quando evoca os acontecimentos e os discursos proferidos sobre a guerra de Israel e Palestina, a presença da ONU, referindo-se às intenções do presidente Lula em relação ao Prêmio Nobel da Paz, a representação do Comando Vermelho e a do Ministério da Justiça.

Essas representatividades corporificadas pelos discursos e marcadas pelas palavras alheias, quando entram em diálogo com a expressão do autor do discurso, conferem uma singularidade à (re)criação da linguagem. É por esse motivo que Bakhtin (2010) aborda o discurso como bivocal, ou seja, um discurso orientado em duas direções, que considera as palavras do outro, sejam elas explícitas ou não. Esse processo inevitavelmente faz emergir as posições sociais, ideológicas e valorativas do locutor, mesmo que ele não tenha essa intenção.

No último parágrafo do texto, o repórter apresenta uma análise da questão da segurança pública, expressando sua perspectiva ideológica. A complexidade começa com a declaração de que a segurança pública tornou-se relevante na agenda nacional; uma afirmação que, embora aparentemente objetiva, permite uma abertura para o leitor para diversas interpretações sobre a natureza dessa relevância e as prioridades sugeridas. Como ao atribuir as "mazelas" da Bahia aos governos petistas do Estado, o repórter introduz uma pluralidade de vozes no seu discurso. Vejamos: *"A segurança pública se tornou um assunto relevante na agenda nacional, e as mazelas da Bahia tisnam o desempenho dos governos*

petistas do Estado” (O Globo, 2023). A palavra “mazelas” é carregada de subjetividade, abrindo espaço para interpretações variadas sobre a gravidade e a responsabilidade pelos problemas mencionados.

Quando utilizar a palavra “tisman” que tem origem no latim “tignare”, que significa manchar, enegrecer, de forma figurada para indicar as dificuldades, problemas ou falhas associadas à Bahia, o autor sugere que as questões negativas estão manchando ou prejudicando a reputação do desempenho dos governos petistas nesse estado. Para Melo (2003, p. 131) “[...] o diálogo no universo monológico dos meios massivos. Acolhe múltiplas vozes, orquestrando a diversidade simbólica. Introduce discrepâncias analíticas, fermentando o sadio pluralismo ideológico”. Assim, quando o discurso do jornalista traz à tona e acolhe múltiplas vozes, os meios de comunicação tornam-se espaços onde a diversidade simbólica é não apenas tolerada, mas ativamente promovida. Esse diálogo transcende as fronteiras do discurso unidirecional, dando lugar a um intercâmbio de ideias e perspectivas que enriquece a esfera pública.

Bakhtin (2010) assinala que a palavra, quando não interpretada como uma palavra impessoal da língua, pode de fato indicar um aspecto de diálogo ou interação na comunicação. Ele enfatiza a natureza convencional da linguagem e a necessidade de considerar o contexto em que a palavra é usada, refletindo o seu caráter ideológico. As relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciados integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro (Bakhtin, 2010).

Na visão de Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (2011), embora a palavra não pertença a ninguém em particular, ela também adquire significado e relevância quando é usada pelo locutor em um contexto específico. Nesse sentido, a palavra se torna uma parte do discurso do outro e preenche o eco dos enunciados alheios e “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” contribuindo para a comunicação e a compreensão mútua entre os sujeitos. A linguagem é, portanto, uma ferramenta compartilhada que ganha vida e sentido por meio do diálogo e da interação entre os sujeitos. Vejamos um trecho que exemplifica isso:

Até agora o Planalto respondeu com planos ambiciosos e notoriamente fracassados. Talvez possam dar certo, mas chamar de fascista quem critica a ida de Madame Tio Patinhas aos gabinetes do Ministério da Justiça serve apenas para levar água ao monjolo da agenda negativa que já serviu de semente para o bolsonarismo (Globo, 2023).

Assim, ao colocar como “ambicioso e notoriamente fracassados”, em que a avaliação de sucesso ou fracasso é subjetiva e dependente das perspectivas ideológicas do leitor, o autor busca por meio dessa escolha discursiva, marcada subjetivamente, moldar a opinião do seu público, permitindo que leitores busquem apenas pelo seu ponto de vista e não levem em conta as outras possíveis interpretações que o fato pode apresentar. Quando utiliza a metáfora “levar água ao monjolo” que é uma engenhoca tradicional movida pela força da água para moer grãos, representando um processo em movimento constante, em que a contribuição de água intensifica a ação já existente.

Ao empregar essa metáfora, o repórter sugere que chamar os críticos de “fascistas” não é apenas uma ação isolada, mas uma contribuição ativa para um processo em andamento, no qual uma narrativa negativa já está sendo alimentada. Essa narrativa negativa é então associada ao bolsonarismo, levando aos leitores para o pensamento crítico a influência e o fortalecimento de elementos que podem contribuir para a expansão desse movimento político.

Assim, a relação entre a não neutralidade da linguagem utilizada no relato jornalístico e o papel fundamental do diálogo na formação da identidade é evidente. A escolha de palavras não é apenas uma questão de transmissão de informações, mas também de influência na interpretação, destacando a natureza dinâmica e interativa da linguagem. Esse entendimento, enraizado nas ideias de Bakhtin, lança luz sobre a interconexão entre linguagem, interpretação e identidade em um contexto onde diferentes pontos de vistas colidem e se entrelaçam, “[...] cujo objeto já não é o enunciado, mas a enunciação, ou seja, a interação verbal” (Bakhtin, 2011, p. 27).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desbravando um caminho que agora se encerra, estamos diante do momento crucial de retornar ao ponto de partida, revelando as conclusões que emergiram após uma minuciosa investigação sobre a plurivocidade nas narrativas de gêneros da esfera jornalística. Durante essa incursão pelas intrincadas veredas da comunicação, ficou evidente que a plurivocidade não apenas enriquece, mas redefine a tessitura informativa, conferindo-lhe uma dimensão mais abrangente e participativa, engajando-nos em trazer à tona as vozes que ressoam nos discursos midiáticos, para revelar as complexidades das intencionalidades que estão por trás dos gêneros discursivos notícia e reportagem.

Ao adentrarmos no universo da mídia informativa brasileira, percebemos que a plurivocidade não apenas se manifesta na diversidade de meios de canais, mas também na riqueza de perspectivas que permeiam cada informação transmitida, onde a expressão individual se insinua através de traços únicos, no contexto midiático, a multiplicidade de vozes, ora convergentes, ora divergentes, tece uma trama complexa que desafia as fronteiras tradicionais da realidade.

Para além disso, a nossa investigação buscou evidenciar como a plurivocidade de vozes que se apresenta de forma implícita constitui o discurso jornalístico ao harmonizar dois processos que inicialmente se delineiam distintos, mas que, no conjunto, constituíam elementos fundamentais dos gêneros discursivos em análise. Estes processos referem-se à disseminação de discursos por meio de múltiplas vozes e à subsequente intencionalidade dessas perspectivas na construção do fato informado.

Abordar um tema extensivamente discutido por pesquisadores e estudiosos de diversas áreas do conhecimento, foi, sem dúvidas, uma tarefa de muita responsabilidade e, ao mesmo tempo, de grande satisfação para nós. A complexidade do processo de construção deste estudo não apenas representou um desafio intelectual, mas também uma oportunidade única de explorar as interconexões entre os elementos fundamentais que moldam a forma como as diversas vozes convergem e se manifestam no discurso jornalístico. Cada desafio que se apresentava durante o percurso foi encarado como uma oportunidade de aprimoramento e aprofundamento, levando-nos a uma compreensão mais abrangente não apenas de como as diversas vozes se apresentam no discurso

jornalístico, mas também dos intrincados fios que tecem a construção da informação e da multiplicidade de perspectivas. A responsabilidade de contribuir para um corpo de conhecimento já consolidado foi um estímulo constante para ultrapassarmos as barreiras de pesquisa convencional e explorarmos novas nuances.

Através da revisão da literatura, foi possível obter uma compreensão profunda da plurivocidade no contexto informativo midiático, revelando-se como a linguagem é constituída em seu redor com um papel central no desenvolvimento da capacidade de comunicação e na diversificação das perspectivas no cenário midiático. Mais do que uma simples emissão de vozes dispersas, a plurivocidade revela-se como uma janela para a criatividade e expressão de diferentes pontos de vista, manifestando-se tanto nos discursos quanto nas fontes midiáticas.

A multiplicidade de vozes que ecoaram nos discursos analisados permitiu que diferentes concepções fossem expressas de maneira única, proporcionando uma visão mais rica e abrangente do mundo informacional. Compreender como cada sujeito discursivo tece seu discurso na busca de revelar o seu querer-dizer, ou seja, sua intencionalidade, por meio do texto jornalístico transcende a visão tradicional que a plurivocidade é apenas uma coexistência de vozes. Em vez disso, revelou-se como uma poderosa forma de expressão da diversidade de perspectivas e uma plataforma pela qual diferentes vozes podem ser ouvidas e compreendidas.

Ao focar a plurivocidade, viu-se que as vozes presentes no discurso jornalístico não são homogêneas, mas sim uma teia complexa de perspectivas que entram na arena discursiva. Sob essa ótica, objetivamos não apenas analisar a plurivocidade na esfera jornalística dentro da perspectiva bakhtiniana, mas também redefinir a percepção das vozes que permeiam o cenário jornalístico, reconhecendo a complexidade intrínseca à multiplicidade de discursos, e como essas discussões sobre as múltiplas vozes na linguagem jornalística impactam não apenas a diversidade de perspectivas, mas também a formação de significados, seu querer-dizer, proporcionando o aprimoramento da comunicação jornalística contemporânea.

Conclui-se, assim, que a riqueza das vozes, diálogos interdiscursivos e conflitos encontrados na linguagem jornalística contribui significativamente para a complexidade e a vitalidade do discurso. A pesquisa revela que a plurivocidade não é apenas uma característica inerente à comunicação jornalística, mas também uma força motriz que molda a construção de significados e a interação com o público. O reconhecimento da plurivocidade e das intencionalidades dos sujeitos enunciadore

não apenas ampliam a compreensão do cenário informativo, mas demandam uma nova atitude em relação à diversidade de vozes presentes, considerando que a verdadeira compreensão emerge da interação dinâmica entre as distintas visões de mundo dos sujeitos. Dessa forma, para enxergar as reportagens e as notícias com um novo olhar, torna-se imperativo adotar uma postura que acolha e valorize a multiplicidade de linguagens que compõem esses gêneros discursivos, refletindo a riqueza que compõe toda essa atividade linguístico-discursiva.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 5. ed. Tradução: Aurora F. Bernardin; José P. Júnior; Augusto G. Júnior; Elena S. Nazário; Homero F. de Andrade. São Paulo: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução: Paulo Bezerra. Forense, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- Bolsonaro diz estar com 'consciência tranquila' em relação a pandemia; Brasil registra quase 100 mil mortos. **Istoé Dinheiro**, São Paulo, 6 ago. 2022. Disponível em: [Bolsonaro diz estar com 'consciência tranquila' em relação a pandemia; Brasil registra quase 100 mil mortos - ISTOÉ DINHEIRO \(istoedinheiro.com.br\)](https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-diz-estar-com-consciencia-tranquila-em-relacao-a-pandemia-brasil-registra-quase-100-mil-mortos-istoedineiro-com-br/). Acesso em: 25 out. 2023.
- BONINI, Adair. The distinction between news and reportage in the Brazilian journalistic context: a matter of degree. *In*: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. C. (Orgs). **Genre in a changing world**. Fort Collins, CO: WAC Clearinghouse, 2009.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução: Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. São Paulo: Porto Editora, 1994.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2015.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio discursivo. São Paulo: EDUC, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CORREIA, João Carlos. **O admirável mundo das notícias**: teorias e métodos. LabCom Books, 2011.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mollmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução: Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA JR. J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FRANCESCHINI, F. **Notícia e reportagem**: sutis diferenças. *Comum*: Rio de Janeiro, v.9 – nº 22 – p. 144 a 155 – janeiro/junho 2004. Disponível em: <https://pibidportuguesunespar.files.wordpress.com/2013/03/4-noticia-e-reportagem-sutis-diferencas.pdf>. Acesso em: 19 set. de 2023.

GASPARI, Elio. O PT menospreza os riscos de 2026. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2023. Disponível em: oglobo.globo.com/opiniao/elio-gaspari/coluna/2023/11/0-pt-menospreza-os-riscos-de-2026.ghtml. Acesso em: 19 nov. 2023.

GIL, A. C. **Estudo de caso**: fundamentação científica – subsídios para coleta e análise de dados – como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

LEMOS, Luana Santos. **A incorporação do discurso alheio**: a análise de uma reportagem. *Percursos Linguísticos*, v.1, n. 3, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/1750>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Lula e a má-fé da esquerda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/lula-e-a-ma-fe-da-esquerda/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium, Pernambuco**, ano 5, n. 1, 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>. Acesso em: 20 set. 2023.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, J. M. (Org.) *et al.* **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística**: um estudo do jornal "Folha de São Paulo" e da Revista "Veja". São Paulo: Universidade Metodista, Recife. 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PDF>. Acesso em: 04 set. 2023.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes. 2003.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

PEREIRA, Daniel. Os preocupantes sinais populistas no início do novo governo Lula. **Veja**, São Paulo, 6 jan. 2023. Disponível em: veja.abril.com.br/politica/os-preocupantes-sinais-populistas-no-inicio-do-novo-governo-lula. Acesso em: 9 nov. 2023.

SÁ-SILVA, J.R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J.R. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Julho, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Wellington Barbosa. O processo de constituição do gênero discursivo “desenho infantil escolar”: um olhar sobre o ato narrativo de desenhar. 2015. Tese (Doutorado em Pesquisa em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.